



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA – CCMN
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - IGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

LAPA: UM LUGAR CENTRAL PARA A SOCIABILIDADE NOTURNA

Andre Felix de Souza

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Mestre em geografia

Orientador: Prof. Paulo Cesar da Costa Gomes
Coorientador: Prof^ª. Letícia Parente Ribeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

LAPA: UM LUGAR CENTRAL PARA A SOCIABILIDADE NOTURNA

Data da aprovação: 05/ 09/ 2014.

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Mestre em geografia

Por:

Andre Felix de Souza

Aprovada por:

Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (orientador)
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Dr^a. Ana Maria Lima Daou
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Robert Moses Peckman
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro
Setembro de 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CCMN – INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA

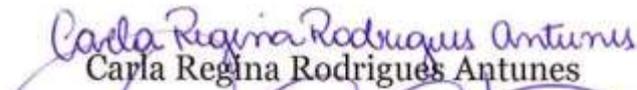
460ª ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Às dez horas e trinta minutos do dia 05 de setembro de dois mil e catorze, na sala 17, do Bloco I - Auditório do Programa de Pós-Graduação em Geografia, reuniu-se a Banca Examinadora aprovada constituída pelos seguintes membros: Professor Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (orientador), Professora Dra. Ana Maria Lima Daou e Professor Dr. Robert Moses Pechman para proceder ao exame de defesa de dissertação de Mestrado do(a) candidato(a) **André Felix de Souza** versando sobre “**LAPA: UM LUGAR CENTRAL PARA A SOCIABILIDADE NOTURNA**”. A sessão foi aberta pelo(a) Presidente da banca examinador(a) Professor Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes, que inicialmente passou a palavra ao candidato. Ao término da explanação, o(a) Presidente da banca examinadora deu início aos trabalhos de avaliação. Concluído o exame o(a) Presidente da banca examinadora solicitou a saída do(a) candidato(a) e do público assistente para que os examinadores pudessem discutir e avaliar o trabalho em julgamento. Em seguida, o(a) Presidente da banca examinadora convocou a presença do(a) candidato(a) e demais interessados para a divulgação do resultado final, que é o seguinte **André Felix de Souza** foi considerado(a) **Aprovado(a)** pela banca examinadora, fazendo jus ao título de **Mestre em Ciências – Geografia**. Encerrados os

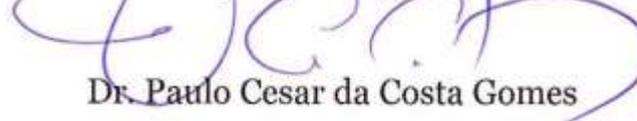
Ata que eu, Carla Regina Rodrigues Antunes, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, assino com os membros da banca examinadora e o candidato.

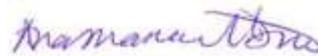
A BANCA SUBLINHA QUE O ALUNO DEMONSTROU EXCELENCIA NA ESCRITA, NA CONDUÇÃO E NA RESOLUÇÃO DO TRABALHO E EXCELENTE DESEMPENHO NA ARGUMENTAÇÃO

Rio de Janeiro, 05 de setembro de 2014.

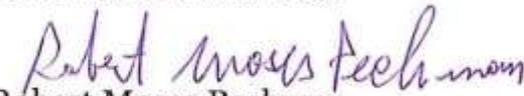

Carla Regina Rodrigues Antunes

Carla Regina Rodrigues Antunes


Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes



Dra. Ana Maria Lima Daou


Dr. Robert Moses Pechman

Dr. Robert Moses Pechman


Andre Felix de Souza

Andre Felix de Souza

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

FA5551 Felix de Souza, Andre
Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna / Andre Felix de Souza. -- Rio de Janeiro, 2014.
176 f.

Orientador: Paulo Cesar da Costa Gomes.
Coorientadora: Leticia Parente Ribeiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2014.

1. Sociabilidade. 2. Lapa. 3. Centralidade. 4. Requalificação urbana.. I. Gomes, Paulo Cesar da Costa, orient. II. Ribeiro, Leticia Parente, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

- A família e, em especial, a Eliane Lima Felix de Souza, Yolanda de Andrade Lima e meus irmãos, sem os quais esse trabalho não teria sido possível;
- Ao meu orientador, o professor Paulo Cesar da Costa Gomes (UFRJ) por todos esses produtivos e agradabilíssimos anos de convívio que me proporcionaram um incrível amadurecimento intelectual, profissional e pessoal, sua inteligência e erudição raras são para mim uma inesgotável fonte de admiração e inspiração;
- A professora Letícia Parente Ribeiro (UFRJ) por seus comentários, sugestões e reflexões brilhantes;
- A todos os integrantes do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania (UFRJ) que durante anos me ensinou o valor do trabalho intelectual coletivo e, especialmente, a Ana Marcela, Marcos Góis, Ana Brasil, Igor Robaina, Hernando Ceppeda e Victor Vasconcelos, pelos diversos debates e conversas; e a Washington Drummond, Paula Trojan, Amanda Fernandes, Níkolás Zanette, Thomaz Menezes e Rafaela Alcântara pela coleta e sistematização de parte dos dados e pela confecção de mapas e croquis;
- Aos professores Vincent Berdoulay (Université de Pau et des Pays de l'Adoure) e Ana Maria Daou (UFRJ), pela leitura atenta de uma versão preliminar do texto;
- Ao Centro Acadêmico Evaristo de Castro Júnior (CAGEO-UFRJ), pelas inúmeras horas de reflexões, debates, devaneios etc.;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, seus funcionários e seu corpo docente;
- Ao CNPQ pela bolsa de mestrado e a CAPES pela bolsa nota 10 de mestrado;
- A todos os amigos e conhecidos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Dedico esta dissertação ao meu querido pai, Elio Mario Felix de Souza.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS	8
RESUMO/ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO	12
Capítulo I - A SOCIABILIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO	
1. A cidade como sociedade urbana e o conceito sociabilidade.....	16
2. Ecologia humana e escola de Chicago: o urbano em foco.....	24
3. Sociabilidade e a microssociologia dos espaços públicos.....	38
Capítulo II - SOCIABILIDADE E GEOGRAFIA	
1. A sociabilidade como objeto de estudo da geografia.....	47
2. A justificativa e o método.....	61
3. O trabalho de campo, os instrumentos de pesquisa e o tratamento dos dados.....	70
Capítulo III - LAPA: UMA EXPRESSÃO DA SOCIABILIDADE CARIOCA	
1. Nascimento e decadência da identidade boêmia.....	77
2. O retorno da paisagem boêmia.....	87
3. O combate à obsolescência do centro da cidade.....	94
4. A requalificação urbana da Lapa carioca.....	98
Capítulo IV - DESCREVENDO A SOCIABILIDADE DA LAPA CARIOCA	
1. O padrão espacial de organização das aglomerações.....	114
2. Quem interage?.....	121
3. Como interage?.....	124
4. Onde interage?.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
BIBLIOGRAFIA	165
ANEXOS	173

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Tabela da coleta de dados do 1º trabalho de campo.....	72
Figura 2: Tabela da coleta de dados do 2º trabalho de campo.....	72
Figura 3: Tabela da coleta de dados do 3º trabalho de campo.....	73
Figura 4: Tabela da coleta de dados do 4º trabalho de campo.....	73
Figura 5: Tabela da coleta de dados do 5º trabalho de campo.....	74
Figura 6: Tabela da coleta de dados do 6º trabalho de campo.....	74
Figura 7: Tabela da coleta de dados do 7º trabalho de campo.....	75
Figura 8: Principais estabelecimentos comerciais da Rua Joaquim Silva.....	90
Figura 9: Ruas fechadas para o trânsito de carros.....	91
Figura 10: Ruas da Lapa durante as sextas à noite.....	92
Figura 11: Área contemplada pelo projeto Corredor Cultural.....	100
Figura 12: Quadro síntese do projeto Corredor Cultural.....	101
Figura 13: Imóveis de propriedade do Estado cedidos a instituições privadas.....	103
Figura 14: Quadro síntese do projeto Quadra da Cultura.....	104
Figura 15: Área de abrangência do projeto Distrito Cultural da Lapa.....	106
Figura 16: Obras de revitalização realizadas na Lapa.....	107
Figura 17: Quadro síntese do projeto Distrito Cultural da Lapa.....	107
Figura 18: Festas promovidas pelo projeto Novo Rio Antigo na Rua do Lavradio.....	109
Figura 19: Área contemplada pelo projeto Novo Rio Antigo.....	109
Figura 20: Quadro síntese do projeto Novo Rio Antigo.....	110
Figura 21: Etapas de implantação do projeto Lapa Legal.....	111
Figura 22: Projeto de requalificação urbana Lapa Legal.....	112
Figura 23: Área e ações da fase 1 do projeto Lapa Legal.....	112
Figura 24: Área e ações da fase 2 do projeto Lapa Legal.....	113
Figura 25: quadro síntese do projeto Lapa Legal.....	113
Figura 26: Localização geográfica do bairro da lapa.....	115
Figura 27: Limite geográfico do bairro da Lapa.....	116
Figura 28: Ruas do bairro da Lapa.....	116
Figura 29: Equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno.....	117
Figura 30: Croqui com aglomerações de pessoas nas ruas da Lapa.....	118
Figura 31: O padrão espacial de organização das aglomerações.....	120
Figura 32: Gráficos do perfil sociodemográfico dos frequentadores da Lapa.....	121

Figura 33: Mapa de origem dos frequentadores da Lapa (cidade do RJ).....	122
Figura 34: Gráfico 1 (entrevistas abertas)	124
Figura 35: Gráfico 2 (entrevistas abertas).....	125
Figura 36: Gráfico 3 (entrevistas abertas).....	126
Figura 37: Gráfico 4 (entrevistas abertas).....	128
Figura 38: Gráfico 5 (entrevistas abertas).....	129
Figura 39: Gráfico 6 (entrevistas abertas).....	130
Figura 40: Gráfico 7 (entrevistas abertas).....	131
Figura 41: Gráfico 8 (entrevistas abertas).....	132
Figura 42: Gráfico 9 (entrevistas abertas)	132
Figura 43: Gráfico 10 (entrevistas abertas).....	133
Figura 44: Gráfico 11 (entrevistas abertas).....	134
Figura 45: Croqui de localização depósito do litrão e Bar e Casa da Cachaça.....	136
Figura 46: Fotografia depósito do litrão.....	137
Figura 47: Fotografia depósito do litrão.....	137
Figura 48: Fotografia do Bar e Casa da Cachaça.....	138
Figura 49: Fotografia do Bar e Casa da Cachaça.....	138
Figura 50: Mapa de origem dos frequentadores do Bar e Cachaça e depósito litrão.....	142
Figura 51: Croqui de localização depósito da Rua Riachuelo.....	143
Figura 52: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo.....	144
Figura 53: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo.....	144
Figura 54: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo.....	145
Figura 55: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo.....	145
Figura 56: Mapa de origem dos frequentadores do Depósito da Rua Riachuelo.....	147
Figura 57: Croqui de localização feira noturna dos arcos da Lapa.....	148
Figura 58: Fotografia da feira noturna dos arcos da Lapa.....	149
Figura 59: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa.....	149
Figura 60: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa.....	150
Figura 61: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa.....	150
Figura 62: Mapa de origem dos frequentadores da feira noturna da Lapa.....	152
Figura 63: Croqui de localização Rua Joaquim Silva e Travessa da Mosqueira.....	153
Figura 64: Fotografia Rua Joaquim Silva.....	154
Figura 65: Fotografia Rua Joaquim Silva.....	154
Figura 66: Fotografia Travessa da Mosqueira.....	155

Figura 67: Fotografia Travessa da Mosqueira.....	155
Figura 68: Mapa de origem dos frequentadores da Rua Joaquim Silva.....	158
Figura 69: Croqui de localização da Escadaria Selarón.....	159
Figura 70: Fotografia Escadaria Selarón.....	160
Figura 71: Fotografia Escadaria Selarón.....	160
Figura 72: Fotografia Escadaria Selarón.....	161
Figura 73: Fotografia Escadaria Selarón.....	161
Figura74: Questionário.....	174
Figura 75: Entrevista.....	175
Figura 76: Manual de observação.....	176

RESUMO

Desde meados da década de 1990, a área que abrange o atual bairro da Lapa tem se configurado como uma área de forte atratividade para o lazer noturno na cidade do Rio de Janeiro. Nos fins de semana, à noite, milhares de pessoas, provenientes dos mais variados pontos da cidade, do estado, do país e do mundo se reúnem nesta pequena porção da zona periférica do centro da cidade, produzindo um grande espetáculo da vida pública. Suas ruas, praças, bares, boates, casas de show e depósitos de bebidas se transformaram em um dos mais disputados pontos de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro ou, em outras palavras, conforme sugere o vocabulário geográfico, um lugar central para a sociabilidade noturna. Nesta dissertação de mestrado, particularmente, tomamos como objeto de estudo a sociabilidade pública da Lapa carioca, ou seja, as formas de interação social que ocorrem nas ruas, praças e calçadas da Lapa à luz de um ponto de vista geográfico.

Palavras-chave: Sociabilidade; Lapa; Centralidade; Requalificação urbana.

ABSTRACT

Since the mid-1990s, the area encompassing the current Lapa neighborhood has emerged as a highly attractive area for evening entertainment in Rio de Janeiro city. On weekends, at night, thousands of people from the most diverse points of the city, state, country and the world gather in this small portion of the peripheral zone of the city center, producing a big spectacle of public life. Its streets, squares, bars, nightclubs, concert halls and deposits of drinks turned into one of the most disputed night points of Rio de Janeiro city, in other words, as suggested by the geographical vocabulary, a central place for the night sociability. In this dissertation, particularly, we take as the object of study the public sociability of Rio's Lapa, ie, the forms of social interaction that occur in the streets, plazas and sidewalks of Lapa through a geographical point of view.

Keywords: Sociability; Lapa; Centralization; Urban renewal.

INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1990, a área que abrange o atual bairro da Lapa tem se configurado como uma área de forte atratividade para o lazer noturno na cidade do Rio de Janeiro. Nos fins de semana, à noite, milhares de pessoas, provenientes dos mais variados pontos da cidade, do estado, do país e do mundo se reúnem nesta pequena porção da zona periférica do centro da cidade, produzindo um grande espetáculo da vida pública. Suas ruas, praças, bares, boates, casas de show e depósitos de bebidas se transformaram em um dos mais disputados pontos de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro; em outras palavras, conforme sugere o vocabulário geográfico, um lugar central para a sociabilidade noturna.

Esse fenômeno tem chamado atenção de uma série de pesquisadores de campos diversos das ciências humanas e/ou sociais que, de maneira geral, tentam entender algumas de suas principais causas e consequências, enriquecendo o debate com uma grande diversidade de pontos de vista: (IRIAS, 2007; ARAÚJO 2009; DUARTE, 2009; BAESA, 2010; SANTOS, 2011; GUTERMAN, 2012; MOSCIARO, 2012) planejamento urbano, arquitetura e urbanismo; (COSTA, 2010; BRANDÃO, 2011) sociologia; (CASCO, 2007; OLIVEIRA & SANTOS, 2010) antropologia; (HERSCHMANN, 2006; GOÉS, 2007; VERÍSSIMO, 2009) comunicação social; (SILVA, 2010) economia, (COSTA, 1993; MARTINS & OLIVEIRA, 2009; BARTOLY, 2013; FELIX, SÁNCHEZ & GÓIS, 2013) geografia, dentre outros.

Além das transformações de âmbito físico (reforma de fachadas, reformulação de praças, calçadas e ruas, proliferação de bares, boates, cabarés, casas de show, depósitos de bebida etc.) - como frequentador assíduo da Lapa pelo menos desde 2005 - sempre nos chamou atenção a enorme quantidade e diversidade de pessoas que vinham de lugares muito diversos para se reunir nesta pequena área, com o intuito de se divertir: escutar música, dançar, consumir bebidas e quitutes diversos e conhecer indivíduos ou grupos de diferentes partes da cidade; em suma, pessoas que buscavam uma sociabilidade diversa, claramente expressa na ocupação de suas ruas, calçadas, praças, bares, boates, cabarés etc.

Desta inquietação surgiu o argumento central de nossa proposta: a partir de meados da década de 1990 podemos afirmar que houve na Lapa a transição daquilo que estamos chamando de uma sociabilidade na cidade para uma sociabilidade da cidade, ou seja, acreditamos que anteriormente a década de 1990, não existia um espaço com tamanha centralidade, no que se refere à sociabilidade noturna, na cidade do Rio de Janeiro. Por outras palavras, nenhum outro

lugar na cidade atrai tantas pessoas, de lugares tão diversos, com o intuito de interagir socialmente, quanto a noite da Lapa atualmente.

Em nossa dissertação de mestrado, particularmente, tomaremos como objeto de estudo a sociabilidade pública, ou seja, as formas de interação social que ocorrem nas ruas, praças e calçadas da Lapa, predominantemente as sextas e sábados à noite, a luz de um ponto de vista geográfico. Acreditamos que a partir da descrição destas formas de interação social seja possível reconhecer territorialidades e territorializações que porventura norteariam estas formas de *sociação*¹. Nosso objetivo, portanto, é descrever algumas das estratégias dos diferentes grupos e indivíduos (de variadas classes, subculturas e lugares da cidade) que concorrem no processo de interação social deste espaço, evidenciando a forma como o espaço geográfico permeia esta relação.

Dessa maneira, alguns questionamentos são fundamentais: qual o papel dos espaços públicos para a sociabilidade desses grupos e indivíduos na Lapa? A diversidade sociocultural que caracteriza o seu público frequentador evidenciaria uma forma de interação conflituosa? Podem ser observadas territorialidades e/ou territorializações por parte dos grupos e indivíduos Co presentes neste espaço? Que estratégias regem essas formas de interação? Qual o grau de atratividade deste espaço de sociabilidade, isto é, sua área de influência? Podemos agrupar essas ideias em três questões-chave: quem interage, como interage e, principalmente, onde interage?

Para atender aos objetivos expostos dividimos esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo fazemos uma breve reflexão teórico-conceitual baseada em campos disciplinares como a sociologia e a antropologia, dialogando com autores como Georg Simmel, Norbert Elias, Robert Ezra Park, Louis Wirth, Heitor Frúgoli, Isaac Joseph, Erving Goffman, entre outros. Trata-se fundamentalmente da discussão sobre o conceito sociabilidade, suas origens e evolução.

¹ O termo *sociação* é utilizado pelo sociólogo alemão Georg Simmel para caracterizar uma forma de interação social não efêmera: “quando duas pessoas cruzam olhares fugazmente, ou quando se acotovelam em uma fila de bilheteria, não podemos dizer que estão se sociando (*vegessells-chafeftet*)” (SIMMEL, 2006, p. 16) “A *sociação* é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses” (...) “se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam”. (SIMMEL, 2006, p. 61)

No segundo capítulo fazemos a discussão teórico-metodológica, demonstrando como o nosso objeto de estudos, a sociabilidade pública da Lapa carioca, pode ser explorado por geógrafos. Para tal, dialogamos com autores como Friedrich Ratzel, Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Denis Cosgrove, Roberto Lobato Corrêa, Paulo Cesar Gomes, Milton Santos, Gilberto Velho, Roberto DaMatta, Marco Mello, Herbert Gans, William Foote Whyte, entre outros. Neste capítulo discutimos ainda algumas questões referentes à operacionalização desta pesquisa, como os instrumentos metodológicos utilizados, a execução dos trabalhos de campo e o tratamento dos dados.

No terceiro capítulo damos início à discussão sobre o nosso estudo de caso. Buscamos saber, a partir de um levantamento histórico, que fatores teriam atuado de forma direta e indireta no processo de construção dessa nova centralidade que caracteriza o bairro da Lapa. Com base na literatura sobre o tema (dissertações, teses, artigos científicos, livros e notícias de jornais) elencamos os principais condicionantes deste processo de redescoberta do bairro boêmio pela população carioca, a saber: sua histórica identidade boêmia; o combate à obsolescência do centro da cidade do Rio de Janeiro e a fantástica proliferação de equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno que aconteceu nesta área após a década de 1990.

No quarto e último capítulo descrevo e analiso os dados obtidos em campo. Foram elaborados mapas, croquis, tabelas, gráficos e fotografias para a exposição dos resultados. Com base em alguns conceitos apresentados na reflexão teórica desta dissertação, analisamos estes dados conferindo especial destaque à dimensão espacial dos fenômenos. Assim sendo, esperamos ter contribuído com o estudo geográfico de um tema pouco privilegiado por esta disciplina, a sociabilidade.

Capítulo I
A SOCIABILIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

A cidade como sociedade urbana e o conceito sociabilidade

Segundo o filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) o conceito de sociedade, em seu sentido mais amplo, significa exatamente "a interação psíquica entre indivíduos" (SIMMEL, 2006, p. 15). Para Georg Simmel todos os fenômenos sociais são, por sua natureza, essencialmente inter-relacionais; todo agrupamento social pressupõe a existência de laços estabelecidos entre indivíduos que a partir da influência mútua que exercem uns sobre os outros formam uma unidade, mais especificamente, uma sociedade: "a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros" (SIMMEL, 2006, p. 17).

“a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros.” (...) “Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente uma ‘sociedade’”. (SIMMEL, 2006, pp. 59-60)

Em sentido próximo, o historiador e sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) afirma que a sociedade é, antes de qualquer coisa, uma porção de pessoas juntas (ELIAS, 1994, p. 13). Na concepção deste autor, não há uma dicotomia ou oposição entre os conceitos de indivíduo e sociedade, pois o conjunto dos indivíduos forma a sociedade e toda sociedade é uma sociedade de indivíduos. Faltam para ele, porém, modelos conceituais que nos possibilitem compreender de que modo o conjunto dos indivíduos compõe entre si algo maior e diferente do que uma mera coleção de indivíduos isolados, isto é, como eles formam uma sociedade? Como essas "sociedades" podem se transformar ao longo do tempo sem que haja um curso histórico pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que as compõe? (ELIAS, 1994, p. 16)

"Há, entre essas pessoas, uma ligação funcional preexistente que não é apenas somatória. (...) Todas essas funções interdependentes, as de diretor da fábrica ou mecânico, dona-de-casa, amigo ou pai, são funções que uma pessoa exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos. Mas cada uma dessas funções está relacionada com terceiros; depende das funções deles tanto quanto eles dependem dela. (...) Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; (...) E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, que chamamos 'sociedade'. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos

'estruturas sociais'. E, ao falarmos em 'leis sociais' ou 'regularidades sociais', não nos referimos a outra coisa se não isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas." (ELIAS, 1994, pp. 22-23)

Conforme destaca Robert Ezra Park (1864-1944), podemos afirmar que a lógica do urbano está, em uma primeira análise, ligada a ideia de que a aglomeração humana é uma necessidade inerente à própria vida social. Nesse sentido, podemos dizer que o fenômeno urbano é essencialmente um fenômeno social, isto é, um produto da interação entre os homens que buscam na aglomeração vantagens relativas. Mas a cidade não deve ser caracterizada apenas como um ambiente no qual os indivíduos e grupos interagem regularmente, ela é, invariavelmente, um objeto físico. A cidade pode ser entendida, nesse sentido, como sendo a materialização no espaço do fenômeno urbano, conforme destaca Park, ela é:

"algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos - tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição." (PARK, 1973, p. 26)

Foi no período histórico conhecido como Idade Moderna que, conforme nos ensina Lewis Mumford, o mundo se transformou em uma grande cidade; ou seja, o processo de urbanização se acentuou de forma dramática. Apesar de muito anterior à modernidade, pelo menos desde o início do renascimento (séc. XVII), passando pela revolução industrial e a revolução francesa, a cidade é concebida como uma das mais importantes e complexas formas de associação/aglomeração humana das civilizações ocidentais. (MUMFORD, 1965)

É nesse sentido que, no entender de Louis Wirth, por exemplo, podemos afirmar que "a característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as ideias e as práticas que chamamos de civilização" (WIRTH, 1973, p. 90). A cidade é, segundo Wirth, a morada do homem moderno, uma forma específica de associação humana. Uma dada sociedade urbana, do ponto de vista sociológico, seria então caracterizada pela quantidade, densidade e o grau de heterogeneidade de sua população. Em conjunto, esses indivíduos que compõe uma cidade, que interagem regularmente no meio urbano, produziram uma forma particular de relação social. Nestes termos, o urbanismo é reconhecido como um modo de vida, isto é, um produto da urbanização crescente que transforma em seu movimento as relações sociais. (WIRTH, 1973)

Conforme destacam Georg Simmel e Norbert Elias há inúmeras formas ou tipos de sociedade, ou seja, as pessoas podem se associar umas em relação às outras de maneiras muito diversas. O estado, a família, corporações, classes, associações, e até mesmo as nações, constituiriam unidades que comportariam diferentes formas de relação e/ou modos de interação entre os indivíduos e grupos que as compõe (SIMMEL, 2006; ELIAS, 1994). Igualmente diversas são também as formas de aglomeração humana, aldeias, vilarejos e cidades, são alguns dos muitos exemplos existentes na história urbana (MUMFORD, 1965). Porém, em todos esses casos, essas formas de associação e/ou aglomeração de pessoas dependem do estabelecimento de algum nível de contato ou comunicação entre os indivíduos, que na prática significa a necessidade de viver conjuntamente socializado.

É nesse sentido que podemos falar na existência de um homem urbano, isto é, um indivíduo que, ao mesmo tempo, vive em um espaço com determinadas características, que possui uma função e pertence a um grupo de indivíduos que possuem uma série de hábitos de vida: costumes, tradições, tarefas, formas de ver, formas de fazer, formas de comunicar, formas de produzir e de consumir, isto é, formas de interagir. E para que eles possam viver em sociedade, necessitam da presença e do trabalho de outros numerosos grupos de pessoas que hoje vivem, majoritariamente, em um espaço que é simultaneamente igual e diferente em comunidades nacionais de todo o mundo, a cidade.

Assim sendo, podemos afirmar que cada pessoa que passa por outra em uma rua movimentada de uma grande cidade, mesmo que nunca a tenha visto, está ligada a ela e a tantas outras por laços sociais invisíveis (de trabalho, de propriedade, de instintos, de afetos etc.). Em cada associação de seres humanos, diz Norbert Elias, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica, ela é diferente em uma tribo de criadores nômades de gado e em uma tribo de agricultores; as sociedades feudais possuem uma estrutura funcional completamente diferente daquela encontrada em uma sociedade industrial; ela é diferente, inclusive, nas diversas comunidades nacionais da própria sociedade industrial. (ELIAS, 1994, p. 22)

Podemos pensar nos conceitos de cidade e sociedade como análogos a ideia de rede, mais especificamente, uma rede que está sempre em constante movimento e cujas ligações se fazem e se refazem a todo instante. O conceito de rede, assim como os conceitos de sociedade e cidade, é relacional, ou seja, é produto da interação de unidades menores. O ser humano é um ser social, pois ele "depende" da companhia de outros para sobreviver; a sociedade e a

cidade podem ser concebidas, nesse sentido, como uma rede de pessoas, cuja complexidade é e sempre será infinita.

Talvez seja por isso que na maior parte dos dicionários de língua portuguesa, a palavra sociedade apareça como sendo uma forma de associação entre pessoas, enquanto que a palavra cidade remeta mais a ideia de aglomeração ou concentração de pessoas, indivíduos ou grupos sociais. Se isso for verdade, podemos falar então na existência de uma sociedade urbana, ou seja, uma forma de associação ou interação entre humanos que busca na aglomeração satisfazer os desejos e interesses individuais e/ou coletivos daquelas pessoas que as compõe. De maneira geral podemos afirmar, portanto, que associação/aglomeração, sociedade/cidade são conceitos que estão intimamente relacionados. Toda cidade é uma forma de sociedade, e toda sociedade é uma forma de interação entre indivíduos, assim sendo, toda cidade é também uma forma de associação que possibilita ou proporciona a interação entre indivíduos e/ou grupos sociais.

A sociologia proposta por Simmel tem como pressuposto básico a ideia de que o ser humano, em toda sua essência e expressão, vive em constante interação com outros seres humanos (SIMMEL, 2006, p. 20). Esse ponto de vista singular seria no entender deste autor, uma forma de a sociologia se diferenciar de todas aquelas outras ciências que teriam como objeto de reflexão a sociedade, como é o caso da psicologia, da história, da antropologia etc. (SIMMEL, 2006, p. 22). Em suas palavras: "a sociologia não é uma ciência especial quanto ao conteúdo de seus problemas. Mas em termos de seu modo particular de responder as questões, ela é uma ciência específica". (SIMMEL, 2006, p. 35)

No entender de Georg Simmel, podemos considerar o conceito de sociedade uma abstração, um constructo intelectual (SIMMEL, 2006, p. 10). O termo sociedade seria, nesta acepção, apenas um nome que damos a este círculo de indivíduos unidos por laços ou relações mútuas de interdependência que, por esse motivo, formam uma complexa unidade, ou seja, um todo unificado que é produto da interação de unidades menores. Para Norbert Elias, porém, a palavra "todo", que nos evoca a ideia de algo completo em si, com contornos nítidos, com uma forma perceptível e uma estrutura discernível e visível não se aplica à sociedade. Pois esta última não possui essa forma perceptível; suas estruturas, na maioria das vezes, não podem ser apreendidas por nossos sentidos. A sociedade, considerada como totalidade, é sempre mais ou menos incompleta, pois ela nunca é estática, está sempre em constante movimento. (ELIAS, 1994)

Como sabemos, o todo é diferente da soma de suas partes, pois incorpora leis de um tipo especial, que não podem ser elucidadas a partir do exame de seus elementos isolados. Todos os indivíduos que compõem uma sociedade possuem uma função, algum tipo de tarefa para os outros. Isto significa que todo indivíduo que compõe uma sociedade está sempre em constante relação com outro, seja diretamente, como em um encontro face a face, seja indiretamente, através da função que este desempenha em relação aos outros. Para Elias, esse arcabouço básico de funções interdependentes que caracterizam certa sociedade não depende da criação de indivíduos isoladamente considerados. Pois cada indivíduo, mesmo o mais poderoso deles (um chefe tribal, um monarca absolutista, um imperador, ou um ditador), é representante de uma função que é gerada e mantida a partir de uma complexa relação que é estabelecida com outras funções. (ELIAS, 1994, pp. 16-22)

Nesta acepção, as leis e estruturas sociais são as estruturas e leis das relações entre as pessoas. Não se compreende ou interpreta uma melodia musical analisando suas partes (notas musicais) isoladamente, sem relação com as demais. Sua estrutura é exatamente a relação que se estabelece entre as diferentes notas. Nesse sentido, para se compreender uma sociedade, afirma Elias: "é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções" (ELIAS, 1994, pp. 24-25). Não há, nesta acepção, uma separação tão rígida entre os conceitos de indivíduo e sociedade, pois ambos os conceitos estão intimamente relacionados. A sociedade e o indivíduo são, nesse sentido, produtos da interação: "A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo". (ELIAS, 1994, p. 67)

Na perspectiva de Simmel e Elias, portanto, não há uma sociedade "como tal" (conceitualmente falando), mas um movimento constante que aproxima ou separa constelações constituídas; o conceito de sociedade seria, sob essa ótica, uma abstração. Ao introduzir essa noção singular do conceito de sociedade, segundo Raymond Boudon, Georg Simmel teria se inclinado para uma espécie de individualismo metodológico, do qual seria um dos precursores. (*apud* FRÚGOLI, 2007, p. 11)

Se na perspectiva de Georg Simmel e Norbert Elias, o conceito de sociedade é visto como a interação entre indivíduos, caberia aos cientistas sociais descrever estas formas de interação. É nesse sentido que Georg Simmel inscreve o estudo da sociabilidade, entendida como uma forma específica de relação ou interação social. A sociabilidade em Simmel tem como característica essencial a ideia de que os indivíduos, ao se relacionarem, não necessariamente

o fazem com algum objetivo ou finalidade prática. Uma dada reunião de indivíduos pode ocorrer simplesmente pela vontade de socializar, de interagir socialmente. A finalidade da sociabilidade é a própria interação social em si, isto é, a sociabilidade é autônoma com relação aos seus conteúdos. Em suas palavras: "aquilo que de resto é apenas forma de interação torna-se seu conteúdo mais significativo" (SIMMEL, 2006, p. 76). Eis o motivo pelo qual, na maior parte das línguas europeias, "'sociedade' signifique exatamente 'convivência sociável'". (SIMMEL, 2006, p. 65)

Para Georg Simmel, a metrópole moderna possui um ritmo de vida muito diferente daquele encontrado em uma cidade pequena ou em uma área rural. A multiplicidade de pessoas, com interesses tão diferenciados, convivendo em um ambiente altamente complexo que é a cidade, cria condições psicológicas especiais. É nesse sentido que em seu texto clássico *the metropolis and mental life* Simmel diz que para se viver em uma metrópole devemos desenvolver aquilo que ele chamou de *atitude blasé*. Esta deve ser entendida como uma forma de autopreservação dos diferentes estímulos propiciados pelo ritmo de vida metropolitano. Sem essa reserva ficaríamos loucos diante dos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas. Como resultado deste processo têm-se indivíduos que aparentam ser cada vez mais frios e desalmados:

"é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, (...) Toda a organização interior de uma vida comunicativa tão extensiva repousa sobre uma hierarquia extremamente variada de simpatias, indiferenças e aversões (...) aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. (SIMMEL, 1973, pp. 17-18)

Simmel utiliza expressões como vida psíquica metropolitana, ritmo metropolitano de acontecimentos, tipo metropolitano de homem, vida metropolitana, intelectualidade metropolitana etc., para demonstrar que o homem metropolitano é cultural e psicologicamente diferente de um homem que vive em uma pequena cidade ou em uma área rural:

"Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextrincável. Acima de tudo, esta necessidade é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo." (SIMMEL, 1973, pp. 14-15)

Assim sendo, para este autor, a metrópole confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal que não tem qualquer analogia sob outras condições. Para ele, nesse sentido:

"A medida que o grupo cresce - numericamente, espacialmente, em significado e conteúdo de vida - na mesma medida, a unidade direta, interna do grupo se afrouxa e a rigidez da demarcação original contra os outros é amaciada através das relações e conexões mútuas. (SIMMEL, 1973, p. 19)" (...) "é função da metrópole fornecer a arena para este combate e a reconciliação dos combatentes. Pois a metrópole apresenta as condições peculiares que nos são reveladas como as oportunidades e os estímulos para o desenvolvimento de ambas essas maneiras de conferir papéis aos homens." (SIMMEL, 1973, p. 25)

A cidade moderna congrega infinitas possibilidades de contato entre indivíduos e grupos. Estes contatos, normalmente, ocorrem em função de algum estímulo, impulso ou finalidade. Aqui, contudo, estamos nos referindo a um tipo específico de interação social, aquela que é, na definição de George Simmel, autônoma em relação aos seus conteúdos e/ou finalidades:

"Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade." (...) "para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar juntamente socializado" (...) "o 'impulso à sociabilidade', em sua pura efetividade, se desvincilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de 'sociabilidade' [Geselligkeit] em sentido rigoroso"² (SIMMEL, 2006, p. 64)

No senso comum, tal expressão é comumente utilizada para designar qualquer tipo de interação social, porém, do ponto de vista conceitual, é necessária uma maior delimitação para que este não perca o seu potencial explicativo. Para o historiador de cidades Jacques Le Goff, por exemplo: "é a sociabilidade, o prazer de estar com o outro" (LE GOFF, 1998, p.124). Tal definição é muito próxima daquela oferecida pelo Dicionário Houaiss, onde a sociabilidade seria o "prazer de levar a vida em comum". (apud GUIMARÃES, 2008 p. 10)

Segundo Cláudia Rezende, a noção de sociabilidade na teoria social se refere geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas (visitas, encontros e festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais para além do círculo familiar). Muitos estudos tratam a sociabilidade como prática propícia a afirmar valores, reforçar certos tipos de relação, construir identidades. A sociabilidade seria, nesse sentido, dotada de um caráter positivo – construtivo e afirmativo - para as pessoas que dela participam. Porém, segundo ela, isto não anula a possibilidade de que, mesmo dentro de certos estilos de

² Faz-se necessário distinguir estes dois importantes conceitos presentes na obra de Simmel - *forma e conteúdo*. Entendemos por *conteúdo* o impulso, o interesse, a finalidade, a tendência, o condicionamento psíquico, o objetivo, ou a justificativa de uma dada reunião de indivíduos ou grupos sociais (fins econômicos, políticos, culturais etc.). Chamamos de *forma* a maneira, a "morfologia", o tipo, ou seja, o formato social de uma dada reunião de indivíduos ou grupos (partidos políticos, agremiações, a família etc.) (SIMMEL, 2006, p. 60)

sociabilidade, se afirmem diferenças ou até surjam conflitos entre as pessoas (REZENDE, 2001, pp. 167-168). Como prática de confraternização, a sociabilidade possui uma dupla função: ela realça as diferenças e as separações e, simultaneamente, ela cria vínculos de pertencimento e de identidade.

Na definição de Georg Simmel, a sociabilidade não é vista genericamente como qualquer forma de relação ou interação social, mas sim como uma forma específica de associação entre indivíduos e/ou grupos, no qual se enfatiza o prazer de levar a vida em comum, de se estar em situação de copresença. “A sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdos, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele”. (SIMMEL, 1983b, p.170 *apud* LEONE, 2007, p. 37)

Segundo Gilberto Velho (2001, pp. 203-205) o conceito de sociabilidade em Georg Simmel é preciso. É quase um tipo ideal, uma relação social pura, sem finalidades outras que não a própria interação. Contudo, ao longo do tempo este conceito adquiriu outras conotações, estando ligado principalmente ao estudo do cotidiano. Para este autor, todo estudo etnográfico lida com o cotidiano, com pessoas em interação. O que o etnógrafo faz, em grande medida, é descrever a interação social de indivíduos ou grupos, isto é, como as pessoas no dia a dia se classificam se relacionam, se expressam e se comunicam. Em suas palavras:

"a sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos mais diferentes tipos. É claro que, num outro plano, tudo é sociabilidade. Se você quiser ter um pouco de precisão, vale a pena fazer alguns esforços não muito dogmáticos e distinguir algumas áreas que são tipicamente classificáveis como áreas de reflexão sobre sociabilidade." (VELHO, 2001, p. 205)

Atualmente, a maior parte dos estudos que contemplam essa temática utiliza tal conceito de forma instrumental e genérica, como sinônimo de qualquer tipo de relação ou interação social. Aqui, contudo, descreveremos um fenômeno que parece estar mais próximo ao conceito de sociabilidade desenvolvido por Georg Simmel. Acreditamos que a Lapa represente hoje um exemplo de espaço em que a sociabilidade tem lugar como meio e como fim, como forma e conteúdo. Assim sendo, ao utilizarmos tal conceito à luz de ponto de vista geográfico, abriríamos margem a um campo pouco explorado por esta disciplina, estabelecendo um diálogo constante entre campos distintos, porém, complementares do saber científico, a saber: a sociologia, a geografia e a antropologia.

Ecologia humana e a escola de Chicago: o urbano em foco

Apesar de muito criticado por seu caráter ensaísta, Simmel foi um autor muito influente na sociologia alemã e americana e, como não poderia deixar de ser, também o foi na chamada escola sociológica de Chicago. Segundo Howard Becker, muitos dos ensaios de Simmel foram traduzidos e difundidos pelo periódico *American Journal of Sociology* - ainda hoje um dos principais periódicos de sociologia dos EUA -, fundado por Albion Small no início do século passado, quando também foi criado o primeiro departamento de sociologia dos Estados Unidos na universidade de Chicago, fundada em 1895. (BECKER, 1996)

Naquele momento a cidade de Chicago se consolidava com uma das mais importantes cidades industriais dos EUA, o que fez com que milhares de pessoas provenientes de diversos países do mundo como Irlanda, Alemanha, Itália, Polônia etc. e do sul dos EUA (afro-americanos) migrassem para essa cidade em busca de empregos e de melhores condições de vida. Porém, a cidade não estava preparada para absorver tamanha quantidade de imigrantes o que fez com que inúmeros problemas urbanos começassem a surgir. Os grandes desafios dos EUA no início do século passado eram a pobreza e a imigração. Albion Small era um pastor protestante interessado na reforma social e na resolução dos problemas sociais das grandes cidades americanas e é nesse contexto que o departamento de sociologia foi criado. A intenção de Albion Small, primeiro professor e chefe do departamento de sociologia de Chicago, era o de formar alunos segundo o modelo alemão, expandindo esse campo disciplinar para outras universidades americanas. (BECKER, 1996; JOSEPH, 2000)

Pioneira nos estudos de sociologia, antropologia e geografia urbanas, a escola de Chicago, como ficou famosa no Brasil, também se apresentava como ecologia humana ou urbana (BECKER, 1996; JOSEPH, 2000). Na Escola de Chicago o conceito de sociabilidade foi relido à luz de um ponto de vista espacial. Nela, construiu-se uma “concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço”. Segundo Mário Eufrásio, nestes estudos o conceito de sociabilidade teria adquirido uma abordagem eminentemente empírica. (*apud* FRÚGOLI, 2007, pp. 17-18)

Um dos professores contratados pelo recém-criado departamento de sociologia de Chicago foi William Isaac Thomas, o primeiro a introduzir a noção de *definição da situação*. Tal conceito foi utilizado por Thomas naquele momento para descrever a experiência de adaptação do migrante ao seu novo mundo, bem antes de servir como princípio de análise da socialização em geral (JOSEPH, 2000, p. 5). Contudo, o nome que é comumente citado como um dos

fundadores desta escola de pensamento é Robert E. Park (1864-1944) que, segundo Howard Becker, já em seus primeiros tempos em Chicago, escreveu um ensaio sobre a cidade, caracterizando-a como um importante laboratório para a investigação da vida social: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo”. (*apud* BECKER, 1996, p. 180)

Segundo G. A. Theodorson (1974), a expressão “ecologia humana”, cunhado por Park e Burgess em 1921, respondia à pretensão de aplicar ao estudo de comunidades humanas o esquema teórico básico das ecologias vegetal e animal. Isso decorre do fato de que em finais do século XIX, a obra de Charles Darwin *a origem das espécies* dispunha de grande prestígio, influenciando enormemente teóricos de campos diversos que buscavam a legitimação de suas disciplinas, conforme destaca Paulo Cesar da Costa Gomes:

“As questões sobre a relação do homem e da natureza, a importância do meio físico sobre o desenvolvimento social, a natureza biológica como a norma e o modelo, são os temas que no séc. XIX (...) constituem o objeto de pesquisas das ciências humanas. A institucionalização da maior parte destas ciências foi consolidada ao longo de todo o século XIX.” (GOMES, 2006, p. 87)

Robert Park, um intelectual de formação diversa, notou que ao proporem suas teorias os biólogos não se baseavam somente em pesquisas de laboratório, eles observavam a forma como os diferentes tipos de animais e plantas se distribuíam no espaço físico.³ Ele achou então que a noção de competição pelo espaço era uma metáfora interessante para entender a forma como os diversos grupos sociais se distribuíam na cidade de Chicago e como se constituíam as diferentes formas de integração e adaptação desses grupos étnicos tão diversos. Ou seja, ele estava interessado em entender como grupos sociais heterogêneos e culturalmente diversificados poderiam compartilhar o mesmo espaço urbano. (BECKER, 1996)

“A cidade, e especialmente a grande cidade, onde mais do que em qualquer outro lugar as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesse e em termos de dinheiro, é num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo.” (PARK, [1916] 1973, p. 45)

Segundo Robert Ezra Park, a cidade possui uma organização e distribuição da população que, não necessariamente, é projetada ou controlada. Tendo como laboratório de estudos a cidade de Chicago nos Estados Unidos que desde o início do século XX atraiu uma enorme quantidade e diversidade de imigrantes, Park afirma que com o passar do tempo, as diferentes

³ Park dizia que os rigorosos métodos de observação empírica empregados em estudos realizados por antropólogos como Franz Boas e Robert Lowie para descrever os povos isolados deveriam ser utilizados com igual rigor no estudo das cidades. (PARK [1916] 1973, p. 28)

áreas ou setores da cidade assumem parte do caráter e das qualidades de seus habitantes (PARK, [1916] 1973, pp. 29-30).⁴ Isso significa que, na concepção deste autor, à medida que uma dada população se estabelece em uma área da cidade, seus costumes, crenças e valores acabam também se associando a ela. O sentimento de vizinhança, isto é, proximidade e contato entre vizinhos, uma das formas mais elementares de associação entre indivíduos, faz da cidade um mosaico de áreas sociais - ou naturais, como preferiam os ecólogos humanos clássicos - que ao longo do tempo através de processos como a *invasão* e a *sucessão* transformam a configuração física e social da cidade.

"A cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão. Por outro lado, essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados. Estrutura e tradição são aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos." (PARK, [1916] 1973, p. 29)

Segundo R. D. McKenzie, outro expoente dessa primeira geração de estudiosos de Chicago, também chamados de ecólogos clássicos, afirma que as relações espaciais e de subsistência em que estão organizados os seres humanos vivem um ininterrupto processo de transformação, como resposta a atuação de um complexo de forças do meio e de forças culturais. O trabalho do ecólogo humano seria o de estudar esses processos de transformação com o objetivo de determinar seus princípios de atuação e a natureza das forças que os produzem. (MCKENZIE, [1926] 1974, p. 57)

Baseado no texto de H. H. Barrow de 1923 intitulado "*Geography as Human Ecology*" ele afirma que a geografia e a ecologia humana, eram ciências bastante parecidas. O objeto da geografia seria o espaço, já a ecologia humana se preocuparia com os processos. Nesse sentido, muitos dos conceitos elencados por McKenzie como oriundos dos estudos ecológicos são hoje, em grande medida, próximos aos utilizados por geógrafos, são alguns exemplos: Situação; Distribuição Ecológica; Unidade Ecológica; Mobilidade e Fluidez; Distância Ecológica; Fatores Ecológicos; Processos Ecológicos; Concentração Regional; Estrutura;

⁴ Os pressupostos teóricos básicos desta escola de pensamento podem ser encontrados em uma coletânea de textos organizada por Georg A Theodorson em 1974, na qual estão incluídos mais de cem artigos originais da Escola de Chicago.

Dispersão; Centralização; Especialização e Centralização; Localização e movimento dos centros; Descentralização e re-centralização; Segregação; Invasão; Sucessão; Especialização Regional etc. (MCKENZIE, [1926] 1974, pp. 57-68)

Para Ernest W. Burgess, a sociedade moderna, com o advento da industrialização, ensejou inúmeras mudanças na organização física e social das sociedades ocidentais. O crescimento e a expansão das cidades modernas deve, segundo este autor, ser considerado um processo. A partir de seu estudo seria possível reconhecer o impacto exercido pela expansão física da cidade sobre sua organização social. (BURGESS, [1925] 1974, pp. 69-70)

Em seu clássico artigo publicado em 1925, Burgess nos diz que esse processo de crescimento das cidades poderia ser representado por “uma série de círculos concêntricos numeráveis, que designariam tanto as zonas sucessivas de expansão urbana, como os tipos de áreas diferenciadas no processo de expansão” (BURGESS, [1925] 1974, p. 71). O modelo de crescimento da cidade proposto por Burgess seria a tendência de cada zona interior (mais próxima ao centro) a estender-se, mediante *invasão*, a zona exterior imediata, processo também denominada *sucessão*. Segundo este autor, contudo, nem Chicago nem nenhuma outra cidade se ajusta perfeitamente a este esquema ideal. Assim sendo, “a expansão da cidade comporta um processo de distribuição que reorienta, distribui e reinstala indivíduos e grupos por residência e ocupação.” (BURGESS, [1925] 1974, pp. 75)

Para Burgess, diferentes áreas da cidade comportam diferentes características morfológicas e diferentes grupos sociais. A divisão social do trabalho, nesse sentido, possuiria uma expressão espacial, que hoje chamamos de divisão territorial do trabalho. Cada área da cidade pode ser caracterizada por sua composição social e por sua diferenciação morfológica. Em suas palavras: “estas áreas tendem a acentuar determinados traços, a atrair e desenvolver tipos de indivíduos que se fazem cada vez mais diferentes.” (BURGESS, [1925] 1974, p. 76)⁵

Fortemente inspirado por Robert Park, Harvey W. Zorbaugh afirma que a cidade possui uma organização natural que deve ser levada em conta quando estudada. Para este autor, os

⁵ Diversas críticas ao modelo de círculos concêntricos de crescimento urbano proposto por Burgess surgiram anos depois. A primeira delas foi feita por Maurice R. Davie, em artigo publicado em 1938. Para este autor representar o crescimento da cidade a partir de círculos concêntricos é um ato falho, pois nenhuma das vinte e duas áreas por ele pesquisadas apresentava uma homogeneidade social tão grande quanto aquela proposta pelo modelo de Burgess: “Mesmo o caso de Chicago, conforme indicamos anteriormente, sugere que a distribuição do uso do solo e da população e instituições não se adaptam ao modelo de zonas concêntricas (...) Porém, a hipótese de zonas concêntricas não deve ser abandonada”. (DAVIE, [1938] 1974, p. 142)

estudos referentes ao crescimento das cidades americanas demonstraram que sua expansão é determinada por certos processos típicos, conforme descrito, por exemplo, no artigo anteriormente comentado. Esse crescimento pode ser caracterizado pela segregação de amplas zonas à medida que se estendem radialmente desde o centro até a periferia. Conforme o argumento desenvolvido por Burgess, este crescimento pode ser representado por uma série de círculos concêntricos. Este processo, segundo Zorbaugh, divide a cidade em numerosas áreas intituladas áreas naturais - por não serem planejadas e por constituírem um produto natural do crescimento das cidades - (ZORBAUGH, [1926] 1974, pp. 83-85). Daí decorre a diferença entre o que esses autores chamavam de áreas administrativas e as áreas naturais:

“A cidade está dividida em áreas administrativas, como o bairro, o distrito escolar, a estação de polícia e o consultório, por razões de funcionamento administrativo. Ordinariamente, o objetivo é distribuir a população da cidade em unidades iguais. Ao contrário, a área natural é uma unidade na estrutura física da cidade tipificada por uma individualidade física e das ações, sentimentos e interesses característicos das pessoas segregadas nessa área. Áreas naturais e áreas administrativas podem coincidir. Porém, na prática, raras vezes ocorrem. As linhas administrativas interrompem os limites das áreas naturais, cuja existência ignoram.” (ZORBAUGH, [1926] 1974, p. 87)

Na nomenclatura dos geógrafos, afirma Zorbaugh, temos as regiões naturais de produção que são áreas da cidade caracterizadas por certa individualidade cultural, por serem desigualmente adaptadas. Em uma cidade que se expande à medida que cresce, as áreas naturais são estáveis apenas relativamente, pois essas áreas se modificam continuamente através do processo de *sucessão*, tal como se observa em uma comunidade vegetal. Há para o autor uma “organização natural da cidade, os agrupamentos naturais da população na cidade, e os processos naturais de crescimento da cidade. Uma cidade ideal não serviria de modelo para uma cidade real.” (ZORBAUGH, [1926] 1974, p. 90). Nessa acepção, as áreas naturais da cidade seriam as suas unidades reais.⁶

Para Louis Wirth, os conhecimentos propiciados pelos ecólogos humanos tais como a lógica de instalação de atividades; distribuição, segregação e sucessão da população; áreas de influência e instituições sociais; inter-relações entre os aspectos físicos, tecnológicos, econômicos, políticos e culturais da vida comunitária etc., se mostraram indispensáveis. Para

⁶ Dentre os principais críticos desse conceito está Paul Hatt que em artigo publicado em 1946 defende a ideia de que muitas das áreas identificadas como áreas naturais pelos ecólogos clássicos não são tão homogêneas quanto se imaginava, sobretudo, em função dos critérios utilizados para sua delimitação, muitas das vezes as áreas naturais encontram-se justapostas: “*não é adequado, a luz da definição de área natural, limitar-se a examinar estas distribuições em razão da homogeneidade. Devemos examinar a utilidade do conceito enquanto capaz de descrever uma unidade simbiótica funcional*” (HATT, [1946] 1974, p. 183)

esse autor o foco principal dos estudos ecológicos eram os fenômenos espacialmente localizados ou territorialmente delimitados, e foi por esse motivo que esses autores da primeira geração de Chicago preferiam utilizar o conceito de comunidade ao invés de somente sociedade:

“o primeiro conceito (comunidade) sublinha as relações simbióticas, as dimensões espaciais, temporais, a estrutura física, a competição e a divisão do trabalho; já o segundo (sociedade) sublinha a comunicação, o consenso, as normas comuns, os valores, o controle social consciente e a ação coletiva. (...) todas as comunidades são também sociedades e todas as sociedades humanas ostentam ao menos algumas das características das comunidades.” (WIRTH, [1945] 1974, p. 131)

É nesse sentido que, Milla A. Alihan afirma em seu conhecido artigo publicado no ano de 1938, que o pressuposto fundamental dos ecólogos é que toda a ação, fenômeno ou movimento dos seres vivos possui uma base territorial. O atributo fundamental do conceito de comunidade é a sua base territorial. Daí decorre a distinção que os ecólogos fazem entre o conceito de sociedade e o conceito de comunidade, onde se encontra implícito a ideia de que há determinadas ações humanas que são caracterizadas por uma relação direta com o território. São esses mesmos ecólogos que, segundo ela, insistiam no caráter não social do conceito de comunidade. (ALIHAN, [1938] 1974, p. 163)

Segundo ela, nem todos os trabalhos que, em princípio, seriam chamados ecológicos o são de fato. Em muitos casos como o de Zorbaugh, por exemplo, as áreas são consideradas apenas um marco onde os fenômenos sociais ocorrem. Conceitualmente, muitos destes trabalhos não tratam nem da comunidade, tal qual foi concebida pelos ecólogos clássicos, nem da sociedade em seu sentido específico. “Na realidade, estas monografias não são outra coisa que não estudos sociológicos gerais em que a distribuição territorial é tratada como referência para dados sociológicos.” (ALIHAN, [1938] 1974, p. 164)

Para ela não havia uma distinção clara entre os fenômenos que eram classificados como sociais e os fenômenos classificados como ecológicos, pois não existe um meio preciso para diferenciá-los. Em suas palavras: “Quando analisamos os estudos ecológicos realizados, nenhuma distinção aparece entre os aspectos naturais da organização econômica, produto da competição, e os aspectos culturais, produto da adaptação e do conflito” (ALIHAN, [1938] 1974, p. 166). Conforme argumenta a autora, os ecólogos não conseguiram separar em seus trabalhos os fenômenos que seriam especificamente naturais, comunidade, e os fenômenos de outras ordens, como os socioculturais, por exemplo. Daí decorre sua crítica de que a distinção

entre o conceito de sociedade e comunidade estava baseada em pressupostos relativamente apriorísticos. (ALIHAN, [1938] 1974, p. 168)

Outro argumento defendido por Alihan é de que muitas analogias feitas entre fenômenos sociais e naturais, baseados na ecologia vegetal e animal, são inválidas como, por exemplo, o fato de considerar a divisão do trabalho no mundo animal como equivalente à divisão do trabalho nas organizações humanas (ALIHAN, [1938] 1974, p. 169), crítica essa que é ratificada por Warner E. Gettys em 1940, quando ele afirma que a extrapolação ou projeção análoga da ecologia animal e vegetal pelos ecólogos para descrever aspectos humanos é um ato falho. O próprio conceito de comunidade, uma população territorialmente distribuída e enraizada no território vital em uma relação simbiótica mútua (estado de interdependência mútua), tem sua base na ideia de competição na luta pela existência (como ocorre na ecologia vegetal e animal), não levando em conta, por exemplo, características como a comunicação e o consenso. (GETTYS, [1940] 1974, p. 174)

Os ecólogos humanos, segundo o argumento de Gettys, não produziram um sistema teórico completo, lógico e próprio; eles simplesmente importaram pressupostos das ciências naturais. Para alguns autores, porém, esses estudos contribuíram enormemente para o desenvolvimento do campo da sociologia quantitativa, principalmente a partir de seus métodos. As críticas fundamentais direcionadas a esses autores clássicos se referem, nesse sentido, muito mais aos seus pressupostos teóricos e menos aos metodológicos. Em suas palavras:

“A ecologia humana, restrita ao seu âmbito, liberada de suas atuais presunções e implicações naturalistas, e de suas relevâncias e discrepâncias será uma ecologia social, capaz de desenvolver um sistema teórico coerente com fatos e que constituem o objeto material reconhecido de suas investigações” (GETTYS, [1940] 1974, p. 178)

A distinção entre os fenômenos naturais e sociais que os ecólogos clássicos promoviam é criticada também por A. B. Hollingshead em artigo publicado em 1947, no qual o autor afirma que o pressuposto básico da ecologia humana clássica é de que existem dois níveis principais da organização humana: o subsocial ou ecológico, que é essencialmente competitivo-impessoal; e o social que é cooperativo-comunicativo e pessoal. Para este autor, em uma análise rigorosa, se percebe que a separação destas duas “esferas” – ecológica (competição) e cultural (cooperação) – é uma abstração; pois na prática encontram-se imbricadas. “os homens não competem como abstrações; competem e se comunicam como pessoas em um sistema sociocultural”. (HOLLINGSHEAD, [1947] 1974, p. 193)

Para este autor, a competição acontece no seio de uma matriz sociocultural. Nessa linha de pensamento, os usos e valores culturais são instrumentos que operam na organização e distribuição de instituições e pessoas na comunidade. “A posição do indivíduo ou do grupo na estrutura sociocultural controla suas possibilidades competitivas.” (HOLLINGSHEAD, [1947] 1974, p. 197) Duas são as conclusões desse trabalho: a primeira tenta demonstrar que os ecólogos clássicos exageravam o papel da competição como fenômeno subsocial na organização de funções econômicas e distribuição física da população e serviços; e a segunda é que esses ecólogos praticamente ignoravam a esfera cultural e social nos fenômenos objetos de seu estudo.

Diversos autores, principalmente após o final da década de 30, reconheciam a necessidade de revisão de uma série de preceitos teórico-metodológicos dos ecólogos clássicos, o que não significava abandoná-los por completo. Esse é o caso de James A. Quinn, que afirmava que para os ecólogos clássicos como McKenzie, por exemplo, os estudos de ecologia humana possuíam dois aspectos centrais: 1 – a distribuição espacial dos fenômenos e 2 – a análise em termos da influência do meio. Contudo, nessa definição o âmbito da disciplina parecia se confundir com o âmbito de outros campos da ciência como a geografia, a sociologia ou mesmo a biologia. Sua crítica se fundamenta nas seguintes confusões que eram comumente cometidas pelos estudiosos: a de que a ecologia humana seria um sinônimo do estudo das relações do homem com o meio; e a de que ela seria o estudo da distribuição espacial dos fenômenos humanos. (QUINN, [1939] 1974, p. 227)

Segundo ele, geógrafos como Barrows, Renner e White, viam a geografia humana como sinônimo da ecologia humana. Em sua definição os ecólogos humanos estudariam: “a relação do homem com o homem enquanto influenciadas por limitadas possibilidades de recursos do meio e não das relações diretas dos indivíduos e grupos com o meio” (QUINN, [1939] 1974, p. 230) Para o autor, diferente disso, o termo ecologia humana deve ser utilizado para representar um ramo especializado da sociologia.

A segunda crítica fundamental do artigo é a de que a ecologia humana não é um sinônimo do estudo da distribuição espacial dos fenômenos. Para ele, determinados estudos espaciais não são ecológicos; a ecologia inclui aspectos que não são espaciais. Ele afirma ainda que os estudos de distribuição espacial só são ecológicos na medida em que são analisados a partir de categorias de interação ecológica, da mesma forma que os estudos referentes às relações

homem/meio só são ecológicos enquanto resultado da modificação mútua entre indivíduos e grupos, mediados pelas possibilidades limitadas do meio. (QUINN, [1939] 1974, p. 235)

Quinn nos fala ainda do conceito de *estrutura ecológica*: “aquele aspecto subsocial, diferenciado e impessoal da organização de uma comunidade ou região, decorrentes da atuação da interação ecológica e transformada por ela.” (p. 235) Neste conceito a cidade aparece como um conjunto unificado de partes coordenadas, formando uma estrutura comunal. Contudo, afirma ele, a estrutura ecológica - espacial e funcional - não representa a estrutura total da comunidade, pois o nível ecológico - enquanto abstração - coexiste com outras estruturas como a política, a cultura etc. (QUINN, [1939] 1974, p. 236)

É nesse sentido que A. H. Hawley afirma que um dos maiores problemas encontrados nas formulações dos autores clássicos refere-se à distinção de dois níveis distintos (social e subsocial), que seriam baseados mais em critérios normativos que científicos. Ou seja, seria necessário que se produzissem argumentos científicos que demonstrassem que o nível subsocial e social são categorias distintas à observação. Até que isso fosse provado, seria melhor considerar todas as interdependências como sociais. Em suas palavras: “não me encontro preparado para afirmar que a estrutura da comunidade é cultural ou não cultural, ou se são produto ou influência de um ou de outro.” (HAWLEY, [1948] 1974, p. 259)

Como vimos, a partir do final da década de 30, inúmeros pressupostos teóricos dos chamados ecólogos clássicos começaram a ser questionados por uma série de autores que, apesar das críticas, reconheciam o pioneirismo e a importância dos estudos realizados por esses autores. Tomando como válidas as críticas elencadas acima, no contexto daquilo que G. A. Theodorson (1974) chamou de o enfoque neo-ortodoxo, encontram-se diversos trabalhos empíricos. Não falaremos especificamente de cada um desses trabalhos pelo fato de eles estarem em termos teóricos e metodológicos muito próximos daqueles trabalhos que se dirigiam criticamente à posição clássica.

Porém, cabe destacar um conceito fundamental originado nos marcos da ecologia humana. Trata-se da noção de área social. Para tal, comentaremos nos parágrafos que se seguem o artigo de Eshref Shevky e Wendell Bell intitulado *Análises de Área Social* (SHEVKY & BELL [s/d] 1974, pp. 377-392). Estes autores afirmam que o seu interesse pela diferenciação e estratificação social são distintos dos interesses considerados por outros ecólogos urbanos, principalmente os clássicos. Pois esses autores perceberam que em suas análises urbanas, os fatores de diferenciação econômica, de status e poder, possuíam uma influência muito maior

na constituição de uma comunidade que uma série de outros fatores. Nesse sentido, eles afirmam que ao promover um estudo em Los Angeles seu objetivo não era o de compreender as agregações urbanas enquanto unidades isoladas, autossuficientes, mas sim enquanto parte de um sistema de relações mais extenso. Eles consideram que a posição social, a urbanização e a segregação são os três principais elementos de diferenciação e estratificação social da cidade, sendo possível viabilizar, a partir destes três fatores, a construção de índices que, atuando conjuntamente, seriam os principais responsáveis pela diferenciação social na cidade. (SHEVKY & BELL [s/d] 1974, pp. 377-378)

Segundo Wendell Bell, a tipologia criada por Shevky levava em consideração três grandes componentes: situação econômica, situação familiar e grupo étnico. A partir do cruzamento dessas informações seria possível demonstrar como cada área social estaria circunscrita a um grupo censitário que possui uma configuração particular com respeito à situação econômica e o nível familiar (BELL, [1958] 1974, p. 407). A característica fundamental da tipologia criada por Shevky e que, segundo Bell, a diferenciava do enfoque ecológico tradicional, é o fato de que a primeira supõe uma tentativa de descrever e analisar a estrutura social da cidade, enquanto a segunda tem um enfoque mais voltado à estrutura espacial da cidade. Todavia, conclui Bell, “temos utilizado o marco espaço-geográfico juntamente com a análise tipológica de Shevky para completar a descrição da natureza de determinados bairros urbanos (BELL, [1958] 1974, p. 417)

Outra importante contribuição feita aos estudos ecológicos foi promovida por Walter Firey em um clássico artigo publicado originalmente em 1945. Nele, Firey introduz a dimensão cultural nos estudos ecológicos, criticando os estudos clássicos que privilegiavam a dimensão econômica como fonte única para se explicar e descrever a estrutura e a dinâmica espacial urbana, o que ele chamou de *ecologia econômica*. A intenção do autor é descrever alguns processos ecológicos que não podem ser explicados em uma análise estritamente econômica. Ou seja, ele sugere uma alteração das premissas básicas da ecologia. São duas as alterações sugeridas: a primeira delas busca deixar de conferir ao espaço uma qualidade estritamente restritiva, acrescentando a ele outra propriedade fundamental, o espaço enquanto símbolo de determinados valores culturais; a segunda busca reconhecer que as atividades locacionais não são determinadas unicamente por forças econômicas, mas também por sentidos e sentimentos. Para tal, ele propõe analisar três áreas da cidade de Boston nos Estados Unidos: um conjunto residencial de classe alta, Beacon Hill; uma área sagrada com cemitérios coloniais, Boston Common; e por último um conjunto residencial ocupado por imigrantes Italianos. Nestes

casos, afirma o autor, só se pode explicar a localização destes grupos na cidade a partir dos valores e símbolos que estes atribuem ao “seu” espaço. (FIREY, [1945] 1974, p. 420)

Segundo este autor, nos três exemplos citados é possível reconhecer que a relação símbolo-sentimento exerceu grande influência no uso do solo. Daí a necessidade de se fazerem novos estudos que esclareçam ainda mais a incidência de sentimento e do simbolismo na estrutura e dinâmica espacial urbana. (FIREY, [1945] 1974, p. 428)

“Uma ordem diferenciada de conceitos correspondentes a este aspecto carregado de significados e valores na adaptação espacial deverá, em consequência, complementar os conceitos eminentemente econômicos da ecologia.” (FIREY, [1945] 1974, p. 432)

Daí decorre a resposta dada por esse autor a pergunta originalmente formulada por Hollingshead: “Que aspectos da comunidade humana – em uma concepção ecológica – são atribuídos a fatores não culturais?” Segundo ele, essa pergunta poderia ser respondida pelo filósofo Georg Mead,⁷ quando este diz que: “a comunidade enquanto tal cria o seu meio, sendo sensível a este.” (*apud* FIREY [1949] 1974, p. 434). Dessa maneira ele afirma que os fatores culturais exercem influência nos fatores não culturais no seio de uma comunidade humana. Contudo, ele conclui, é difícil elencar com precisão quais conceitos advindos dos ecólogos clássicos são válidos; mas é possível admitir que “muitas das construções ecológicas são hoje muito pouco adequadas” (FIREY [1949] 1974, p. 434). Seguindo esta mesma linha de pensamento, autores como Christen T. Jonassen (JONASSEM [1949] 1974, pp. 437-450) e Jerome K. Myers (MYERS [1950] 1974, pp. 451-460) buscam, através da realização de trabalhos empíricos, conferir uma maior importância à dimensão sociocultural nos estudos ecológicos. Segundo Christen T. Jonassen, desde as críticas feitas por Milla A. Alihan ainda em 1938 pode-se perceber a formação de algumas divisões no departamento de sociologia de Chicago.

Conforme argumenta Christian Topalov, a escola de Chicago ficou conhecida mundialmente como sendo "um conjunto de professores e alunos, temas e conceitos, pesquisas e publicações, relacionadas à chamada idade de ouro do departamento de Chicago" que teria ocorrido entre as décadas de 1920-1930. O nascimento da ideia de que houve em Chicago a existência de uma escola de pensamento surge, segundo Andrew Abbot (1999), na década de 1950, quando o departamento de sociologia de Chicago entrou em crise e dois campos opostos se formaram gerando divisões: os "qualitativistas" e os "quantitativistas". Nesta

⁷ Um dos filósofos mais importantes e influentes no campo da psicologia social.

década, surgem ainda novos concorrentes na sociologia americana, Parsons, por exemplo, promove a teoria sociológica em Harvard (modelo inspirado na sociologia de Durkheim) e Lazarsfeld e Merton formalizam a sociologia quantitativa na universidade de Columbia. (apud TOPALOV, 2007, p. 3)

Em 28 de maio de 1952 Herbert Blumer, um expoente das novas gerações de Chicago, afirma:

“Tenho a profunda convicção de que a preeminência deste Departamento durante mais de meio século deve-se ao fato de [seus líderes] se preocuparem em tentar desenvolver [...] algo como a coherent body of knowledge of human group life as such [um corpo coerente de conhecimentos sobre a vida humana em grupo]” (apud TOPALOV, 2007, p.4)

A forma encontrada para resgatar o prestígio do departamento após esse momento de crise foi organizar uma série de coletâneas de textos com os principais autores das primeiras gerações de Chicago, os chamados ecólogos clássicos. E foi exatamente o que Ervest Hughes, então chefe do departamento de sociologia e que depois veio a se tornar outro grande expoente da segunda geração de Chicago, fez. A chamada primeira Escola de Chicago é então reconhecida pela segunda geração, sob forte influência de Blumer e Hughes. Nesse momento, porém, os chamados "qualitativistas" perdem espaço no departamento, principalmente quando Hauser, o homem das estatísticas demográficas, substituiu Hughes na chefia do departamento. Quando isso ocorre, uma jovem geração formada por nomes brilhantes como Howard Becker e Erving Goffman se afasta do departamento de Chicago. (TOPALOV, 2007, p. 5)

Buscando reencontrar o seu antigo prestígio em relação aos departamentos de sociologia de universidades como Harvard e Columbia, entre as décadas de 50, 60 e 70 diversos estudos desses autores clássicos foram então reimpressos conferindo a Park, Burgess e McKenzie o título de pioneiros da sociologia ou ecologia urbanas. Fato esse reconhecido posteriormente por Richard Sennett que em 1969 procurou associar a chamada “escola alemã” (Weber-Simmel-Spengler) à escola de Chicago (Park-Wirth-Redfield). A partir daí reuniram-se vários elementos de uma ampla narrativa histórica do nascimento da sociologia urbana. (TOPALOV, 2007, p. 7)

A ideia de que existiu uma segunda Escola de Chicago surge em 1995 quando uma nova geração de sociólogos, agrupados sobre a bandeira do interacionismo simbólico, afirma que durante as décadas de 50-60 surgiu em Chicago uma segunda escola de Chicago, sob direção de Ervest Hughes e Herbert Blumer, fortemente influenciados pelo filósofo Herbert Mead, um

dos pioneiros da psicologia social e até então pouco conhecido. O interacionismo simbólico redefine então, no final da década de 60 e início de 70, o conteúdo deste campo de conhecimento, dando origem a um novo marco teórico dentro daquilo que ficou conhecido como escola de Chicago, tendo como seus principais seguidores autores como Howard Becker e Erving Goffman. (TOPALOV, 2007, pp. 7-8)

Segundo Isaac Joseph, a sociologia de Chicago se apresentou de fato como ecologia humana e urbana:

"Por que ecologia? Trata-se de simples metáfora. Convém lembrar que a abordagem ecológica é, antes de tudo, resposta e alternativa à literatura eugenista e antiurbana que ganhou espaço na virada do século. Fosse para tratar dos problemas sociais criados pela imigração em massa, fosse como consequência precipitada do darwinismo." (JOSEPH, 2000, p. 6)

Para Isaac Joseph, é preciso compreender a referência à ideia de uma ecologia como um "convite materialista ou vitalista para o estudo da cidade". Joseph afirma que o intuito de autores como Park e McKenzie não era compreender ou estudar a relação de uma população com o seu território, mas sim entre duas populações em um mesmo território. "Desse modo, a sociologia urbana é levada a ver a cidade não apenas como mosaico de territórios, mas também como arranjo de populações de origens diferentes em um mesmo meio e em um mesmo sistema de atividades." (JOSEPH, 2000, p. 6)

É nesse sentido que, para o geógrafo francês Vicent Berdoulay, a ideia de que os estudos urbanos da escola de Chicago se baseavam única e exclusivamente em analogias naturalistas é uma posição reducionista. Para este autor, os estudos sobre comunidade provenientes desta escola de pensamento foram e continuam sendo muito importantes. A introdução da ideia de *meio urbano* como unidade analítica, as reflexões sobre o modo de ação dos homens na cidade, sobre a construção dos laços sociais no ambiente urbano etc. se mostraram de enorme importância. (BERDOULAY, 1999, pp. 86-87)

Na abordagem ecológica, afirma Isaac Joseph, o espaço não é visto apenas como um invólucro vazio, mas sim como um meio completo no qual a atividade de adaptação e/ou de cooperação entre os indivíduos ou grupos encontra lugar. Alguns teóricos chegaram a acusar injustamente a ecologia humana de Chicago de ser uma defensora do individualismo. Porém, conforme destaca Joseph, a tradição de Chicago é ao contrário disso a melhor defesa contra o individualismo metodológico ou ideológico. A Escola de Chicago, ou ecologia humana, é tributária de uma concepção particular da sociedade, mais especificamente, uma concepção

fortemente inspirada nas ideias de Georg Simmel, que por seu turno é ancorada na ideia de interação, tal como afirmavam Park e Burgess no início dos anos 20. "A sociedade é feita de interações" afirmaria um dos expoentes da segunda geração desta escola de pensamento vinte anos mais tarde, E. Huges. (JOSEPH, 2000, p. 8)

Nesse tópico do trabalho nos propomos discutir alguns dos principais pressupostos teórico/metodológicos do campo de investigação científica conhecido como *ecologia humana*. Segundo destaca Heitor Frúgoli, talvez o elemento mais característico desta escola de pensamento, que em grande medida, justifica nosso interesse em estudá-la, refere-se ao fato de que ela formulou uma “*concepção ‘especializada’ do social e, reciprocamente, socializada do espaço*” (FRÚGOLI, 2007, p. 17). Conforme podemos observar no decorrer do texto, na maior parte desses trabalhos, a cidade era vista como uma espécie de laboratório de estudos dos cientistas sociais. O espaço urbano, a partir desses estudos, parece ter se tornado definitivamente um palco privilegiado de observação e compreensão da vida social.

Sociabilidade e a microssociologia dos espaços públicos

O sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), de uma geração posterior da escola de Chicago - muito influenciado por Georg Simmel - desenvolveu importantes estudos onde a temática da interação social e da microssociologia ou microecologia foram centrais (JOSEPH, 2000). Nestes estudos, a interação social entre estranhos era enfatizada: explicitavam-se diversas formas de demarcação das diferenças sócio/culturais: classe; gênero; estilos de vida; “raça” etc.. Buscava-se delimitar os lugares que, em termos espaciais, permitiam a visibilidade dessas diferenças sociais e que produziriam diversos “formatos” de interação social. A temática da copresença em espaços públicos, por exemplo, foi uma das mais importantes. Nesse caso, diz Heitor Frúgoli, “cabe atentar aos espaços urbanos para onde costumavam afluir diferentes grupos”. (FRÚGOLI, 2007, p. 24)

Segundo Isaac Joseph, a microssociologia e o interacionismo simbólico têm como característica essencial o fato de seus defensores conferirem à ordem interacional uma maior importância quando comparada à ordem social. Ou seja, eles enfatizam menos a estrutura social e mais a estrutura da experiência individual da vida social.

"entre a ordem estrutural e a ordem da interação existe uma 'articulação' imprecisa. Em outras palavras - e essa é uma definição que, à falta de outras, pertence ao campo da microssociologia -, certos elementos do sistema de atividades situadas estão 'subordinados' ao sistema de status e de relações estruturais, mas nem todos." (JOSEPH, 2000, p. 8)

De acordo com este autor, (2000, p. 11), a microssociologia introduz ao lado das entidades constitutivas da sociologia que são o coletivo (grupo, classe, população) e o indivíduo (ator, agente, sujeito), um novo objeto de estudo - *a situação de interação*. Ela difere, em termos instrumentais, de dois outros paradigmas dominantes nas ciências sociais, o "holismo" (estruturalismo, materialismo histórico) e o individualismo metodológico; sendo chamada por Joseph de *situacionismo metodológico*.

Erving Goffman ora se definia como etnógrafo urbano, ora como etnólogo. Segundo Isaac Joseph, ele se debruçou sobre o tema das civilidades e consagrou sua obra a articulá-lo à ordem da interação e à noção de *atividade situada*. Em suas palavras: "Escarnecendo dos construtores de paradigmas, ele constituiu, à margem da sociologia das estruturas, um léxico descritivo e analítico centrado em um princípio: não negligenciar a situação, não tratá-la como a 'prima pobre' da sociologia". (JOSEPH, 2000, p. 12)

Segundo Heitor Frúgoli, dentre as diversas leituras possíveis do tema da sociabilidade, destacam-se duas abordagens principais: a primeira delas é aquela em que a interação em si constituiria o foco principal de investigação, sendo enfatizada a noção de construção do social a partir da interação entre estranhos ou atores sociais de condições diversas. Nestes estudos a noção de indivíduo ganha destaque, dando-se maior atenção à diversidade dos grupos sociais ou indivíduos em interação - relação entre interação e heterogeneidade social. (FRÚGOLI, 2007, pp.23-25)

A segunda leitura possível do tema da sociabilidade é aquela que privilegia o sentido de homogeneidade social. Nos estudos da escola de Chicago, por exemplo, isso teria levado à ênfase em pesquisas sobre espaços sociais circunscritos onde predominariam certas características comuns, como condição social, valores e sentidos compartilhados. A partir dessa perspectiva foram produzidos diversos estudos, com enfoque empírico, em bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade. Nestes estudos, a sociabilidade aparece como sendo a forma, que se realiza de diversas maneiras, em que grupos e indivíduos constroem valores identitários concernentes a grupos sociais específicos, fortalecendo o sentido de vizinhança e/ou comunidade. Estudos sobre a formação de enclaves étnicos, segregação residencial, formação de áreas sociais e guetos, dentre outros, foram então privilegiados. (FRÚGOLI, 2007, p. 30)

O termo sociabilidade raramente aparece de forma explícita nos estudos da escola de Chicago; normalmente, ele era expresso genericamente como sinônimo de interação ou relação social. Não é nosso interesse aqui discutir exaustivamente a forma como esse conceito foi tratado por esses estudiosos da cidade, assim sendo, nos parágrafos que se seguem, discutiremos mais profundamente a importantíssima contribuição do sociólogo canadense Erving Goffman.

Boa parte da obra de Erving Goffman tem como ponto central de reflexão um tema pouco privilegiado pela sociologia e praticamente ignorado pela geografia: as situações de interação face a face. Duas contribuições nos parecem fundamentais: o livro publicado no ano de 1963 intitulado *Behavior in Public Places*, em que Goffman teoriza, descreve e interpreta o comportamento humano em situações de interação face a face que ocorrem em lugares públicos (GOFFMAN, 2010); e em livro publicado originalmente em 1967 com o título *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior*, em que este autor nos presentearia com um verdadeiro manual interpretativo dessas situações de interação face a face. Segundo ele, esse fenômeno só pode tornar-se inteligível quando conseguimos identificar alguns padrões

básicos de comportamento, centrando a descrição na situação de interação e não unicamente no indivíduo como faria um psicólogo (GOFFMAN, 2011). Sua preocupação principal, obviamente, é de cunho sociológico. Aqui, contudo, estamos interessados em reconhecer a espacialidade deste fenômeno. Assim sendo, descreveremos apenas aqueles conceitos que nos parecem fundamentais para o estudo geográfico deste tipo de reflexão.

Trata-se como ele próprio prefere dizer do estudo de ajuntamentos, isto é, de duas ou mais pessoas copresentes em um mesmo espaço que estão conscientes da presença de outras. Em uma rua pública de uma grande cidade, por exemplo, os indivíduos que ocupam os seus diferentes pontos estão conscientes da presença de outros - estão observando e, simultaneamente, sendo observados -. Nos espaços públicos, as normas que sustentam a ordem pública regulamentam os encontros face a face de pessoas que, geralmente, não se conhecem muito bem. Eles são encontros sociais muito diferentes daqueles que ocorrem em lugares particulares fechados, onde apenas pessoas conhecidas se encontram.⁸ (GOFFMAN, 2010, p. 19)

Todo encontro face a face possui uma base territorial, isto é, ocorre em algum lugar. Goffman utiliza a expressão *situação* para caracterizar um ambiente espacial completo em que uma pessoa adentra e, ao fazê-lo, passa a compor o ajuntamento que nele ocorre, dando origem a uma *ocasião social* e a um *ambiente de comportamento* (GOFFMAN, 2010, pp. 28-29). Nos espaços públicos, como o de uma rua movimentada no centro de uma grande cidade, diversos indivíduos estão envolvidos em ocasiões sociais distintas, porém, compartilhando o mesmo espaço físico. Nestes ambientes de comportamentos sobrepostos há uma espécie de desorganização normativa.⁹ (GOFFMAN, 2010, p. 31)

A situação de copresença em espaços públicos possibilita aos indivíduos que dela participam formas bastante diversas de comunicação. Esses dispositivos comunicacionais não são necessariamente verbais: aparência corporal e atos pessoais como o vestuário, postura, movimento e posição, gestos físicos como acenar ou saudar, decorações faciais etc. compõe o arsenal comunicacional de um indivíduo, dando origem a um verdadeiro simbolismo do corpo. A este arsenal comunicacional não verbal de que dispõe o indivíduo em situações de copresença, Goffman deu o nome de *interação desfocada*: "No reino da interação desfocada,

⁸ "Tradicionalmente, 'lugares públicos' se referem a quaisquer regiões numa comunidade de livre acesso aos membros dessa comunidade". (GOFFMAN, 2010, p. 19)

⁹ "A copresença deixa as pessoas singularmente acessíveis, disponíveis e sujeitas umas às outras. A ordem pública, em seus aspectos face a face, trata da regulamentação normativa desta acessibilidade." (GOFFMAN, 2010, p. 33)

nenhum participante pode 'receber a palavra' oficialmente; não há nenhum centro de atenção oficial" (GOFFMAN, 2010, pp. 44-45). Trata-se, portanto, do conjunto de gestos e códigos não verbais de comunicação que empregamos quando estamos conscientes da presença de outros.¹⁰

Em situações de copresença, os indivíduos em interação podem estar envolvidos em diversas atividades, com graus variados de envolvimento. Há o *envolvimento principal* que é aquele que capta a maior parte da atenção dos indivíduos em interação, o determinante principal de suas ações; e o *envolvimento lateral* que pode ser entendido como qualquer ação ou atividade realizada pelo indivíduo em interação sem que esta ameace a existência do envolvimento ou atividade principal (GOFFMAN, 2010, pp. 54-56). Podemos citar um exemplo: um indivíduo marca um encontro com um grupo de amigos em um bar para "jogar conversa fora"; enquanto conversa, esse indivíduo fuma um cigarro e bebe um copo cerveja. Nesse caso, o envolvimento principal pode ser a conversa com os amigos, e o ato de consumir a cerveja e de fumar um cigarro um envolvimento lateral.¹¹

Goffman distingue ainda os envoltimentos dominantes dos subordinados. Os *envoltimentos dominantes* estão intimamente relacionados às obrigações de uma dada ocasião social e os *envoltimentos subordinados* são aqueles que o indivíduo tem permissão para realizar enquanto sua atenção não está totalmente direcionada à obrigação da ocasião social em questão (uma espécie de distração) (GOFFMAN, 2010, pp. 54-55); um exemplo: o atendente de um *call center* fornece informações a um cliente sobre um produto qualquer, enquanto a ligação perdurar sua atenção estará completamente voltada a esta atividade (envolvimento dominante); no intervalo entre uma ligação e outra o atendente pode, por exemplo, de forma discreta dar uma olhada em seu perfil em uma rede social qualquer (envolvimento subordinado).¹²

Nas grandes cidades da sociedade urbana ocidental da contemporaneidade, "dividimos" os espaços públicos com um enorme número de desconhecidos. Cada vez que saímos às ruas,

¹⁰ Em alguns momentos optamos por utilizar os exemplos oferecidos pelo próprio Goffman para não alterar o real significado dos inúmeros conceitos criados por este autor; porém, na maioria dos casos, fizemos um esforço interpretativo e criamos algumas situações hipotéticas próximas àquelas que iremos descrever em nossa área de estudos no bairro da Lapa.

¹¹ "Assim, durante o trabalho, beber uma xícara de café pode ser um envolvimento subordinado, durante pausas oficiais para o café, isso pode ser a atividade dominante." (GOFFMAN, 2010, p. 56)

¹² "Normalmente, espera-se que um envolvimento principal seja dominante e que um lateral seja subordinado, como quando um trabalhador fuma um cigarro irrefletidamente, mas apenas quando e onde o trabalho permite." (GOFFMAN, 2010, p. 55)

nos deparamos com uma grande quantidade e diversidade de tipos sociais. Nestes espaços o anonimato impera. A *atitude blasé* de Georg Simmel é a forma que o homem metropolitano "encontrou" de se proteger das infinitas possibilidades de contatos externos com esses desconhecidos (SIMMEL, 1973). No entender de Erving Goffman, em nossa sociedade o estado de *desatenção civil*, "talvez o mais leve dos rituais interpessoais", é um dos maiores responsáveis pela regulação da interação social entre indivíduos desconhecidos (GOFFMAN, 2010, p. 96). Uma dada aglomeração de indivíduos em uma pequena rua do centro de uma grande cidade, por exemplo, possibilita o contato de um grande número e diversidade de tipos sociais; nestas ocasiões, todos os indivíduos que compõe essa aglomeração são vistos uns pelos outros como meros participantes do ajuntamento (GOFFMAN, 2010, p. 98). A desatenção civil é, sob essa perspectiva, uma forma bastante sutil de interação desfocada. Um simples olhar de indiferença entre um indivíduo e outro em uma rua movimentada de uma cidade, constitui parte fundamental do rito interacional no meio urbano.¹³

A interação desfocada não é, de forma alguma, o único modo de interação social da vida urbana. Há códigos comunicacionais mais diretos e eficientes que um indivíduo emprega quando deseja transmitir uma dada mensagem em uma situação de interação; trata-se da *interação focada*, isto é, "aglomerados de indivíduos que estendem uma licença comunicativa especial mutuamente e sustentam um tipo especial de atividade mútua que pode excluir outros presentes na situação". (GOFFMAN, 2010, p. 95)

Um encontro ou um *engajamento de face*, como prefere Goffman, caracteriza uma situação em que dois ou mais indivíduos estabelecem vínculos mútuos de comunicação, isto é, mantém entre si um único foco de atenção visual e cognitiva, uma atividade mútua. A conversa falada é, talvez, o exemplo mais elucidativo desta forma de interação focada, contudo, não é a única (GOFFMAN, 2010, pp. 101-102). Um jogo de tabuleiro de xadrez que ocorre em uma praça pública, por exemplo, é uma forma de interação focada em que os participantes, não necessariamente, utilizam a fala como instrumento principal de comunicação.

Quanto maior o número de componentes de um dado ajuntamento, mais difícil se torna a manutenção de um único foco por parte dos participantes (GOFFMAN, 2010, p. 103). Um exemplo: diferentes grupos de amigos e conhecidos reunidos em uma rua em frente a um bar compõe uma grande concentração de pessoas. Essa grande concentração pode ser subdividida em pequenos grupos de tamanhos variados. Quando há apenas dois indivíduos compondo esse

¹³ "A necessidade desta solidariedade coletiva é aumentada na vida urbana, que coloca indivíduos de grande distância social ao alcance uns dos outros". (GOFFMAN, 2010, p. 117)

pequeno grupo a interação é completamente focada entre esses participantes. Quando há mais de dois participantes esta interação tende a ser parcialmente focada. Quando há mais de três indivíduos compondo esse grupo a interação é multifocada. Esses pequenos grupos, que juntos compõem esta grande concentração de indivíduos forma, então, diversos micro contextos de interação. Neste caso, entre os componentes dos pequenos grupos a interação focada tende a predominar. Podemos afirmar ainda que entre os diferentes grupos de conhecidos que compõe a grande concentração a interação desfocada tende a predominar. Em função da proximidade física, quando for do interesse dos participantes, a interação desfocada pode se transformar em interação focada. Uma simples olhadela de relance pode ser um sinal que demonstre a disponibilidade à interação focada, por exemplo, entre dois participantes de dois diferentes grupos que compõe esta concentração maior. "Olhadelas mútuas normalmente precisam ser contidas se desejamos evitar um encontro, pois o contato visual nos abre para engajamentos de face". (GOFFMAN, 2010, pp. 107-108)

Goffman afirma que, em nossa sociedade (ocidental), boa parte destes códigos comunicacionais é espacialmente convencionada. O ponto e a posição que os indivíduos ocupam no espaço, em grande medida, condicionam os comportamentos a eles associados. Em uma conversa (interação focada), por exemplo, o ponto que um indivíduo ocupa e a sua posição em relação ao outro indivíduo são fundamentais para que a conversa possa fluir naturalmente. As distâncias e posições mínimas e máximas (espaço pessoal), ao que parece, variam de uma situação a outra e também culturalmente.¹⁴ (GOFFMAN, 2010, pp. 111-112)

Há ainda outra importante diferenciação entre a interação focada e desfocada: o seu tempo de duração. Em um engajamento de face como a conversa (interação focada), por exemplo, o tempo de duração pode variar de alguns poucos segundos até horas, dependendo do grau de afinidade entre os participantes, do assunto tratado, do ritual no qual a conversa está inserida etc. No ritual da desatenção civil (interação desfocada), o tempo de duração do ato comunicativo pode ser praticamente nulo como, por exemplo, em uma olhadela de uma pessoa que passa por outra em uma rua - um dos rituais interpessoais mais comuns em nossa sociedade. (GOFFMAN, 2010, p. 114)

¹⁴ "Termos cotidianos se referem a diferentes aspectos de encontros. 'Aglomerado', 'grupo', 'círculo conversacional', - todos enfatizam os aspectos físicos, a saber, um conjunto de pessoas fisicamente próximas e orientadas facilmente umas às outras, de costas àquelas que não são participantes." (...) "Na literatura, o termo 'a interação' é às vezes usado para designar ou a atividade ocorrendo no aglomerado em qualquer dado momento ou a atividade total que ocorre do momento em que o aglomerado ocorre até o momento em que ele oficialmente se desfaz." (GOFFMAN, 2010, p. 113)

Em uma grande concentração de pessoas não há como saber, somente através da observação direta, se os pequenos grupos de indivíduos que a formam são compostos por pessoas que se conheciam previamente ou se essas pessoas se conheceram naquele mesmo momento em que estabeleceram uma conversa. Os conceitos *interação focada* e *interação desfocada* estão, portanto, intimamente relacionados (GOFFMAN, 2010, p. 117). Em um ajuntamento ou aglomeração quaisquer todos os presentes são, simultaneamente, participantes e espectadores.

"Todas as pessoas no ajuntamento em geral estarão imersas num conjunto comum de interação desfocada onde cada pessoa, por sua mera presença, modos e aparência transmite alguma informação sobre si mesma para todos na situação, e cada pessoa presente recebe informações do mesmo tipo de todos os outros presentes, pelo menos se estiver disposta a utilizar suas oportunidades de recepção" (GOFFMAN, 2010, p. 170)

Em qualquer sociedade, podemos perceber que o uso de sinais e símbolos significa que evidências de valores individuais e sociais são comunicados através de pequenas coisas, isto é, um sistema de práticas, convenções e regras de procedimentos entram em jogo, organizando e orientando o fluxo de mensagens emitidas e recebidas pelos participantes do ajuntamento que acabam funcionando como uma espécie de contrato social contextual (GOFFMAN, 2011, p. 39). A noção de *fachada* resume bem o que estamos tentando mostrar:

"O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõe que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados." (GOFFMAN, 2011, pp. 13-14) (...) *"Quando uma pessoa realiza a preservação da fachada, junto com seu acordo tácito de ajudar as outras a realizar a delas, isto representa sua disposição em obedecer às regras básicas da interação social. Eis o símbolo de sua socialização enquanto um participante da interação. Se ela e as outras não fossem socializadas dessa forma, a interação na maioria das sociedades e na maioria das situações seria uma coisa muito mais perigosa para sentimentos e fachadas."* (GOFFMAN, 2011, p. 37)

Toda situação de interação requer de seus participantes a combinação prévia ou contextual de regras de conduta específicas. Todos aqueles gestos que consideramos, às vezes, sem importância são em realidade partes fundamentais do rito interacional e, ao contrário do que se pensa normalmente, se o indivíduo quiser jogar esse jogo sagrado, é necessário que ele esteja no campo correto, isto é, no espaço correto. A manutenção do jogo depende também de sua base territorial (GOFFMAN, 2011, pp. 90-91). Dessa maneira, em uma situação de interação face a face qualquer, deve-se levar em consideração a identidade social dos outros indivíduos ou grupos presentes e o ambiente (espaço) no qual ela ocorre. A partir dessa

avaliação prévia o indivíduo escolhe em seu arsenal o comportamento que ele e os presentes no ajuntamento julgam satisfatórios. (GOFFMAN, 2011, p. 102)

Proximidade física não necessariamente significa proximidade social ou cultural. A segregação da plateia é um indício de que, normalmente, os indivíduos preferem interagir com pessoas que possuem códigos de conduta próximos aos deles; porém, em um espaço público, por exemplo, isso se torna mais fluido. Um indivíduo que se desloca por uma rua movimentada precisa ser mais tolerante com relação às diferenças sócio/culturais se ele quiser evitar constrangimentos para ambas as partes (GOFFMAN, 2011, pp. 104-105). Sob esta perspectiva, apesar das diferenças sociais e culturais, as pessoas são praticamente iguais em todos os lugares. Em suas palavras:

"Se as pessoas tiverem uma natureza humana universal, não é nelas próprias que devemos procurar uma explicação dela. Em vez disso, devemos procurá-la no fato de que as sociedades, em qualquer lugar, se quiserem ser sociedades, precisam mobilizar seus membros como participantes autorreguladores em encontros sociais." (...) " em parte, quando falamos em natureza humana universal é a esses elementos que nos referimos." (GOFFMAN, 2011, p. 49)

Segundo Isacc Joseph, aquilo que Goffman busca entender é a própria lógica da interação que permeia a ordem pública, pois a vida social e a vida pública se encontram, para ele, sobrepostas; e a única forma de ser constatar isso é se debruçando em uma espécie de etnografia da vida pública. (JOSEPH, 2000)

Civilidades, rituais, dramas, ocasiões, competências: a microsociologia é o estudo das formas rotineiras ou inéditas de nossos engajamentos, mas não descarta absolutamente sua espontaneidade. A noção de momento resume essa característica que tem a vida social de ser situada e descritível, mas também estruturalmente problemática, de estar aberta aos mal entendidos e às interpretações relativas aos quadros. (JOSEPH, 2000, p. 90)

No início do século XX, Georg Simmel propôs o seguinte questionamento: *como a sociedade é possível?* Enquanto geógrafo, no lugar da palavra *como*, colocaria a palavra *onde*. Dessa maneira, cabe adiantar, o tema da sociabilidade poderia ser discutido por geógrafos. Ao discorrer sobre a dimensão espacial deste fenômeno poderemos contribuir com tal temática oferecendo novas possibilidades interpretativas. No próximo capítulo desta dissertação, busco demonstrar como a sociabilidade pode ser discutida à luz de um ponto de vista geográfico.

Capítulo II

SOCIABILIDADE E GEOGRAFIA

A sociabilidade como objeto de estudo da geografia

O tema da sociabilidade praticamente não recebeu atenção de geógrafos. Tradicionalmente, ele foi discutido, conforme destacamos anteriormente, por sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais. Porém, mesmo entre esses últimos, ao menos atualmente, o conceito não aparece como sendo o objeto fundamental de reflexão, sendo utilizado de forma instrumental e genérica, geralmente, ligado ao estudo do cotidiano das cidades, do campo, ou das sociedades tribais. Conforme já mencionado, porém, temos defendido a ideia de que há uma clara espacialidade neste fenômeno que por hora decidimos estudar. Neste tópico do trabalho, fazemos uma breve reflexão sobre como a geografia poderia tratar do tema da sociabilidade.

Para tal, dialogamos com alguns autores clássicos da geografia, buscando demonstrar como determinados princípios teórico/metodológicos largamente utilizados pela ciência geográfica como a observação empírica, a descrição, a criação e interpretação de imagens, poderiam nos ajudar a responder o seguinte questionamento: como estudar o fenômeno da sociabilidade à luz de um ponto de vista geográfico? Inicialmente, diríamos que a resposta para essa indagação está na própria pergunta, isto é, naquilo que nós geógrafos chamamos de *olhar geográfico*. O que a final de contas nós queremos dizer quando falamos em nossas pesquisas que utilizaremos um *ponto de vista geográfico*? Por que nós geógrafos falamos com tanta propriedade sobre a existência de um pretense *olhar geográfico*? O que há de especial nessa *forma de ver* as coisas de que tanto falam os geógrafos? Por outras palavras, o que há de diferente em nosso *olhar geográfico*?

Essas perguntas não são, de maneira nenhuma, novas. Aliás, ouvem-se os geógrafos falando desse olhar diferenciado já há alguns séculos (ROSE, 2003; DRIVER, 2003; COSGROVE, 2008; CLAVAL, 2011; GOMES, 2013, RIBEIRO & GOMES, 2013, entre outros). Segundo o geógrafo britânico Denis Cosgrove (1948-2008), por exemplo, todas as pessoas que vivem no mundo, em função da incapacidade de conhecê-lo por completo, imaginam-no através de representações. Na geografia, mais especificamente, as representações geográficas (mapas, textos, imagens pictóricas de vários tipos ou mesmo o olhar da paisagem em si), não são apenas dados ou fontes de maior ou menor valor para a investigação dos geógrafos; elas são elementos ativos que constituem a própria modelação das práticas sociais e espaciais dos ambientes em que vivemos. Para este autor, o espaço geográfico continua sendo caracterizado como algo que pode ser visto ou pelo menos visualizado e, no mundo atual, dispomos de cada vez mais dispositivos que nos permitem observá-lo e, melhor ainda, que nos permitem vê-lo. (COSGROVE, 2008)

Para o geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes, esse *olhar geográfico* parece ser um atributo próprio, peculiar e tradicional da produção do conhecimento geográfico. As origens dessa tradição remontam à Grécia antiga e, mais especificamente, aos aedos gregos, poetas cegos que, em função de suas limitações, convocavam as musas para narrar histórias dos deuses, das potências e da própria formação do mundo. Nestas narrativas, segundo nos conta Gomes, é possível notar a passagem de um olhar que constata a infinita variedade e dispersão das coisas no mundo - o Caos - para um olhar que organiza essa variedade e essa desordem em um todo unificado, coeso e coerente - a Ordem. (GOMES, 2012, p. 2)

Criar uma imagem da Terra, observá-la e interpretá-la, eis o ambicioso projeto de Ptolomeu, que se transformou em uma das tradições mais influentes na formação da geografia moderna. Outra importante fonte de inspiração da geografia que foi produzida após o Renascimento adveio da corrente filosófica conhecida como estoicismo, de onde vieram a maior parte dos geógrafos da antiguidade clássica, e cujo exemplo mais notável e conhecido foi Estrabão. Segundo esta corrente filosófica, baseada nos princípios cosmogônicos, a explicação de qualquer fenômeno da terra deveria ser remetida à totalidade, isto é, à sua unidade geral, o Cosmos. Isso significa que, na concepção desses filósofos, a ordem humana e a ordem natural estão integradas em uma mesma ordem do/no mundo. O método prioritário que, segundo os estoicos, possibilitaria a construção do conhecimento seria a *contemplação*: "o olhar que observa com sabedoria e cuidado é capaz de desvendar a ordem do mundo. Esse olhar irá procurar no desenho das formas, nas conexões entre elas, a coesão fundamental entre todos os fenômenos." (GOMES, 2012, p. 3)

Segundo Denis Cosgrove, os cosmógrafos diziam que o mundo fornece uma evidência visual da consciência da ordem. Essa "ordem", que é vista como algo harmonioso, estaria sensivelmente aparente aos olhos e ouvidos humanos. Para Cosgrove, a cosmologia foi a maior responsável por sintetizar os problemas de uma descrição lógica do universo material. Os cosmólogos o fizeram acreditando que a matemática e, mais especificamente, a geometria seria a melhor linguagem/ferramenta para que se pudesse entender a ordem que governava o universo e o mundo (COSGROVE, 2008, p. 15-17). Cosgrove nos informa sobre a existência do que ele chamou de "scales of geographic vision". Segundo este autor, a partir do Renascimento, estabeleceu-se aquilo que nós poderíamos chamar de uma hierarquia espacial de escalas decrescentes, onde a cosmografia seria a área do conhecimento responsável por refletir sobre todo o sistema do universo geocêntrico; à corografia estaria destinado o estudo das diversas seções ou áreas do globo, isto é, suas regiões locais e/ou paisagens; enquanto que

a geografia seria a responsável por descrever e compreender o padrão e a relação entre o conjunto de fenômenos como o clima, o relevo, os mares etc., circunscritos à superfície do globo.

É interessante notar que, nessas três subdivisões propostas, preferiu-se adotar o termo grafia e não logia. O termo grafia remete muito mais a ideia de registro ou de descrição dos fenômenos, enquanto o termo logia remete muito mais a noção de estudo ou explicação dos fenômenos. No primeiro caso, na descrição, dar-se-ia muito mais poder às representações e, portanto, às imagens dos fenômenos registrados; enquanto no segundo caso, nas explicações, buscar-se-ia muito mais um encadeamento lógico de proposições/palavras/ideias que explicassem os fenômenos. Nesse sentido, podemos afirmar juntamente com Cosgrove, que o trabalho dos cosmógrafos, era o de exatamente criar uma imagem do universo e do mundo, ou seja, torná-los visíveis em cada patamar dessas escalas decrescentes. Recorria-se, portanto, à imagem do universo e do mundo para poder compreender a sua ordem, sua harmonia e o conteúdo de sua "criação". (COSGROVE, 2008, pp. 17-19)

Após o Renascimento, as obras de Ptolomeu e Estrabão foram revisitadas pelos geógrafos e a tradição cosmológica de que eram tributárias, em certo sentido, determinou a escolha temática e a metodologia geral que a geografia utilizaria nos próximos períodos. Foi inspirada nessa tradição que a geografia começou a considerar que sua tarefa era exatamente a de "produzir imagens do mundo, de compreender sua organização e de decifrar sua ordem, em suma, de veicular uma cosmovisão" (GOMES, 1996, p. 129). Se o modelo de Estrabão é considerado como histórico-descritivo, por um lado, o modelo de Ptolomeu é tido como matemático-cartográfico, por outro lado. E foi exatamente a diferença entre a obra dessas duas influências primordiais, que deu origem a duas distintas escolas de geografia que, até a revolução científica, sempre conviveram lado a lado. (GOMES, 1996)

Conforme argumenta Paulo Cesar Gomes, porém, muitos foram os geógrafos que tentaram agrupar essas duas perspectivas (os princípios gerais cosmográficos e as descrições regionais corográficas) em suas obras. "É então possível afirmar que existia já nessas tentativas de integração uma maneira de conceber a geografia como uma relação entre a organização geral do mundo e sua imagem, de um lado, e a fisionomia particular de algumas de suas partes, de outro" (GOMES, 1996, p. 130). Nos parágrafos que se seguem, buscamos demonstrar a partir da apresentação da obra de alguns autores clássicos da geografia, como a observação, a descrição, a criação e a interpretação de imagens foram e continuam sendo recursos

metodológicos imensamente importantes para a produção do conhecimento geográfico. Cabe logo destacar que ao longo da história do pensamento geográfico o objeto fundamental de reflexão dos geógrafos se transformou consideravelmente (GOMES, 1998). Ao revisitar a obra de alguns desses autores, porém, nosso interesse se dirige menos para o objeto de análise propriamente dito e mais para os métodos que foram por eles empregados. O recorte temporal que adotamos - que justifica a escolha dos autores apresentados -, se inscreve mais ou menos entre a década de 1870, quando a geografia se torna uma disciplina institucionalizada, e 1950, quando há a chamada revolução teórico-quantitativa; trata-se fundamentalmente do período que ficou conhecido como geografia tradicional. (CORRÊA, 1996)

Em sua clássica obra *antropogeografia*, o geógrafo alemão Friedrich Ratzel, fortemente influenciado por um dos "pais" da geografia moderna, o naturalista da Prússia Carl Ritter, afirmava que a geografia tinha por objetivo estudar um antigo problema filosófico, referente às relações recíprocas existentes entre a natureza e a humanidade, entre o teatro dos acontecimentos e a história. "Bem, a nossa ciência deve estudar a Terra ligada como está ao homem e, portanto, não pode separar esse estudo da vida humana, tampouco da vida vegetal e animal" (RATZEL, [1882] 1990, p. 32). No que se refere ao método empregado, Ratzel foi categórico ao afirmar que a geografia é, essencialmente, uma ciência descritiva. Ele considerava, todavia, que a descrição não bastava para que a geografia se estabelecesse como uma ciência, o que não desqualificava a descrição como um instrumento metodológico de fundamental importância para a geografia: "Não é uma falha, para uma ciência ser descritiva, desde que ela não se limite exclusivamente ao trabalho da descrição, já que nesse caso a ciência não atingiria seus objetivos supremos." (RATZEL, [1882] 1990, p. 94)

Segundo este autor, para se fazer uma boa descrição é necessário que se conheça muito bem o objeto descrito e, simultaneamente, que se conheça também os objetos com os quais ele se relaciona. Toda descrição pressupõe a existência de uma classificação; porém, afirma Ratzel, com a geografia dos homens, não buscamos uma descrição que considera os povos isoladamente, ou seja, que os separa de sua base territorial, e nem mesmo o contrário, isto é, que destaca o ambiente físico em detrimento da vida que o anima, o seu povo. A descrição e a classificação são os primeiros passos para que se consiga chegar a um método indutivo. Nesse caso, a comparação pode e deve ser uma importante aliada. Ao fazermos, por exemplo, um mapa etnográfico comparando diversos povos em termos de sua amplitude, posição e configuração, estaremos operando em comum acordo com a metodologia geográfica, pois "o mapa etnográfico representa o instrumento de indução próprio da geografia do homem"

(RATZEL, [1882] 1990, p. 96), e é sob esse aspecto que poderíamos dizer que a antropogeografia de Ratzel é também uma *ciência comparada*, tal como propusera anteriormente, o geógrafo Carl Ritter, que utilizava o método comparativo em contraposição à uma geografia que fosse meramente descritiva.

“Se é verdade que o geógrafo tem os olhos voltados constantemente para toda a Terra e está sempre pronto a passar das considerações de um fenômeno singular à consideração de uma série de fenômenos, isto é, do procedimento analítico ao sintético, esta disposição todavia não significa a renúncia ao método dedutivo, mas simplesmente que usa como recurso um segundo procedimento do qual a geografia pode, em alguns casos, tirar proveito.”
(RATZEL, [1882] 1990, p. 96)

Conforme argumenta Ratzel, a geografia observa e reflete sobre os mesmos fenômenos que são estudados por outras disciplinas, porém, o seu método é diferente daquele que é empregado por outras ciências, pois o método geográfico tem essa “tendência natural a ampliar seu ângulo de visão, a realizar uma observação que eu diria hologeica, isto é, que abarca toda a Terra (...) a geografia do homem é essencialmente unitária, enquanto a etnografia é essencialmente separadora.” (RATZEL, [1882] 1990, p. 97)

Para o geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, por exemplo, desde o início dos tempos que o espetáculo da diversidade dos lugares e das organizações sociais tem sido a base sob a qual se assenta a reflexão geográfica (VIDAL DE LA BLACHE, [1921] 1954). Segundo Vidal de La Blache, a fisionomia dos lugares ou regiões, é parte fundamental da descrição/explicação dos fenômenos estudados pela geografia (VIDAL DE LA BLACHE, [1911] 2005, p. 113). Em seus escritos, Vidal de La Blache parecia descrever um itinerário, um percurso comentado onde todos dos detalhes, naturais e não naturais, as montanhas e as construções, o litoral e as fazendas, as plantas e as ferramentas, o substrato natural e o substrato humano, eram descritos com enorme precisão e erudição sem, às vezes, precisar recorrer nem mesmo ao uso de imagens pictóricas (GOMES, 2012, p. 4). É nesse sentido que Ptolomeu afirmava que a geografia é a “ciência sublime que lê no céu a imagem da terra” e, no caso específico da geografia dos fenômenos humanos, antropológicos ou sociais, a ciência que estuda as marcas que os homens deixam impressas na superfície terrestre. (*apud* VIDAL DE LA BLACHE, [1921] 1954, p. 30)

Vidal de La Blache dizia que a ideia que domina o progresso da geografia é a de unidade terrestre. “A concepção da Terra como um todo, cujas partes estão coordenadas e no qual os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais de que derivam os casos particulares”

(VIDAL DE LA BLACHE, [1921] 1954, p. 30). Para Vidal, os chamados *atos de geografia humana* só podem ser realmente explicados quando considerados no conjunto terrestre, pois os fatos humanos se relacionam com o meio que, em cada lugar da terra, é resultado de uma combinação específica de condições físicas. Mas o homem é também, ele próprio, um fator geográfico: “Ele é, ao mesmo tempo, ativo e passivo”, daí a necessidade de se estudar a ação do homem sobre a Terra, isto é, as marcas que os homens lhes deixam impressas. (*apud* VIDAL DE LA BLACHE, [1921] 1954, p. 45)

Na clássica obra *Geografia Humana* publicada originalmente em 1910, Jean Brunhes (1869-1930), um dos mais conhecidos discípulos de Vidal de La Blache e o primeiro a utilizar a expressão geografia humana, propõe o estabelecimento de um método de observação, classificação e explicação dos *atos de geografia humana*. Para este autor, a superfície terrestre é o lugar onde se percebe a superposição de todos os fenômenos que constituem aquilo que chamamos de vida; e é sob esta complexa confluência de fenômenos, naturais e humanos, que está circunscrito “o teatro de observação dos geógrafos: é o domínio, por excelência, da Geografia” (BRUNHES, [1910] 1962, p. 26). A geografia era concebida por Jean Brunhes, antes de qualquer coisa, como uma ciência de observação; e a maneira mais eficaz de conferir cientificidade ao saber geográfico era aplicar um rigoroso método de observação a tudo aquilo que se apresentava ao olhar, despidendo-se momentaneamente de todos os conhecimentos prévios acerca dos fenômenos estudados. Em suas palavras: “O conjunto de todos esses fatos de que participa a atividade humana é um grupo verdadeiramente especial de fenômenos superficiais: ao estudo dessa categoria de fenômenos geográficos, damos o nome de Geografia Humana.” (BRUNHES, [1910] 1962, p. 27)

Conforme nos recorda Jean Brunhes, porém, a observação atenta não é uma exclusividade do saber geográfico. Segundo este autor, para que a observação possa se constituir como método geográfico é necessário que se leve em conta a ideia de conexão ou conectividade entre os fenômenos ou fatos geográficos; para ele, não bastava estudar isoladamente essas diversas séries de fenômenos, pois a “realidade complexa” não se apresenta ao nosso sistema cognitivo através de entes isolados, nela, tudo está conectado, os aspectos naturais e humanos juntos constituiriam, nesse sentido, uma unidade que poderíamos chamar de mundo:

“Não nos podemos contentar com a observação de um fato em si, ou de uma série isolada de fatos; depois dessa observação inicial, trata-se de recolocar a série no conjunto natural, no conjunto complexo dos fatos em meio aos quais ela se produziu e desenvolveu; é preciso procurar como ela se prende às séries de fatos que as cercam, em que medida os determinou, e, reciprocamente, em

que medida ela sofreu a sua influência. (...) Nosso trabalho adquire razão de ser por causa do grande princípio geográfico de conexão: os homens, como os vegetais e os animais, estão intimamente ligados a um certo número de fenômenos. (...) Assim, então, o menor estudo geográfico – se pretende ser completo – não se pode restringir a observar fatos isolados; não há sobre a crosta terrestre compartimentos estanques; pode haver divisões, mas não há cercas.” (BRUNHES, [1910] 1962, pp. 32,35 e 37)

Certamente, o argumento que fundamenta essa perspectiva encontra eco na ideia de que o todo terrestre é um corpo unificado, uma expressão da solidariedade orgânica e social. Caberia aos geógrafos estudar a atuação desse variado complexo de forças que funciona em completa sinergia. A geografia científica moderna atuaria, segundo Jean Brunhes, utilizando dois métodos principais: a comparação e a classificação. Em oposição à chamada geografia antiga, ou pré-científica, que se definia como uma *descrição da terra*; a geografia moderna seria, conforme os cânones positivistas de que é tributária, a *ciência da terra*. Em sua faceta moderna, a geografia não se contentava com a descrição dos fenômenos, para além disso, ela buscava explicá-los; não era mais um inventário e sim uma história, não era mais uma enumeração e sim um sistema. A geografia proposta por Brunhes teria por objetivo alcançar uma dupla finalidade: “observar, classificar, explicar os efeitos diretos das forças atuantes e os efeitos complexos destas forças associadas. (...) O dom da observação, que é indispensável, não basta mais.” (BRUNHES, [1910] 1962, pp. 42 e 44)

“Em que consiste o espírito geográfico? Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver. Não vê quem quer. Em matéria de geografia física como em matéria de geografia humana, a aprendizagem, à visão das coisas positivas das realidades da superfície da terra, será o primeiro estágio e não o mais fácil. Como consequência, o método geográfico, em todos os domínios onde pode ser empregado, é um método que dá sempre a primazia de lugar e interesse ao estudo exato, preciso, do que existe hoje em dia.(...) É preciso substituir uma retórica vazia pela observação minuciosa e pela análise. (...) Todo povo, toda população humana cobre a superfície terrestre com esses sinais visíveis que revelam sua presença, refletem sua maneira de ser e sua capacidade de ação, deixam interpretar e compreender seu passado, e até permitem, as vezes, adivinhar seu próximo futuro.” (BRUNHES, [1910] 1962, pp. 427 e 451)

Assim como Jean Brunhes, o historiador francês Lucien Febvre (1878-1954) concordava com o fato de que a geografia científica moderna, não deveria mais se contentar em apenas descrever, enumerar e inventariar; segundo este autor, o esforço precursor de autores como Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache fez surgir uma nova geografia, mais pretensiosa. Tanto a antropogeografia proposta pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, quanto a geografia humana da chamada escola francesa de Vidal de La Blache, lidavam com o mesmo problema: como a geografia poderia, enquanto ciência

autônoma, se debruçar sobre temas ligados à história humana sem se sobrepor aos conhecimentos produzidos, por exemplo, por sociólogos, antropólogos e historiadores? Por outras palavras, o que conferiria autonomia epistemológica, teórica e metodológica à ciência geográfica?

Segundo Lucien Febvre, a resposta para este questionamento fundamental é relativamente simples: “O geógrafo parte do solo, e não da sociedade (...) é, antes de tudo, para o solo que se dirige sua atenção” (FEBVRE, [1922] 1991, p. 48)¹⁵. Segundo este autor, o que o geógrafo coloca em primeiro plano é a terra, o espaço, e não a sociedade, o que significa dizer que os problemas não são e nem poderiam ser os mesmos, pois as questões e objetivos também não o seriam. A ideia que sustenta essa prerrogativa é a de que não há agrupamentos humanos (sociedades) sem suporte territorial. Vidal de La Blache, por exemplo, afirmava que o homem é um poderoso agente de transformação da superfície terrestre, isto é, um agente geográfico, um produtor do espaço e, por esse motivo, a geografia também deveria estudá-lo. (FEBVRE, [1922] 1991, p. 69)

“Quando se pretende encarar a geografia do ponto de vista do homem – e entenda-se que se trata apenas de um entre muitos outros pontos de vista -, aquilo que ela estuda, aquilo que nos dá a conhecer é o meio em que se desenrola a vida humana. Em primeiro lugar descreve-o; em seguida analisa-o; posteriormente tenta explicá-lo com a permanente preocupação das repercussões e interferências. O próprio homem, mediante as suas obras, é alcançado pela geografia.” (FEBVRE, [1922] 1991, p. 71)

Em sentido próximo, o geógrafo francês Pierre Deffontaines (1894-1978), um dos fundadores da geografia científica brasileira na década de 1930 e um dos responsáveis por formar a primeira geração de geógrafos brasileiros, dizia que a geografia humana tinha por domínio o estudo da obra dos homens sobre a terra, mas não de qualquer obra; ele se referia mais especificamente ao trabalho visível, tangível, ou mesmo paisagístico, para utilizar uma expressão de que os geógrafos tanto gostam (DEFFONTAINES, [1959] 2005, p. 93). Deffontaines era um descritor nato, nada escapava ao seu atento olhar. Ele andava com uma caderneta de campo em mãos e sempre recorria à utilização de mapas, desenhos e esquemas gráficos para apresentação de suas reflexões. (GOMES, 2012, p. 5)

“Não foi o homem que transformou a terra, mas sim o seu pensamento (...) Qual é o resultado concreto, paisagístico de um milhão de anos de pensamentos? É aí que reside a grande originalidade da Geografia Humana: a de traçar em definitivo o papel paisagístico, visível do pensamento: é a

¹⁵ No lugar das palavras solo ou terra, colocaria a palavra espaço.

diferença principal entre essa geografia da espécie humana e as geografias que também, legitimamente, poder-se-ia fazer para as outras espécies vivas, uma geografia das abelhas, das formigas, das andorinhas, dos elefantes." (DEFFONTAINES, [1959] 2005, p. 110)

Em sua famosa obra *a morfologia da paisagem*, publicada pela primeira vez em 1925, o geógrafo americano Carl O. Sauer (1889-1975), afirmava que a geografia não é outra coisa que não o estudo da paisagem, isto é, o estudo de uma seção espacial, material, da realidade. Na Grécia antiga, segundo exemplifica este autor, muitos foram aqueles que se dedicaram às descrições geográficas antes mesmo da expressão geografia ser utilizada na forma como nós a conhecemos hoje. "A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado" (SAUER, [1925] 1998, p. 58). Para Sauer, quando uma paisagem natural era submetida à influência de uma determinada cultura (cultura essa que também se modificava ao longo do tempo), ela se transformava em uma paisagem cultural, pois guardava os resquícios da ação e da cultura humana em seus aspectos visíveis. A paisagem natural oferece o material, e a cultura, diz Sauer, a molda. Esta paisagem será, nesse sentido, uma expressão da própria cultura que a forjou. (SAUER, [1925] 1998, p 58)

Segundo Carl Sauer, na paisagem geográfica, todos os fenômenos são interdependentes. A paisagem é a base da realidade corológica. Os fenômenos que compõe uma área não estão apenas reunidos, eles estão associados. Caberia ao geógrafo interrogar-se sobre esta complexa ordem de conexão entre os fenômenos que se manifestam na paisagem, isto é, na associação entre os fatos geográficos de uma determinada área. Termos como área e região são, em certo sentido, equivalentes ao termo paisagem, pois em ambos os casos, é a individualidade ou particularidade de um determinado lugar que se está tentando destacar; mas esta individualidade não deve ser entendida como uma individualidade autônoma e sim relacional. Toda paisagem só existe em conexão com outras paisagens, e o mesmo vale para as suas formas "internas". (SAUER, [1925] 1998, p. 24)

"A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso na área, em fatos de base física, e fatos da cultura humana." (SAUER, [1925] 1998, p. 29)

Carl Sauer desenvolveu aquilo que ele chamou de um método morfológico (indutivo), no qual a observação empírica ocuparia um lugar central. Segundo este autor, apesar do espírito cosmológico presente, por exemplo, na obra de Carl Ritter; fora ele um dos primeiros a

perceber, nos tempos modernos, a importância da morfologia da paisagem para os estudos geográficos. Tradição essa que, um pouco mais tarde, foi resgatada por Vidal de La Blache e as suas monografias regionais. Tradicionalmente a geografia começou descrevendo e registrando, isto é, sistematizando. "O estudo geográfico ainda começa assim. A descrição de fatos observados origina, por alguma ordem predeterminada, um agrupamento preliminar do material" (SAUER, [1925] 1998, p. 36). Como bem definiu o geógrafo alemão Passarge, a apresentação dos fatos visíveis é algo anterior à explicação e à especulação. A paisagem cultural, a seção da realidade a que os chamados geógrafos humanos se prestam a refletir, é por esse motivo, um objeto fundamental da reflexão geográfica:

"Se a geografia é para ser sistemática e não idiossincrática, deve haver uma concordância crescente no que diz respeito aos itens de observação. Particularmente, isso deveria significar um esquema descritivo geral a ser seguido na pesquisa de campo" (SAUER, [1925] 1998, p. 40)

Em sua obra *Perspectives on the Nature of Geography* (1966), o geógrafo americano Richard Hartshorne (1899-1992), faz uma leitura crítica de seu clássico trabalho *The Nature of Geography*, publicado pela primeira vez em 1939. *The Nature of Geography* foi durante cerca de 20 anos o mais importante estudo metodológico de geografia em língua inglesa. Sua perspectiva inovadora buscava, tal como Carl Sauer fizera alguns anos antes, resolver os problemas advindos da dicotomia entre as geografias geral e regional de um lado, e das geografias física e humana de outro. (GOMES, 1996, pp. 236-242)

Carl Sauer dizia que a geografia era "a ciência da diferenciação de áreas". Tal concepção é, segundo nos conta Richard Hartshorne, fortemente inspirada nas ideias do geógrafo alemão Alfred Hettner para quem a geografia "consiste no conhecimento das áreas da terra na medida em que diferem umas das outras". Esta concepção não era exatamente nova, pois desde o início da história humana que os homens tentam entender por que o mundo varia tanto de um lugar para outro (*apud* HARTSHORNE, [1966] 1969, pp. 16-18). "Essa curiosidade universal do homem acerca do mundo situado além dos seus horizontes imediatos, mundo sabidamente diferente, em grau variável, da área doméstica, constitui os alicerces de toda a geografia". (HARTSHORNE, [1966] 1969, p. 20)

Porém, uma serie de geógrafos se dirigiam criticamente às noções de diferenciação de áreas e do método morfológico propostas por Carl Sauer, pois eles acreditavam que, nessa perspectiva, a geografia se limitaria novamente apenas a descrever, isto é, diferenciar ou distinguir áreas (HARTSHORNE, [1966] 1969, p. 23). Segundo argumenta Hartshorne,

todavia, “existem relações significativas entre as variações dos diversos aspectos das áreas” e caberia aos geógrafos demonstrar essas vinculações. Segundo Alfred Hettner (1905), essas conexões ou relações causais que existem entre os fenômenos da geografia são de dois tipos: relações mútuas que existem entre diferentes fenômenos em um mesmo lugar, e as relações ou conexões entre fenômenos em lugares diferentes. Por esse motivo, conclui Hartshorne:

“O propósito específico da geografia consiste em buscar a compreensão do caráter variável das áreas, em termos de todos os aspectos inter-relacionados, que constituem, em sua expressão de conjunto, exatamente esse caráter variável. (...) a geografia tem por objeto proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da terra. “(HARTSHORNE, [1966] 1969, p. 26)

Conforme argumenta Hartshorne, quando comparamos as diversas ciências, percebemos que, em muitos casos, o seu caráter unitário é determinado pela própria matéria estudada, enquanto em outros casos, a unidade existe no método. O caso da geografia se encontra mais próximo do segundo exemplo, pois sua unidade é muito mais produto do método do que do seu objeto. (HARTSHORNE, [1966] 1969, p. 235)

Associada aos ideais de síntese global do século XVIII e XIX, a geografia foi concebida como uma ciência de síntese. Diante, porém, da impossibilidade de explicar por completo as leis que governavam a Ordem universal e global, os geógrafos se deram conta que a especialização funcional se fazia necessária, e a geografia se prestou a tarefa, igualmente pretensiosa, de estudar todos os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre a partir de suas subáreas. Inspirados pelos neokantistas, historicistas e fenomenólogos, os geógrafos chegaram mesmo a conceber a geografia como a ciência do empírico; e, como se isso não bastasse, a geografia também já foi concebida como uma ciência que estudaria a relação que se estabelece entre a sociedade e a natureza; ou mesmo como uma ciência histórica, isto é, que busca no passado as explicações para compreender o presente. (GOMES, 1998)

Conforme nos indica Paulo Gomes (1998), talvez um traço comum a todas essas formas de conceber a geografia, se refira ao fato de que esta ciência se propõe a produzir uma cosmovisão, ou seja, a geografia é um campo do conhecimento que procura desvendar a ordem que conforma a diversidade, o espetáculo da dispersão espacial original do/no mundo. Apresentar o mundo é, em grande medida, organizá-lo. Desvendar a ordem espacial do mundo: eis a complexa tarefa que os geógrafos, desde o início dos tempos, têm se proposto a realizar. A geografia busca desvendar a ordem espacial dos fenômenos, ou seja, ela busca entender ou interpretar a lógica ou a coerência de disposição das coisas no espaço, sejam eles

fenômenos físicos ou sociais; estamos atrás, fundamentalmente, da ordem que explica a dispersão. É esse arranjo físico das coisas que permite que as ações se produzam, ou seja, as práticas sociais são dependentes de certa distribuição; o espaço qualifica, condiciona, ou mesmo limita determinadas práticas sociais. Desta forma, podemos concluir, o objeto fundamental de reflexão dos geógrafos é o espaço que é, simultaneamente, a disposição física das coisas e as práticas sociais que ali ocorrem. O espaço dos homens, nessa perspectiva, não é visto apenas como um reflexo da sociedade; ele é, igualmente, expressão, meio e condição de sua própria existência. (GOMES, 1998)

Conforme podemos perceber, a observação, a descrição, a criação e a interpretação de imagens estiveram presentes na maior parte das clássicas obras apresentadas aqui. Durante vários séculos, a ideia de que a geografia é uma ciência visual permeou o pensamento geográfico, e não é por outro motivo que, no decorrer de sua longa história, a geografia tem se empenhado em desenvolver linguagens e técnicas que sejam capazes de capturar aquilo que os olhos poderiam ou deveriam ver no mundo (RIBEIRO & GOMES, 2013, p. 29). "Thinking about what to observe and how to observe indeed, the status of observation itself has long been integral to the theory and practice of geographical knowledge (Driver 2001)" (*apud* DRIVER, 2003, p. 227). Não é à toa que, juntamente com a antropologia, a geografia é a ciência que mais utilizou recursos visuais para a produção do conhecimento ao longo de sua história. (ROSE, 2003, p. 212)

Segundo Paulo Cesar Gomes, Letícia Parente Ribeiro, Denis Cosgrove etc., o apreço dos geógrafos pela observação é e sempre foi, um aspecto central na constituição do saber geográfico (COSGROVE, 2008; GOMES, 2013, RIBEIRO & GOMES, 2013). Pelo menos desde o final do século XVIII, todos aqueles que praticavam a geografia, o faziam com certo apreço pela observação e a contemplação da diversidade terrestre. Na obra de clássicos autores da chamada geografia moderna como Alexander von Humboldt (1769-1859), Carl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de La Blache (1845-1918), a observação, a descrição empírica, a criação e a interpretação de imagens eram, certamente, fundamentais para a construção do conhecimento geográfico. (GOMES, 2012, p. 3)

Mesmo assim, argumenta Gillian Rose, apesar de reconhecermos que a geografia é também uma forma de conhecimento visual, "'the visual' hasn't been analysed in any sustained way in relation to geography as an academic discipline (...) We just don't know how, exactly, geography is a visual discipline" (ROSE, 2003, pp. 212-213). Na opinião desta autora, apesar

do uso indiscriminado de dispositivos imagéticos de que fazem uso os geógrafos atualmente, faltam estudos que nos digam a real importância desses suportes e, mais especificamente, que demonstrem as inúmeras relações de poder que as imagens podem viabilizar sem que nós, necessariamente, percebamos. Ao que parece, na concepção desta autora, atualmente, em função de sua banalização, as imagens nos trazem muito mais desconfianças do que explicações. (ROSE, 2003)

"how images 'themselves' represent 'hierarchies and differences' and to consider instead the ways in which geographers and their images and audiences also intersect in ways that produce hierarchies and differences. When geographers use images in the lecture theatre, book or website, that, too, produces roles and positions, hierarchies and differences, in the academic locale. It produces difference, for example, around what can and cannot be seen, around what remains invisible and what is turned into shadow by particular strategies of display, and around who can and cannot interpret the visible and how. It is these kinds of disciplinary visualities that most concern me here, not least because they have thus far been given so little attention by geographers interested in the visual." (ROSE, 2003, pp. 213-214)

Também houve por parte dos geógrafos alguma relutância em relação às representações e imagens, com uma recorrente tendência a concebê-las como distorção ou como produto de uma ideologia falsificadora, posição essa que é adotada, por exemplo, pela autora anteriormente comentada. Conforme nos alerta Paulo Cesar Gomes, "os geógrafos não se cansam de chamar a atenção para a diferença entre a 'fraudulenta' maneira como as coisas se apresentam e a forma que efetivamente elas seriam, o que é interpretado como uma exitosa estratégia para esconder os problemas reais" (GOMES, 2012, pp. 5-6). Segundo este autor, só muito recentemente que começa a aparecer uma contestação mais ampla desta desconfiança em relação as pesquisas com imagens (GOMES, 2013). "Com ela volta-se a valorizar a ideia de um olhar geográfico, que seria um importante formador ou conformador epistemológico para os geógrafos". (GOMES, 2012, p. 6)

Conforme argumenta Denis Cosgrove, os princípios epistemológicos e estéticos do movimento moderno estão ligados à ideia de ordenamento e planejamento. Descrever e retratar a Terra se tornou, desde então, um elemento chave na expressão geográfica do projeto racionalista moderno. Desde o início do século XX que os jovens foram incentivados, em todos os lugares, a ver e compreender a sua região local, com o objetivo comum de manter o patrimônio natural e cultural da nação, o orgulho nacionalista, e melhorar a sua aptidão física. Os geógrafos do século XX tiveram que desenvolver um "olho morfológico" para que pudessem discernir a estrutura e a ordem nos padrões da paisagem visível (COSGROVE, 2008, pp. 28 29). Eis o motivo pelo qual o escritor americano Gregory Keyes disse: 'we

make a map of our experience patterns, an inner model of the outer world, and we use this to organize our lives". (COSGROVE, 2008, p. 30)

"uma pergunta fundamental na apreciação do estatuto do olhar para o conhecimento é aquela de saber se há preeminência do olhar sobre a compreensão, ou da compreensão sobre o olhar? Em outros termos, devemos refletir e nos indagar, seguindo Arnheim, e acreditamos que "ver é compreender" ou seguimos Gombrich e nos convencemos de que 'só vemos o que compreendemos'?" (GOMES, 2012, p. 6)

Para Paulo Cesar Gomes e Letícia Parente Ribeiro, é mais do que evidente que qualquer pessoa que queira, pode aprimorar sua capacidade de observar, para poder "ver" mais coisas do que normalmente se veria (RIBEIRO & GOMES, 2013). No caso específico da geografia, três são as noções básicas que nós geógrafos deveríamos empregar como fundamentos de nossas observações: *o ponto de vista*, entendido como uma posição no espaço, a partir da qual vemos determinadas coisas, onde se supõe que a visualidade é dependente da localização e da posição do observador; *a composição*, entendida como o próprio nome indica, como um conjunto de elementos variados e solidários sobre um mesmo plano, um jogo composicional que são dados, em grande medida, pelo enquadramento de nosso olhar; e *a exposição* que, conforme sugere a etimologia, remete a ideia de uma posição de exterioridade naquilo que se coloca em exposição, ou seja, algo que se mostra ao olhar. (GOMES, 2013, pp. 17-26)

Conforme argumenta Gomes, em toda a história do pensamento geográfico, houve uma incessante busca por um objeto próprio que lhe conferisse autonomia e uma identidade particular única. Talvez seja exatamente este *olhar geográfico* que seja sua marca distintiva fundamental, a partir desse olhar que podemos formular nossas questões e é ele quem nos ensina a observar, "é este olhar que nos conforma e nos distingue" (GOMES, 2012, p. 6). Talvez seja exatamente por esse motivo que o geógrafo francês Jean Brunhes nos propôs, ainda em 1910, o seguinte questionamento: "Em que consiste o espírito geográfico? Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver. Não vê quem quer. Em matéria de Geografia Física, como em matéria de Geografia Humana, a aprendizagem, à visão das coisas positivas das realidades da superfície da terra, será o primeiro estágio e não o mais fácil" (BRUNHES, [1910] 1962, p. 416). Reflexão essa que poderia ser complementada com o comentário do geógrafo Francês Paul Claval, para quem "a Geografia é uma ciência da observação. Aquele que a pratica ama andar, olhar ao redor, cheirar os odores e sentir a atmosfera; é também um homem de contato, sempre pronto a interrogar as pessoas e a escutá-las". (CLAVAL, 2011, p. 61)

A justificativa e o método

Acreditamos que este trabalho se justifique, primeiramente, pela originalidade de nossa proposta. Ele se diferencia de todos os trabalhos que tem como tema central de discussão as modificações ocorridas no bairro da Lapa após a década de 1990: (IRIAS, 2007; ARAÚJO 2009; DUARTE, 2009; BAESA, 2010; SANTOS, 2011; GUTERMAN, 2012; MOSCIARO, 2012) planejamento urbano, arquitetura e urbanismo; (COSTA, 2010; BRANDÃO, 2011) sociologia; (CASCO, 2007; OLIVEIRA & SANTOS, 2010) antropologia; (HERSCHMANN, 2006; GOÉS, 2007; VERÍSSIMO, 2009) comunicação social; (SILVA, 2010) economia, (COSTA, 1993; MARTINS & OLIVEIRA, 2009; BARTOLY, 2013; FELIX, SÁNCHEZ & GÓIS, 2013) geografia, dentre outros.

Apesar da grande diversidade de pontos de vista, observam-se nestes trabalhos, conforme já mencionado, duas direções primordiais: a vontade de explicitar os motivos que teriam levado a esta (re)descoberta: sua histórica identidade boêmia e o processo conhecido como renovação, requalificação ou revitalização urbana deste espaço; bem como algumas de suas consequências positivas (o nascimento de um importante ponto de encontro noturno na cidade) e negativas (o fenômeno conhecido como gentrificação, por exemplo). No próximo capítulo desta dissertação, com base na literatura sobre o tema (dissertações, teses, artigos científicos e notícias de jornais) elencamos os principais condicionantes deste processo de redescoberta do bairro boêmio pela população carioca, conferindo especial destaque para a evolução da histórica paisagem boêmia do bairro, e para as recentes transformações em seu espaço físico providas, principalmente, por projetos de intervenção urbanística.

Nossa proposta, a descrição das formas de sociabilidade que ocorrem nas ruas da Lapa, ainda não foi explorada devidamente por geógrafos. Mesmo a sociologia e a antropologia urbanas que, tradicionalmente, buscaram descrever as formas de interação dos grupos sociais e dos indivíduos em diferentes meios urbanos, têm dedicado pouca ou nenhuma atenção às formas de sociabilidade que vem ocorrendo hoje no bairro da Lapa. Contudo, no ponto de vista defendido aqui, a geografia tem algo a dizer! Há uma clara espacialidade neste objeto de reflexão que é a sociabilidade.

Quando afirmamos, aliás, que a Lapa da segunda metade da década de 1990 representa a transição daquilo que estamos chamando de uma sociabilidade na cidade para uma sociabilidade da cidade estamos, em realidade, destacando esta espacialidade. Isto é, a centralidade que este espaço de sociabilidade adquiriu nas últimas décadas. Sua localização

geográfica privilegiada, na zona periférica do centro, e sua atual função urbana como espaço de lazer e entretenimento noturno na cidade do Rio de Janeiro, nos levaram a reconhecê-la como uma localidade central. Quando falamos em centralidade, inevitavelmente, nos vem em mente a famosa *Teoria das Localidades Centrais* formulada pelo geógrafo alemão Walter Christaller, publicada originalmente em 1933. A ideia fundamental desta teoria é a de que há na rede urbana o estabelecimento de uma hierarquia entre os diversos subcentros urbanos que a compõe, organizados segundo um padrão espacial relacionado à disponibilidade de serviços. (CORRÊA, 1997)

A centralidade, porém, pode assumir diversas formas. Há diferentes tipos de centralidade que eclodem cotidianamente na vida das grandes cidades. Conforme destaca João Batista de Mello (1995), os geógrafos normalmente conceituam uma localidade central como um ponto de concentração e irradiação de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos etc. Nesta perspectiva, a centralidade é vista como uma espécie de medida do grau de importância de uma dada área para um determinado público, sendo expressa pela magnitude dos bens e serviços oferecidos e por sua área de influência. Assim sendo, podemos afirmar que há inúmeras centralidades que se entrelaçam e que ocorrem isoladamente sendo vivenciadas por diversos indivíduos e grupos na cidade.

Os conceitos de centralidade, localidade central e centralização são, por sua natureza, conceitos espaciais; ou seja, dão conta do movimento no espaço de objetos, fenômenos, ideias, pessoas etc. que são atraídos por alguma força. Para McKenzie (1974, p. 63), o conceito de *centralização* aparece como sendo: “um efeito da tendência dos seres humanos a afluir para determinadas localizações para satisfazer interesses comuns específicos, (...) é uma forma temporal de concentração, uma ação alternada de forças centrífugas e forças centrípetas”. Este conceito, a nosso ver, descreve exatamente aquilo que estamos tentando destacar: a centralidade em termos de sociabilidade que o bairro da Lapa adquiriu nas últimas duas décadas¹⁶.

De maneira geral, podemos afirmar que há diferentes graus de centralidade nos diferentes espaços de sociabilidade da cidade do Rio de Janeiro. Há áreas que possuem atividades comerciais e de serviços relacionadas ao lazer e ao entretenimento noturno, que dispõe de alguma forma de sociabilidade e que também tendem a concentrar um número razoável de

¹⁶ De acordo com uma pesquisa realizada pelo Sebrae-RJ e o DataUFF, envolvendo 116 estabelecimentos da Grande Lapa, cerca de 110 mil pessoas circulam por semana na área, com movimentação financeira estimada em até 3,6 milhões de reais em sete dias, considerando-se um gasto médio de 33 reais por pessoa. Fonte: <http://crisovao1.wordpress.com/2010/05/> (acessado em 25/07/2011).

pessoas durante a noite como, por exemplo, o baixo Gávea, o baixo Méier, o Jardim Oceânico (Barra da Tijuca), a Praça Vanhargem (Tijuca), entre tantos outros. Contudo, o alcance espacial de tais áreas para o lazer noturno e a sociabilidade apresenta uma escala de atratividade marcadamente mais reduzida, de caráter local ou zonal. Sob este ponto de vista, podemos afirmar, com base em dados preliminares de nossa investigação e em pesquisas anteriores (ARAÚJO, 2009, pp. 91, 112 e 169) que o público frequentador da Lapa é bastante heterogêneo. A Lapa atualmente possui um alcance espacial muito maior: pessoas de praticamente toda a cidade, do estado, do país e do mundo, podem ser vistos circulando pelas ruas deste espaço de sociabilidade.

Como sabemos, o espaço urbano de uma grande cidade é extremamente complexo. Ele é arena de diversos atores sociais e, portanto, palco de inúmeros conflitos de interesse. São espaços de múltiplas trocas e circuitos: econômicos (mercado), sócio/culturais (modelos de sociabilidade, sistemas de significação); políticos (conflitos e regras) e comunicacionais (ruas, serviços, cabos de comunicação) (GOMES, 2008, p. 10). Ele é, simultaneamente, fragmentado e articulado (CORRÊA, 1997, p. 148). Em função disto daremos preferência em nossa análise à escala local, pois, nesse patamar analítico podemos decifrar com um número maior de elementos os verdadeiros sentidos da localização (GOMES, 2001, p. 98). Estamos interessados em descrever como o fenômeno da sociabilidade se organiza em termos de espaço; por outras palavras, gostaríamos de entender como a diversidade sócio/cultural que caracteriza o seu público frequentador se une e se segmenta neste espaço, ou seja, tentamos tornar clara sua ordem espacial.

Qual a única forma de se descrever este espaço de sociabilidade? Promovendo um *estudo de caráter etnográfico*. Esse tipo de estudo possui uma enorme tradição nas ciências sociais, principalmente na sociologia e antropologia. Contudo, devemos fazer uma ressalva que diz respeito ao tipo de estudo que realizamos: não tivemos o mesmo compromisso que os antropólogos e sociólogos possuem em expressar suas vivências e emoções no ato descritivo. Essa é a principal diferença entre uma etnografia realizada, por exemplo, por um antropólogo e um *estudo de caráter etnográfico* realizado por um geógrafo. Ambos utilizam instrumentos metodológicos qualitativos, porém, com graus variados de envolvimento com o objeto de investigação.

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a de que é necessária uma distância mínima entre o sujeito investigador e o objeto de investigação, com a finalidade de

se produzir um trabalho objetivo e imparcial, leia-se científico. Em sentido oposto a antropologia, tradicionalmente, se identificou com métodos chamados qualitativos (observação participante, entrevistas abertas e o contato direto) com o argumento de que era necessário, para se conhecer uma dada área ou dimensão da sociedade, que se estabelecesse algum nível de contato, que colocaria em evidência aspectos não vislumbrados por uma observação pouco engajada. (VELHO, 1978)

A partir da década de 1920, os sociólogos e antropólogos da Universidade de Chicago começaram a adaptar os métodos da pesquisa etnográfica de campo ao estudo de grupos sociais em comunidades urbanas dos Estados Unidos. Tendo como laboratório de estudos a cidade de Chicago (para onde afluíu uma enorme quantidade de imigrantes no final do séc. XIX), foram então realizados inúmeros estudos sobre a formação de enclaves étnicos, segregação residencial, formação de áreas sociais e guetos, dentre muitos outros (FRÚGOLI, 2007, p. 30). A partir desses estudos, o urbano se tornou como nunca antes acontecera, um dos temas centrais de reflexão das nascentes ciências de cunho social. Cada disciplina acadêmica olhava a cidade de forma singular, oferecendo possibilidades cada vez mais diversas de interpretação do fenômeno urbano. Nos termos de DaMatta (1974, p. 4), diríamos que tais estudiosos estavam operando de maneira inversa aos antropólogos que estudavam as comunidades isoladas, ou seja, estavam transformando um fenômeno familiar para nós, em algo exótico.

Segundo Herbert J. Gans, nos tempos em que ele estudava em Chicago com Everett Hughes no final dos anos 40, os alunos eram treinados em observação participante (OP). Já naquele momento se sabia que esta expressão possuía um significado que abarcava diferentes combinações de observação e participação, e que poderia ser muito útil para se compreender partes da sociedade americana daquele momento. Nos últimos anos, argumenta Gans, este método foi renomeado como "etnografia" e agrupado a outros métodos qualitativos de pesquisa empírica. Em suas palavras: "*Etnografia é hoje um sinônimo de virtualmente toda pesquisa qualitativa*" (GANS, 1999, p. 547). Para ele a OP é o método mais científico de todos, pois é o único que chega perto das pessoas, ele permite que os investigadores observem aquilo que as pessoas fazem e não apenas aquilo que elas dizem que fazem. (GANS, 1999)

Conforme argumentam Gilberto Velho e Viveiro de Castro (1978), em uma grande metrópole, seja ela qual for, há enormes discontinuidades entre o "mundo" do pesquisador e os diversos "mundos" que o cercam. Neste espaço, onde a divisão do trabalho e o desenvolvimento das

forças produtivas possibilitaram uma enorme fragmentação e diversificação dos tipos sociais; onde, no caso de uma grande metrópole, convivem pessoas de diferentes etnias, religiões e classes, deve-se falar em sociedades complexas, no plural. Eis o motivo pelo qual, nas sociedades complexas, se desenvolveu a noção de subcultura, que pode corresponder a recortes sociais bastante diversos, desde unidades menores como uma profissão ou a família até unidades maiores como religião e etnia.

“É importante distinguir os possíveis diferentes sistemas simbólicos que existem em uma sociedade complexa, procurar perceber suas fronteiras e suas ambiguidades.” (VELHO & CASTRO, 1978, p. 8) (...) “O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”. (VELHO, 1978, p. 12) (...) “Este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros”. (VELHO, 1978, p. 9)

A enorme heterogeneidade social que caracteriza as sociedades urbanas da contemporaneidade é também uma marca registrada de nossa área de estudos. Acreditamos que tamanha heterogeneidade social implique uma proporcional heterogeneidade de formas de apropriação. Ou seja, trabalhamos com a hipótese de que pessoas e grupos heterogêneos possuem padrões ou formatos de sociabilidade também heterogêneos. Da mesma forma que eu, enquanto membro de uma classe ou de uma subcultura, me aproprio de forma singular deste espaço de sociabilidade, outros, provavelmente, também o farão! Uma vez identificados esses diferentes códigos de conduta, que tendem a produzir diferentes formas de interação social foi possível criar uma tipologia que desse conta de tornar a sociabilidade da Lapa inteligível sob um ponto de vista geográfico.

Narrar ou descrever? Pergunta-se Georg Lukács. Ao analisar criticamente diversos romances literários clássicos, Lukács identifica dois diferentes métodos de exposição: a *descrição* (aquela que se dá do ponto de vista do espectador), e a *narrativa* (aquela do ponto de vista do participante). Segundo ele, a diferença entre narrar e descrever um fato ou fenômeno não é casual, pois depende de uma posição tomada a priori pelo escritor. Em suas palavras:

"A narração distingue e ordena. A descrição nivela todas as coisas (...) O escritor épico que narra uma experiência humana em um acontecimento, ou desenvolve a narração de uma série de acontecimentos dotados de significação humana, e o faz retrospectivamente, adotando a perspectiva alcançada no final deles, torna claro e compreensível para o leitor a seleção do essencial que já

foi operada pela vida mesma. O observador que, por força das coisas, é, ao contrário, contemporâneo da ação, precisa perder-se no intrincado dos particulares, e tais particulares aparecem como equivalentes, pois a vida não os hierarquizou através da práxis". (LUKÁCS, 1965, p. 63)

Nesse sentido, argumentam Mello e Vogel (1975-1995), o etnógrafo é obrigado a lidar com dois tipos de narrativa: a primeira refere-se aos eventos dos quais o próprio pesquisador participou (como ator ou espectador); já a segunda se refere aos eventos de que terceiros participaram. Em suas palavras:

"Desse modo, coloca-se o problema da narrativa, forma desde sempre privilegiada da experiência pessoal. Quem viveu algo que mereça ser transmitido trata de contá-lo. Ora, dentre os eventos passíveis de causar impressão, vêm, em primeiro lugar, as formas dramáticas do conflito, do ritual, da festa. Ao descrevê-los, a narração restitui aos dados esse encantamento proveniente da vivacidade das ideias, emoções, objetos e matizes de cor e som, do episódio em cena aberta." (MELLO & VOGEL, 2004, p. 43)

Segundo Roberto DaMatta existem três fases em uma pesquisa de etnologia: uma fase teórico intelectual: um esforço prévio de conhecimento daquilo que se está estudando; um período prático, o planejamento do campo; e uma terceira que ele chamou de pessoal ou existencial, na qual se tem os primeiros contatos em campo com o objeto de estudo. Esta última é aquela em que nós "traduzimos" os códigos ou sistemas de linguagem, para nós exóticos, em algo familiar e vice versa. É nesta terceira fase que o lado humano, fenomenológico e subjetivo da disciplina aparece com maior clareza. O sentimento e a emoção, conforme nos lembra Lévi Strauss, são os hóspedes não convidados da situação etnográfica. Eis aquilo que DaMatta, a nosso ver, chamou de *anthropological blues*: o mundo da subjetividade e das emoções que, inevitavelmente, bate à nossa porta quando estamos em campo. Segundo ele, esse é um paradoxo da situação etnográfica: "(...) para descobrir é preciso relacionar-se e, no momento mesmo da descoberta, o etnólogo é remetido para o seu mundo e, deste modo, isola-se novamente." (*apud* DAMATTA, 1974, p. 7)

Muitos cientistas sociais argumentam que para que se faça um bom estudo etnográfico é necessário se aproximar de alguns indivíduos chave. Quase todo etnógrafo tem um nativo preferido, aquele que lhe fornecerá informações privilegiadas sobre o grupo estudado. William Foote-Whyte, por exemplo, nos diz que para ser aceito e realmente compreender a organização social de um dado grupo é necessário, em alguma medida, fazer parte dele, ou seja, relacionar-se direta e pessoalmente com ele.

“Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas. Em consequência parei de esforçar-me por uma integração completa” (FOOTE-WHYTE, 1975, p. 82)

No estudo que realizamos, porém, a aceitação de um grupo ou indivíduo parece não ter sido determinante para o sucesso da empreitada. Nosso objeto de estudo, a sociabilidade pública da Lapa, isto é, indivíduos e grupos que interagem nas ruas calçadas e praças da Lapa, é enormemente fluido. O que estamos tentando dizer com isso: não conseguimos estabelecer vínculos pessoais, pois não entrevistamos ou conversamos com as mesmas pessoas nos diferentes trabalhos de campo. Nosso interesse não foi apenas compreender os "nativos" do bairro da Lapa, mas sim os seus frequentadores. São pessoas que vão à Lapa, normalmente, apenas as sextas e sábados no período noturno. Assim sendo, não há líderes ou representantes que possam responder por alguém. Todas as opiniões foram relevantes e igualmente importantes.

Tentamos abarcar o maior número e diversidade possível de opiniões. Entrevistamos formalmente e informalmente os frequentadores (residentes e não residentes), os prestadores de serviço (dos estabelecimentos privados e vendedores ambulantes); moradores de rua, agentes públicos (policiais militares, guardas municipais etc.). Mas não nos limitamos em apenas entrevistar. Observamos. Eis o mais importante instrumento metodológico de nossa proposta. Cada comportamento, gesto, código de conduta, código comunicacional (vestimenta, maneira de falar, de se portar etc.). Interessou-nos perceber o muito pequeno, o detalhe, o sintoma que emerge no gesto aparentemente insignificante. Foi a partir das sutis diferenças das formas de apropriação deste espaço que construímos nosso estudo de caráter etnográfico. Seguindo conselhos de Herbert Gans, comparamos aquilo que observamos as pessoas fazendo, com aquilo que as pessoas diziam que faziam.

Segundo Arno Vogel e Marco Mello, um sistema de espaços existe em conexão com um sistema de valores que, por sua vez, depende de um sistema de atividades, de uma prática efetiva de valores e espaços. Estas diferentes “esferas” devem ser pensadas em conjunto, pois só assim é possível “ter acesso” a uma totalidade complexa.

“Cada vez que alguém decide o que fazer, e em que lugar, está contribuindo para a vitalidade do sistema de espaços e valores. Esta ideia nos parece crucial. Quem pratica o espaço é também, de maneira muito sutil, aquele que o produz. No sentido de pro-ducere – fazer aparecer. Assim, paradoxalmente, é o ‘consumidor’ que produz, não o sistema como um todo, pois isto está para além da competência do indivíduo, mas um certo estilo do sistema. Uma forma

específica de utilizar a ordem estabelecida. O estilo nada mais é do que o modo peculiar de apropriação do espaço. (MELLO & VOGEL, 1983, pp. 4-5)

Nesta perspectiva, praticar o espaço deste ou daquele jeito significa conceber a vida social de tal ou qual maneira. Eis a dialética espaço/sociedade: “um espaço é sempre espaço de alguma coisa (ou evento) assim como as coisas (ou eventos) só podem ter lugar em algum espaço. A etnografia do espaço social tem de ser, por esse motivo o registro atento do que se passa nele” (MELLO & VOGEL, 1983, p. 8). Todo estudo etnográfico busca descrever algum fenômeno que é unificado em um algum lugar, por isso, podemos então dizer que toda etnografia é também uma descrição do lugar.

Estávamos cientes de que observávamos uma cena da qual fazíamos parte. E que nossa presença exerceu alguma influência sobre o objeto observado e vice versa. Contudo, sabe-se que a observação do etnógrafo não é apenas contemplativa. É interacional. Eis a situação etnográfica: andar e ver. Por outras palavras, situar-se, observar e descrever. "Trata-se de pensar a etnografia como o relato de uma experiência conflituosa de um observador, condição para o entendimento do que foi observado" (SILVA, 2009, p.187). Inevitavelmente a reflexão sobre distância entre o investigador e o objeto de investigação, em diversos momentos emergiu: como me posicionar enquanto pesquisador e não mais como frequentador? Como descrever um fenômeno no qual eu, em grande medida, estou imerso? Como precisar tal distância para que se produza um trabalho objetivo e imparcial?

Conforme nos propõe Milton Santos devemos pensar o espaço geográfico como um *híbrido*, ou seja, não devemos separar em nossas investigações as ações dos objetos ou as formas dos conteúdos. A descrição de um sistema de objetos depende da descrição de um sistema de práticas; para este autor, descrição e explicação são inseparáveis. (SANTOS, 1996, p. 16)

“A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.” (SANTOS, 1996, p. 83)

Como nos lembra Gomes, (2001, p. 93-94), o estudo morfológico do espaço não é suficiente para se compreender os processos sociais que são orientados segundo uma matriz espacial. Para uma análise completa, é necessário que se leve em consideração a maneira pela qual um espaço é vivenciado, valorizado e simbolizado. Ele nos lembra ainda (1998) que a disposição espacial é uma condição fundadora das práticas sociais, ou seja, existe uma lógica na disposição do sistema de objetos e ações, de que fala Santos (1996), que é passível de

interpretação. Cabe aos geógrafos, nesse sentido, interrogar-se sobre as nuances estabelecidas entre essa complexa relação.

“Um olhar geográfico sobre o espaço público deve ser capaz de identificar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o gênero de práticas sociais que aí se desenvolvem (...) o espaço torna-se assim um conjunto indissociável de formas e de práticas sociais” (GOMES, 2001, p. 95)

Para dar conta da complexidade que envolve a temática dos espaços públicos, Gomes (2008a e 2008b) desenvolveu o conceito de *Cenário* que nos servirá de ferramenta metodológica. O objetivo principal deste conceito é re-conectar a dimensão física às ações, ou seja, associar os arranjos espaciais aos comportamentos e a partir daí interpretar suas possíveis significações.

Em suas palavras:

“A vida pública é cenarização.” (...) “A cidade sob o ponto de vista defendido aqui é composta por um corpo social, submetido a certas regras de coabitação, estabelecido sobre um espaço que condiciona e qualifica as ações sociais e, finalmente, é essa esfera da significação que dá sentido e atribui valores aos objetos e às ações que aí tem lugar. Chamaremos esse conjunto de ações e objetos emanados dessas três esferas – política, espacial e da significação – ‘cenário’.” (...) “Lugares, sentidos e práticas sociais têm que ser pensados juntos.” (GOMES, 2008, p. 12)

À luz dessa perspectiva podemos oferecer uma resposta geográfica ao estudo da sociabilidade. Morfologia, comportamentos e significados, quando pensados conjuntamente, nos trazem novas possibilidades de interpretação do mundo social. Assim sendo, eis o nosso intuito: descrever este espaço de sociabilidade, levando em consideração seus aspectos morfológicos, comportamentais e da produção de significados, tentando sempre decifrar sua ordem espacial, ou por outras palavras, tentando tornar claro o *porquê do onde*.

O trabalho de campo, os instrumentos de pesquisa e o tratamento dos dados

Conforme temos destacado desde o início desta dissertação, uma das características mais marcantes das ruas e praças da Lapa é a heterogeneidade social de seus frequentadores. Em uma rápida observação é possível notar a presença de tipos sociais claramente diversos aglomerados ou circulando pelas ruas e praças da Lapa: moradores em situação de rua, travestis, menores infratores, prostitutas, homossexuais, usuários de entorpecentes, punks, forrozeiros, funkeiros, pagodeiros, sambistas, adeptos do hip hop, do rap, do jazz, do blues, do choro e do rock, os chamados playboys e patricinhas (jovens de classe média e alta), moradores das zonas sul, norte, centro e oeste (residentes no subúrbio, nas favelas, e em condomínios), jovens e adolescentes, pessoas de meia idade e até alguns idosos, turistas brasileiros de diversos estados e estrangeiros de diversas nacionalidades etc.

Apesar de os interesses dessas pessoas não serem tão diversos como a heterogeneidade de público sugeriria, eu logo pude perceber que seria impossível descrever todas as formas de sociabilidade de todas essas pessoas e grupos. Primeiramente porque eu realizei praticamente todos os trabalhos de campo sozinho, trabalhando, por esse motivo, com um horizonte relativamente limitado de entrevistas e questionários. Segundo porque nem todos os grupos e indivíduos presentes nas ruas e praças da Lapa se mostraram solícitos a concederem entrevistas; esse é o caso, por exemplo, dos travestis, prostitutas, moradores de rua, usuários de entorpecentes, entre tantos outros. Em terceiro lugar porque em muitos casos esses diferentes grupos e indivíduos, não necessariamente, estavam todas as sextas e sábados nos mesmos lugares, o que dificultou enormemente a realização das entrevistas. Em quarto lugar pela própria dificuldade operacional de conseguir construir uma amostra estatística proporcionalmente coerente com a diversidade e quantidade de frequentadores, que variavam de forma expressiva de um fim de semana para outro.

Tendo em vista essas limitações operacionais, seguindo os conselhos de Gilberto Velho e Roberto Damatta, optei por descrever grupos e indivíduos que, em alguma medida, eram mais próximos ao meu círculo social. Com isso pude ter a certeza que, mesmo não descrevendo a "totalidade complexa" tal como ela se apresentava, poderia promover uma descrição qualitativamente mais rica em detalhes e menos pautada por preconceitos. Assim sendo, mesmo trabalhando com um número reduzido de entrevistas pude ter um maior "controle" sobre aquilo que estava sendo descrito, deixando de descrever, por outro lado, outras formas de interação de outros grupos sociais.

Os trabalhos de campo ocorreram da seguinte forma: nas sextas feiras a partir das 22h00 da noite, momento em que as ruas da Lapa começavam a ficar cheias, eu identificava e descrevia os seus principais pontos de concentração de indivíduos e grupos, localizando em um croqui suas áreas respectivas. Em cada aglomeração identificada eu entrevistava algumas pessoas com o auxílio de um gravador de voz e logo após a aplicação dos questionários e entrevistas, com o auxílio de um manual de observação, eu me afastava um pouco da aglomeração e descrevia tudo aquilo que as pessoas faziam naquela aglomeração.

Tendo em vista que era impossível descrever todas as aglomerações em uma única noite, optamos por dividir a Lapa em quatro setores que foram sendo descritos separadamente nos diferentes trabalhos de campo. No total, foram realizados sete trabalhos de campo em nossa área de estudos, sendo os seis primeiros realizados individualmente (12/04/2013, 26/04/2013, 07/06/2013, 12/06/2013, 21/06/2013 e 05/07/2013) e o sétimo contando com a ajuda de cinco estudantes de graduação (11/10/2013). Neles, utilizamos três diferentes instrumentos metodológicos que desenvolvemos em conjunto com o Grupo de Pesquisa Território e Cidadania - coordenado pelos professores Paulo Cesar da Costa Gomes e Letícia Parente Ribeiro, que foram adaptados para esta pesquisa.¹⁷

1. Questionário fechado: descreve o perfil sócio/demográfico dos frequentadores e o grau de centralidade da Lapa;
2. Entrevista aberta: descreve as diferentes formas de apropriação dos frequentadores (como as pessoas se classificam e vivenciam a sociabilidade noturna da lapa);
3. Manual de observação das concentrações: descreve os diferentes tipos de aglomerações de indivíduos e grupos (códigos de conduta, de vestimenta, de comunicação, associados a unidades morfológicas etc.)

¹⁷ Disponíveis para consulta no anexo 1.

Figura 1: Tabela da coleta de dados do 1º trabalho de campo

1º TRABALHO DE CAMPO (individual) 12/04/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Depósito Rua Riachuelo	2	1	1
Rua Joaquim Silva	2	2	1
Rua Travessa da Mosqueira	2	2	1
Escadaria Selarón	2	1	1
Rua Teotônio Regatas	2	2	1
Feira Noturna	2	1	1
Total	12	9	6

Figura 2: Tabela da coleta de dados do 2º trabalho de campo

2º TRABALHO DE CAMPO (individual) 12/04/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Depósito Rua Riachuelo	2	2	1
Rua Joaquim Silva	3	2	1
Rua Travessa da Mosqueira	6	2	1
Escadaria Selarón	4	2	1
Rua Teotônio Regatas	3	1	1
Feira Noturna	2	1	1
Total	20	10	7

Figura 3: Tabela da coleta de dados do 3º trabalho de campo

3º TRABALHO DE CAMPO (individual) 07/06/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Feira Noturna da Lapa	7	3	1
Depósito Rua Riachuelo	5	3	1
Bar e Casa da Cachaça	6	4	1
Total	18	10	3

Figura 4: Tabela da coleta de dados do 4º trabalho de campo

4º TRABALHO DE CAMPO (individual) 14/06/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Depósito do Litrão	3	3	1
Bar e Casa da Cachaça	3	3	1
Feira Noturna	3	—	1
Total	9	6	3

Figura 5: Tabela da coleta de dados do 5º trabalho de campo

5º TRABALHO DE CAMPO (individual) 21/06/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Feira Noturna	8	—	1
Escadaria Selarón	3	1	1
Rua Travessa da Mosqueira	6	—	1
Rua Joaquim Silva	3	—	1
Total	20	1	4

Figura 6: Tabela da coleta de dados do 6º trabalho de campo

6º TRABALHO DE CAMPO (individual) 05/07/2013			
Pontos de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Depósito do Litrão	3	—	1
Bar e Casa da Cachaça	3	—	1
Depósito Riachuelo	3	—	1
Feira Noturna	3	—	1
Total	12	—	4

Figura 7: Tabela da coleta de dados do 7º trabalho de campo

7º TRABALHO DE CAMPO (coletivo) 12/04/2013			
Setores de Observação	Nº de questionários	Nº de entrevistas	Nº de manuais de observação
Proximidades dos Arcos da Lapa	30	—	1
Rua Mem de Sá	28	—	1
Bar da Cachaça e Depósito do Litrão	80	—	1
Depósito Riachuelo	35	—	1
Rua Joaquim Silva	52	—	1
Total	225	—	4

No total, foram realizados 316 questionários fechados, 36 entrevistas abertas (capturadas em um gravador de voz) e 31 manuais de observação (também descritos em um gravador de voz). Todos os dados obtidos foram digitalizados e analisados com o auxílio de softwares e transformados em tabelas, gráficos e mapas. Além desses dados foram ainda analisados inúmeras fotografias e vídeos que foram essenciais para completar as descrições. Nos dois próximos capítulos apresento os resultados obtidos. No primeiro deles faço um panorama histórico geral da evolução da paisagem boêmia no bairro da Lapa e no último capítulo exponho a análise dos dados obtidos em campo.

Capítulo III -

LAPA: UMA EXPRESSÃO DA SOCIABILIDADE CARIOCA

Nascimento e decadência da identidade boêmia

Metaforicamente, podemos afirmar que a cidade se comunica se expressa e se representa a partir de lugares. Nesses espaços o homem público ganha visibilidade. Assim como os espaços públicos, eles funcionam como uma espécie de vitrine da diversidade da vida urbana e social modernas.

“Espaços de representação, onde é preciso estar para existir socialmente na cidade, espaços de conflitos, de debates e de compromissos. Por isso podemos dizer que a cidade fala, dialoga a partir desses espaços, aí está sua voz e se escreve o texto, a narrativa de sua identidade e de sua forma de ser.”
(GOMES, 2004, p. 266)

Todas as grandes metrópoles ocidentais possuem bairros que simbolizam sua vida noturna. Ao longo do tempo esses lugares se modificam ou mesmo se transferem para outras áreas da cidade. No Rio de Janeiro, o bairro da Lapa, localizado na zona periférica do centro da cidade, se apresenta desde o início do século XX como um importante espaço de expressão da assim chamada cultura carioca. Ao longo deste século ele alternou momentos de exuberância e de abandono, de decadência e de opulência. A localidade da Lapa é um território que passou por muitas transformações, caracterizadas por processos de invasão-sucessão no fim do século XIX, quando a população mais abastada que ali residia em grandes casarões deu lugar a moradores mais pobres que os transformaram em cortiços (casas de cômodo).

No final do século XIX, a Lapa já era caracterizada pela coexistência de dois ambientes, um diurno de característica familiar (um bairro residencial) e um noturno de boemia¹⁸. Neste espaço conviviam músicos, artistas, intelectuais, prostitutas (estrangeiras e nacionais), travestis, malandros etc. Porém, a partir dos anos 40, em função do processo de decadência, degradação ou obsolescência do centro da cidade, da forte repressão do estado às atividades ilícitas associadas à Lapa de então (prostituição, jogatina, venda e uso de drogas etc.), do processo de urbanização de outras áreas da cidade e da destruição de boa parte do seu ambiente físico mais antigo, a "paisagem boêmia" que sempre caracterizou a Lapa no imaginário da população carioca desapareceu quase que por completo.¹⁹

A prostituição, o uso e venda de drogas, a jogatina e seus frequentadores mal vistos pela sociedade de então, conferiram à Lapa ainda no início do século XX um estigma marginal.

¹⁸ O termo boemia caracteriza um estilo de vida festivo, ligado a uma sociabilidade noturna, sem regras, de irresponsabilidade, de vícios, de noites de embriaguez, de uma vida airada, de farra, de vadiagem, estroinice. Aquele que vive na boemia vive da e na noite.

¹⁹ Para uma descrição detalhada do processo de urbanização da Lapa ver, dentre outros, (DUARTE, 2009).

Segundo o jornalista Almeida Fischer, frequentador assíduo do bairro boêmio nas primeiras décadas do século passado, a noite da Lapa era frequentada principalmente por boêmios, malandros, contraventores, criminosos de todos os graus, e de um ou de outro turista temerário em busca de uma aventura pitoresca, uma noite no território do vício, da prostituição e do crime.

"Quartel general de malandros e vagabundos de toda ordem, ponto de concentração dos segregados da sociedade, dos destinos marginais, a Lapa, com seus sobradões antigos de paredes encardidas, suas ruas mal iluminadas, seus cabarés com ares de mistério, seus frequentadores de vida suspeita e suas mulheres de rostos borrados com máscaras de clown, é um território do vício e do crime plantado no coração da metrópole." (apud DAMATA, 1978, p. 67)

Havia neste território do pecado "permitido" uma verdadeira divisão do mercado da prostituição, uma organização espacial do sexo pago: no Beco das Carmelitas e na Rua Silva Jardim ficavam as francesas; na Rua Joaquim Silva ficavam as polonesas e na Moraes e Vale as brasileiras, as "nacionais" (LUSTOSA, 2001, p. 12; KUSHNIR, 2002, p.4). Segundo Benjamim Costallat, nos anos 1920, a Lapa era um local de consumo e distribuição de drogas: "o bairro da cocaína", como também era conhecido. De dia a venda era realizada nas farmácias e à noite nos carros estacionados: "havia também os legendários Irmãos Meira, que transportavam o pó em anéis lockers, ou nos vidrinhos Merk encontrados dentro das farmácias." (apud KUSHNIR, 2002, p. 5)

"O bairro da cocaína estava, naquele momento, em plena efervescência. Dos cafés da Lapa às pensões elegantes da Glória, passando pelos becos nojentos da prostituição, o bairro da cocaína vibrava de luzes, de risos de mulheres, de espasmos humanos... O bairro da cocaína! Botafogo, Copacabana, Avenida Atlântica, Santa Tereza, Leblon, também tomam cocaína. Até Madureira já está contaminada... Mas a zona de irradiação do vício, a zona do comércio miserável do terrível tóxico, é a Lapa e a Glória. Entre dez meretrizes, nove são cocainômanas. E a zona da prostituição não podia deixar de ser a zona do vício da 'poeira' terrível. Nos clubs, nas alcovas das horizontais, nos cafés noturnos, nas pensões chics, toda a Lapa e toda a Glória tomam cocaína em suas noites lúbricas e inquietas." (COSTALLAT, 1924, p.39)

A Lapa do início do século, contudo, não era caracterizada somente por sua fama marginal. A efervescência cultural presente neste espaço ao longo das décadas de 30 e 40 fez da Lapa ponto de encontro obrigatório de músicos, pintores, poetas, artistas e intelectuais. O sambista Noel Rosa, o poeta Manoel Bandeira, o compositor Antônio Maria, o pintor Candido Portinari, o maestro Vila-Lobos, o cantor Orlando Silva, o jovem músico Pixinguinha, o escritor Jorge Amado, a atriz e dançarina Carmem Miranda, dentre tantos outros, frequentavam as mesas dos bares que se multiplicavam pelas ruas da Lapa de então. A má

fama, a música popular, a malandragem e a boemia não eram exclusividades da Lapa, estendendo-se também ao longo das primeiras décadas do século XX aos bairros da zona portuária (bairros da Saúde e da Gamboa) e posteriormente da Cidade Nova. Porém, foi na Lapa que essa fama se acentuou mais decisivamente, confundindo-se com a identidade cultural do bairro a ponto de perdurar até aos dias de hoje. (MARTINS, 1997; DAMATA, 1978; LUSTOSA, 2001, IRIAS, 2007)

“No primeiro terço do século, a Lapa era chamada de ‘Montmartre carioca’, seus restaurantes e cabarés abrigavam a noite mais movimentada, as mulheres mais famosas, os malandros mais renomados. A vida noturna, ali, oferecia opções para todos os gostos, ostentando a mais absoluta diversidade. Se numa mesa de café reuniam-se políticos e empresários, ou então intelectuais como Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Mário de Andrade ou Rubem Braga, na mesa ao lado, poderia estar uma roda de samba ou a malandragem da época.” (IRIAS, 2007, p. 6)

A boemia carioca do início do século XX viveu seu auge na década de 1930, tendo a Lapa como uma espécie de referência naquilo que diz respeito à diversão adulta e mundana, com seus cabarés, bares e espetáculos em um ritmo frenético, atraindo a população carioca para o bairro. (DAMATA, 1978; MARTINS, 1997)

“a Lapa abriga tanto o locus do sagrado, a Igreja Nossa Senhora da Lapa do Desterro, como as expressões do profano, Madame Satã e seu bloco de carnaval dos anos 1930, ‘Caçadores de Veados’ – no qual os homossexuais podiam se travestir de mulher à luz do dia –, a leiteria Bol e o restaurante Capela, as casas de strip-tease, e as salas de boxe. Como ilhas na cidade, nesse bairro afluía o que era rotulado como perversão. Lá, esse crime e/ou pecado era permitido, vigiado, consentido e punido.” (KUSHNIR, 2002, p. 3)

Durante o dia o bairro apresentava características similares as de outras áreas residenciais da cidade, com sua estação de bondes trazendo e levando uma multidão de pessoas para o seus respectivos locais de trabalho, transeuntes que caminham apressados consultando seus relógios, pessoas carregando sacolas de compras feitas nos estabelecimentos comerciais próximos, indivíduos que "jogam conversa fora" com seus vizinhos e conhecidos nas esquinas das movimentadas ruas etc. Mas quando a noite caía e as luzes se acendiam, suas ruas se enchiam de pessoas com propósitos outros, diferentes daqueles que predominavam no período diurno: elas buscavam "diversão". Um tipo de "diversão" que não podia ser encontrada em nenhum outro lugar naquela cidade de então, a não ser é claro, na boa e velha Lapa.

O ilustre boêmio "Luizinho da Lapa", carinhoso apelido dado a Luiz Martins, autor de dois importantes livros sobre a Lapa do início do século, recorda com carinho os seus tempos de boemia. Ele narra o momento em que a Lapa se transforma na "Montmartre" dos cariocas,

quando o bairro deixou de ser frequentado apenas por "vagabundos, valentões, prostitutas, malandros e arruaceiros" e passou a conviver com a presença de jovens intelectuais, músicos e poetas da época.

A Lapa da década 30 do século passado já tinha uma tradição, uma lenda, uma mitologia e uma pré-história boêmias, um momento que ficou eternizado na memória da cidade como a "belle époque" carioca.²⁰ A partir da década de 1920, conforme nos recorda Luis Martins (1997), uma nova geração de boêmios começa a integrar a paisagem do bairro, um grupo ilustre que contava com a presença, por exemplo, de algumas das figuras mais brilhantes e expressivas do modernismo brasileiro que, antes e depois da semana de arte moderna de São Paulo, eram vistos nos clubes noturnos, cabarés e nos botequins do famoso bairro: esse era o caso de Raul de Leão, Ribeiro Couto, Jaime Ovalle, Caio de Mello Franco, Di Cavalcante, Osvaldo Costa, Sérgio Buarque de Hollanda, Dante Milano e até mesmo Manuel Bandeira e sua frágil saúde. Para Luis Martins foi essa geração de boêmios que realmente "descobriu" a Lapa e lhe conferiu o signo de "montmartre dos trópicos". Até então a Lapa não tinha uma tradição artística e intelectual:

"No início da década de 30 quando a geração da qual eu fazia parte passou a fazer boemia nas proximidades dos Arcos, a Lapa não era, tradicionalmente, um bairro de poetas, artistas e homens de letras. Os intelectuais da época como Olavo Bilac e outros preferiam as cervejarias e confeitarias do centro da cidade. Veja-se o caso da 'Colombo', por exemplo. Antes, na década de 20, um grupo tentou soerguer a Lapa, ou, por assim dizer, intelectualizá-la. Manuel Bandeira, Di Cavalcante, Ribeiro Couto e Raúl de Leôni faziam parte desse grupo. Mas, só mesmo na década de 30, com a minha geração a Lapa tomou características de um bairro inteligente. (...) Explica-se a preferência que demos à Lapa para nossas reuniões e devaneios. A vida carioca era, naquela época, por demais centralizada. Intelectuais boêmios não moravam na zona sul. Copacabana era bairro de ricos. Não havia, portanto, opção. Tinha que ser a Lapa. E a decadência intelectual do bairro pode, também, ser explicada por elementos da mesma natureza. Copacabana e bairros próximos a zona sul, passaram a ser habitados também por uma pequena burguesia. A vida intelectual, então, descentralizou-se. Os intelectuais saíram da Lapa. Naquela época, nós conseguimos, realmente, fazer da Lapa um bairro de intelectuais. Isto, sem excluir outros elementos - boêmios, malandros, mulheres, soldados, marinheiros, - que passaram a coexistir conosco. Mas de 1930 até 1937, a cultura predominou na Lapa."²¹

²⁰ Luiz Martins afirma que "a belle époque brasileira (ou carioca, se assim o quiserem) são os 25 anos que vão do governo Rodrigues Alves à deposição de Washington Luís." (MARTINS, 1997, p. 23)

²¹ "Luiz Martins volta à Lapa, para matar as saudades, após 28 anos de 'exílio'" jornal O Globo, 4 de março de 1965.

Segundo Luiz Martins, havia vários grupos que se agregavam em função de motivações diversas na Lapa: política, opinião literária, simpatia pessoal etc. organizados em torno da boemia, tudo isso, é claro, regado a muito chope e, para os mais afortunados, uísque. A coexistência das diferenças produziu divisões conforme narra o boêmio:

*"Havia, por exemplo, um grupo de integralistas, isolados dos demais, e um grupo de esquerdistas. O esquerdismo, na época era mania entre a juventude. Eu pertencia a este último grupo. O Lacerda, o Odilo e o Jorge Amado, também. (...) Até a admiração por um determinado poeta era motivo para agregação e a formação de um grupo."*²²

Manuel Bandeira, outro eterno poeta frequentador da Lapa, declarou em vários de seus escritos o seu amor a esta terra profana e, em tom nostálgico, anunciou sua despedida no famoso poema transformado em música *Última Canção do Beco*: "Beco que cantei num dístico cheio de eclipses mentais, beco das minhas tristezas, das minhas perplexidades, mas também dos meus amores, dos meus beijos, dos meus sonhos. Adeus para nunca mais!"²³

Os principais palcos da vida boêmia dessa Lapa de outrora eram suas casas de chope, bares e os seus famosos cabarés. Neles havia sempre os chamados "números de arte" - a palavra show ainda não estava no dicionário - que podia ser um número de samba, tango ou mesmo algum tipo de malabarismo. Bebia-se. E como se bebia. Aqueles que gostavam de se aventurar no mundo das drogas tinham de fazê-lo do lado de fora, nos cabarés não! E do lado de fora sempre havia os "leões de chácara" (antigos capoeiras ou malandros regenerados), responsáveis por manter a ordem. Sem paletó e gravata ninguém entrava em nenhum cabaré da Lapa, e nas suas mesas ninguém fumava a "erva".²⁴ O jornalista Almeida Fischer descreve a "ambiência" de um desses estabelecimentos:

"Há na Lapa um bar diferente, de melhor classe e frequência onde um jovem de cabelos de fogo e olhar desesperado toca ao piano (...) Às mesas enfileiradas junto à parede, homens pacatos esforçam-se por parecerem boêmios, tomando chopes em companhia de mulheres (...) Alguns escritores e artistas conversam baixo, em pequenos grupos. No retângulo da pequena e discreta porta, surgem vultos que entram, ou que examinam o ambiente e se retiram ou que saem e se perdem na rua mal iluminada" (apud DAMATA, 1978, p. 68)

Dentre os estabelecimentos mais frequentados e famosos estavam o bar Novo México na Avenida Mem de Sá, o Brasil Dourado na Rua Visconde de Maranguape, o Cabaré Primor que ficava no início da Rua Mem de Sá, O Danúbio Azul que ficava na Mem de Sá nº 34, o

²² *Ibid.*

²³ "...e a Lapa se acabou" jornal O Globo, 18 de setembro de 1965.

²⁴ "A Lapa da 'Praia das Areias de Espanha'..." jornal O Globo, 16 de abril de 1965.

Túnel da Lapa também localizado na Rua Visconde de Maranguape, o restaurante O Capela situado no Largo da Lapa (depois se transferiu para a Praça da Cruz Vermelha), o Tenentes do Diabo na Rua Visconde de Maranguape 22, o Rio Aves, a Leitaria Bol, o Bar e Café Club, o bar Siri na Rua da Lapa 49, a Gruta do Frade, o Café Bahia, o Cabaré Apolo, o Rex, o Casa Nova, o Royal Pigalle, o Bar Viena-Budapeste; o Tabu, o restaurante Vila de Monções etc. Esses bares, cabarés, night-clubs, casas de chope, restaurantes e pensões, segundo conta Gasparino Damata (1978, p. 12), ostentavam uma frequência essencialmente cosmopolita, e quando a coisa desandava e os conflitos afloravam os "Leões de Chácara" resolviam.

Durante as três primeiras décadas do século XX os famosos malandros da Lapa reinaram absolutos: "Nelson Naval", "Flores", "Miguelsinho", "Meia Noite", "Camisa Preta" e, o mais conhecido deles, João Francisco dos Santos, um famoso travesti popularmente chamado de "Madame Satã". Essas emblemáticas figuras foram, sem sombra de dúvidas, representantes de uma época ímpar da boemia carioca. Suas histórias, enraizadas na memória do bairro boêmio, enchem de misticismo as lembranças de um tempo idealizado por aqueles que o vivenciaram.

"Malandro de antigamente, malandro autêntico, era homem, até certo ponto, honesto. Tinha dignidade, era consciente do seu valor, da sua profissão. Vivia sempre limpo, usava camisa de seda-palha com botões de brilhantes, gravata de 'tusso' branca, sapato tipo 'carrapeta' (salto mexicano). Na cabeça. chapéu do Chile, de conto-de-réis. Os dedos cheios de anéis, a carteira estufada de cédulas de cem." (apud DAMATA, 1978, p. 12)

Esta Lapa famosa por sua vida boêmia de aura livre, por seus cabarés e clubes de jogos, eterno reduto da boemia carioca e de belas e famosas mulheres e homens da vida noturna, nasceu em finais do século XIX, amadureceu e ganhou fama entre as décadas de 1910-15, atingiu seu auge em finais da década de 20, e se manteve efervescente até pelo menos a década de 40, quando já demonstrava alguns sinais de que a decadência estaria próxima. Boa parte da literatura sobre o bairro é revestida por um tom nostálgico. Muitos dos seus mais antigos e ilustres moradores e frequentadores se referem a essa Lapa de outrora como uma Lapa idealizada, perdida em um tempo que não mais existe, a não ser é claro, nos inúmeros poemas, sambas, choros e crônicas que contam parte de sua rica história.²⁵

Até a primeira metade do século XX, o centro da cidade do Rio de Janeiro manteve sua centralidade cultural, apesar da cidade ter perdido sua centralidade econômica desde o

²⁵ Esse é o caso de Hernani de Irajá que em 1967 lançou um livro de memórias e histórias que regatava parte do ambiente boêmio daquela Lapa do início do século intitulado "*Adeus Lapa*", uma espécie de despedida do bairro boêmio que naquele momento corria o risco de desaparecer em função de obras urbanísticas. Fonte: "*Morre a Lapa, Viva a Lapa!*" Jornal O Globo, 23 de novembro de 1967.

processo de industrialização dos anos de 1930 e da transferência da capital federal para Brasília nos anos de 1960. Todavia, com o desenvolvimento de Copacabana e outros bairros da Zona Sul, as atividades de lazer e entretenimento, principalmente àquelas ligadas ao cinema e ao teatro se deslocaram, provocando um esvaziamento dessas funções na área central. Mas o centro da cidade nunca perdeu de fato sua hegemonia na estrutura urbana e metropolitana da cidade. (Santa'Anna, 2004, *apud* BRANDÃO, 2011, p. 7)

“segundo Vaz e Silveira (2006), a repressão às atividades ilícitas pelo Estado novo, a concorrência com Copacabana levam a decadência do mundo boêmio e, juntamente com a deterioração do ambiente construído e as renovações modernizadoras, convergiram para a “degradação” do lugar (p.77).” (apud BRANDÃO, 2011, p. 7)

Diversos foram os projetos urbanísticos que, guiados pelo ideal modernista e pela tese urbanística de higienização, transformaram radicalmente a área central da cidade do Rio de Janeiro por meio de aterros, via desmonte de morros, obras de drenagem e novos traçados viários (ABREU, 1997). Esses projetos, segundo diversos autores, sempre estiveram ligados às "reformas urbanas" implementadas ao longo do século XX que eram pautados principalmente por razões estéticas, sanitárias, viárias e habitacionais. (SILVEIRA, 2004, p. 104; IRIAS, 2007, p. 20)

No início do século XX, por exemplo, a conhecida administração Pereira Passos realizou uma radical "reforma urbana" na cidade do Rio de Janeiro²⁶. Construíram-se naquele momento diversas avenidas, um moderno porto, foram promovidas diversas desapropriações, demolições etc. Nesse contexto a Lapa teve vários de seus casebres e cortiços demolidos em poucas semanas para a construção da Avenida Mem de Sá. Além disso, foi promovido o arrasamento do Morro do Senado e o aterro do que restava das antigas lagoas. Por esta Avenida circulava o bonde elétrico que levava para os novos subúrbios os operários que o centro da cidade não mais abrigava. Após a sua desativação em 1896, o famoso aqueduto da Carioca, um dos mais imponentes símbolos da Lapa, passou a desempenhar outra função, sendo a partir de então um viaduto de uma linha de bondes para Santa Tereza. (IRIAS, 2007, p. 6)

O projeto de urbanização e defesa paisagística dos Arcos da Lapa e do Convento de Santa Tereza, concebido e publicado em decreto na segunda metade dos anos 60, foi responsável pela demolição de uma série de antigas construções que fizeram parte da histórica paisagem

²⁶ A este respeito consultar, dentre muitos outros, (ABREU, 1997).

boêmia do bairro. Nele, foram projetadas duas grandes áreas circulares que seriam abertas ao redor dos Arcos dando-lhe mais destaque e visibilidade na paisagem. Um dos principais argumentos utilizados para a legitimação das demolições previstas era de que se estava protegendo um dos mais importantes marcos da história colonial do país, o Aqueduto da Carioca.

Na década de 1970, muitas de suas mais antigas edificações já eram tombadas pelo patrimônio histórico, a exemplo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da Sala Cecília Meireles, da Escola Nacional de Música, além do próprio Aqueduto da Carioca. Porém, a maior parte dos seus cortiços não contava com tal proteção e acabaram sucumbindo ao "progresso". Aproveitando o ensejo das demolições, ainda nesta década, foi construída outra grande avenida que cortava o centro da cidade de norte a sul (atual República do Paraguai), ligando a Lapa a Rua da Carioca que, via desapropriações, tirou do mapa a maior parte de seus cortiços mais antigos²⁷. O mesmo ocorreu com a consolidação, ao longo desta década, do projeto de urbanização da esplanada do Morro de Santo Antônio que, novamente, derrubou uma série de antigas construções diretamente associadas ao passado boêmio do bairro, oferecendo em seu lugar quatro praças públicas que foram adaptadas ao estilo colonial. Nas palavras do engenheiro que coordenava as obras de urbanização, Alair Santos Filho: "A Lapa será o encontro da arquitetura colonial portuguesa com a moderna arquitetura brasileira".²⁸

*“Na Lapa foram necessárias 40 desapropriações para se criar um espaço livre e amplo, de onde se sobressai a silhueta do aqueduto dos Arcos. São 40.000 metros quadrados de praças ajardinadas, compondo um conjunto harmonioso com 27 prédios, cujas fachadas foram restauradas e pintadas. Um painel que contrasta com os prédios de linhas modernas e arrojadas do BNH, da Petrobrás e da Catedral. A Avenida República do Paraguai, também conhecida como avenida Norte-Sul é a ligação viária que se integra neste conjunto, totalmente aberta pela Secretaria de Obras, ligando a Lapa à rua da Carioca” (publicação oficial do governo da GB, 1974/75)*²⁹

O temor dos comerciantes e da população mais antiga do bairro era de que, com a demolição de seus mais famosos cabarés, casas de chope, bares, restaurantes e night-clubs, perder-se-ia a memória de seu glorioso e idealizado passado, seus malandros e seus ilustres frequentadores, que fizeram parte da construção dessa histórica paisagem boêmia que, pelo menos desde o

²⁷ "A Avenida Norte-Sul dará Grandeza ao Centro da Cidade" Jornal O Globo, 19 de outubro de 1966.

²⁸ "Roteiro de um Ameaçado Território Poético" Jornal O Globo, 7 de junho de 1974.

²⁹ Disponível em: <http://www.rioquepassou.com.br/2005/06/27/av-norte-sul-vi/>

final do século XIX, caracteriza as noites da Lapa, que se constituiu como um importante elemento de identidade.³⁰

*"A Lapa vai perdendo seus bares e cabarés derrubados pelas picaretas dos homens que trazem o progresso. O velho bairro pode acabar, mas isso não significa que com ele termine a vida boêmia que o caracteriza. Assim suas casas e seus artistas vão mudando de pouso."*³¹

Após a segunda metade da década de 1950, portanto, a Lapa de outrora, aquela do início do século XX, entrou em declínio. Não só a vida boêmia, que sempre a caracterizou, mas também boa parte de sua população mais abastada se transferiu para outras áreas da cidade, naquele momento, em vias de transformação (ABREU, 1997, pp. 112-115). Muitos dos seus estabelecimentos comerciais mais antigos (principalmente aqueles associados ao entretenimento noturno) fecharam as portas ou então se transferiram para outras áreas da cidade. A paisagem boêmia do início do século XX, que ficou imortalizada nos sambas de carnaval, nos poemas, nos quadros e romances realistas desapareceu da Lapa juntamente com seus boêmios.

*"Aos poucos a paisagem da Lapa se transforma, ganha contornos novos e adquire espaços que ajudam a realçar as velhas construções. Tudo isso graças à reforma e reurbanização empreendida em toda a área próxima ao largo da Lapa, que começou oficialmente em 20 de setembro de 1973. Agora, os Arcos - o Aqüeduto Carioca - têm um destaque especial e o tráfego do centro está mais desafogado."*³²

As obras de reurbanização dos anos 70 não animaram os comerciantes e moradores mais antigos do bairro que, àquela altura, já haviam se conformado com a decadência. Pouco tempo após a inauguração das quatro novas praças nas proximidades dos Arcos as reclamações, comuns a qualquer centro degradado, continuavam as mesmas: proliferação de moradores em situação de rua, manutenção deficitária das vias de circulação (calçadas e ruas mal pavimentadas), depredação do mobiliário urbano (bancos, lixeiras, postes de iluminação etc.), policiamento escasso, consumo e distribuição de entorpecentes, pequenos roubos e furtos

³⁰ "Vence o Urbanismo: Morte da Lapa Para que os Arcos Voltem a Dominar" Jornal O Globo, 8 de agosto de 1966; "A Noite da Lapa em Compasso de Agonia" Jornal O Globo, 10 de agosto de 1966; "Cada Prédio que Cai é um Baque no Coração da Lapa" Jornal O Globo, 20 de maio de 1968; "Lapa Tem Boi na História e Uma Resistência Heroica" Jornal O Globo, 27 de maio de 1968.

³¹ "Boêmios Começam a Subir a Rua, em Busca da Seresta" Jornal O Globo, 15 de setembro de 1969; "Prédios da Lapa Caem, Mas Tradição Talvez Fique" Jornal O Globo, 20 de março de 1972; "Na Velha Lapa, Outro Prédio Vai ser Derrubado" Jornal O Globo, 10 de setembro de 1974.

³² "Lapa, A Vida Velha, A Nova Cidade" Jornal O Globo, 23 de fevereiro de 1975; "Lampião e Chafarizes: É a Nova Lapa, Um Amplo Jardim" Jornal O Globo, 28 de fevereiro de 1975.

praticados por jovens infratores, sujeira nas ruas etc.³³ Todos esses fatores, em conjunto, levaram à decadência a vida boêmia da Lapa. Porém, mesmo com todos esses problemas tal tradição nunca deixou de caracterizar a Lapa e a década de 80 provaria isso.

³³ "A Nova Lapa Está Como a Antiga: Abandonada" Jornal O Globo, 28 de julho de 1975; "Lapa: Do Ponto Central, Só a Lembrança" Jornal O Globo, 2 de julho de 1976; "Ecuridão, Sujeira, Perigo: Os Velhos Problemas da Nova Lapa" Jornal O Globo, 14 de maio de 1976.

O retorno da paisagem boêmia

A década de 1980 é, sem dúvida, um marco importante no retorno da paisagem boêmia ao bairro após o seu período de decadência. A proliferação de equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno como bares, boates e casas de show se acentua nessa década na Lapa. Conforme aponta a bibliografia, porém, esse movimento teve início ainda antes com a inauguração da sala Cecília Meirelles em 1965 e o funcionamento da escola de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que concentrava uma gama significativa de jovens universitários que por ali circulavam. (HERSCHMANN, 2007; IRIAS, 2007)

Em 15 de janeiro de 1982 instala-se na Lapa o Circo Voador, uma casa de espetáculos que surgiu originalmente no Arpoador e que foi transferida para a Lapa com uma nova estrutura onde funcionou até 1996, quando foi fechada por problemas de infraestrutura. Somente no ano de 2004 o Circo Voador retomou as atividades que até hoje lá ocorrem. Nas palavras do idealizador e criador do Circo Perfeito Fortuna:

"Sem o Circo a Lapa continuaria mergulhada na decadência e no abandono. Depois que chegamos aqui a noite na Lapa voltou a ser uma atração como antigamente. A programação variada atrai e mistura diversos públicos num mesmo lugar, e isso é no mínimo interessante. Tanto a Domingueira Voadora quanto os shows de rock são frequentados por moradores das zonas sul e norte. É uma verdadeira integração. A localização central do Circo permite isso. (...) Percebemos que, por estar fixados em Ipanema, não conseguíamos atrair outro tipo de plateia. Como não queríamos limitar nem a programação nem o público, resolvemos mudar. Foi aí que começamos a ter consciência da necessidade de misturar os diferentes públicos. A Lapa foi a saída que encontramos para popularizar ainda mais o Circo Voador."³⁴

Um ano depois, em 1983, entra em funcionamento a casa de shows Fundação Progresso, uma antiga fábrica de fogões desativada em 1976 que graças à mobilização de artistas, intelectuais e moradores da vizinhança não foi demolida, transformando-se juntamente com o Circo Voador e a casa de shows Asa Branca (inaugurada também em 1983), em um catalisador do renascimento da região. Deve-se mencionar ainda a hoje famosa Feira do Lavradio, organizada mensalmente na Rua do Lavradio, que com seus antiquários, exposições, bares e restaurantes atrai milhares de pessoas as ruas da Lapa aos sábados de manhã.

"Outros atores além do Circo Voador, Fundação Progresso e a Feira do Lavradio, impulsionaram a retomada da Lapa, que também se deve a investimentos como a casa Estrela da Lapa, o Rio Scenarium e o Café Musical

³⁴ "Circo Voador Comemora 4 Anos de Lapa, frequentadores vêm da zona sul e dos subúrbios" Jornal O Globo, 13 de janeiro de 1987.

Carioca da Gema, que usufruíram e exploraram a demanda por opções de lazer que agregassem identidade nacional e boêmia, abrindo suas portas para artistas que agregassem esses valores." (VERISSIMO, 2009, p. 16)

Essa "frente pioneira", se assim podemos chamá-la, trouxe à Lapa grupos de frequentadores que antes não eram vistos pelas ruas do bairro. Ao final da década de 1980 já era possível perceber uma clara mistura de públicos atraídos pelos diversos "serviços" oferecidos pelos equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno, o que deu grande visibilidade ao bairro.³⁵

Rapidamente as aglomerações de pessoas começaram. A Lapa tornara-se, a partir de então, o ponto de encontro de estudantes universitários do centro da cidade.³⁶ No início desta década, depois de mais de 20 meses de obras foi inaugurado em 1991 o novo Largo da Lapa, uma enorme praça transformada em anfiteatro com capacidade para receber mais de 6.800 pessoas, que passou a contar com um novo sistema de iluminação e com policiamento reforçado.³⁷ A partir de então a Lapa se transformou em um dos mais importantes polos musicais da cidade, com um número cada vez mais crescente de casas de show, bares e boates.³⁸

Na passagem da primeira para a segunda metade da década de 1990, a Rua Joaquim Silva já havia se tornado referência para os muitos estilos diferenciados que transitavam pelo bairro. "Um conjunto de aproximadamente seis ou sete sobrados estendeu a badalação da Rua Joaquim Silva para o quarteirão de trás, em frente aos Arcos da Lapa, alargando assim este eixo de expansão da renovação urbana também para Rua Riachuelo e para outras ruas próximas." (IRIAS, 2007, p. 27)

*"A Lapa oferece de tudo a todo mundo: os punks tem seu dia no Circo Voador, os boêmio antigos vão às boates da Mem de Sá, a classe média ao Aza Branca, os yuppies à Fundação Progresso, os saudosistas às Domingueiras Voadoras do Circo, os colecionadores de antiguidades aos brechós chiques, e todos aos restaurantes Nova Capela, Cosmopolita e Flor de Coimbra."*³⁹

Observa-se ao longo da década de 1990 um movimento de expansão da boemia na Lapa: houve um enorme aumento no número de frequentadores e vendedores ambulantes, sobretudo à noite, consolidando esta área como um novo circuito cultural boêmio e musical:

³⁵ "Rock, Samba e Violão Convivem no Clima de Boemia da Lapa" Jornal O Globo, 20 de janeiro de 1987; "Para Todos os Gostos, Muitas Atrações" Jornal O Globo, 2 de fevereiro de 1988.

³⁶ "Lapa: O Ar Boêmio Está de Volta", Jornal O Globo, 4 de setembro de 1991.

³⁷ "Novo Largo da Lapa Será Inaugurado no Domingo" Jornal O Globo, 4 de dezembro de 1991; "Show de Moreira da Silva Inaugura Novo Largo da Lapa", 9 de dezembro de 1991.

³⁸ "Nova Lapa se Torna um Polo Musical", Jornal O Globo, 18 de setembro de 1991.

³⁹ "Nos Arcos da Imaginação" Jornal O Globo, 7 de outubro de 1990.

No final dos anos de 1990 e no período de 2000 a 2010, as atividades culturais, lazer e entretenimento se sofisticam e passam a ocupar trechos da Rua Mem de Sá, Riachuelo e Lavradio com a abertura de várias casas de show e bares. Vários autores (Vaz e Silveira, 2006; Bautès, 2006; Herschmann, 2007) demonstram que nesse período, a região foi passando por alterações urbanas que fizeram surgir ou se renovar uma diversidade de estabelecimentos: bares, restaurantes, antiquários que à noite oferecem serviços de bar com música ao vivo, clubes recreativos, centros culturais, inclusive aquecendo o mercado de imóveis na área. (BRANDÃO, 2011, p. 11)

Muitos moradores começaram então a fazer da parte de baixo dos seus sobrados bares improvisados, o que começou a se estender para outras ruas do bairro. A Lapa voltara então a fazer parte do cenário cultural da cidade. Ainda segundo Irias, este movimento foi iniciado pela própria potencialidade histórico cultural do bairro, impulsionado pelos próprios moradores e pelo público jovem que a frequentava, *“Nascera, portanto, de suas possibilidades de uso, e não da intencionalidade da troca.”* (IRIAS, 2007, p. 28)

A partir de meados da década de 1990 observa-se na Lapa a retomada de uma característica da primeira metade do século XX, a vida boêmia.⁴⁰ Não estamos dizendo com isso que a vida boêmia desapareceu ou deixou de caracterizar a Lapa em algum momento de sua história, mas sim que esta característica, associada à Lapa do início do século XX, foi (re)introduzida no imaginário da população carioca a partir da promoção e da (re)significação dessa boemia que sempre caracterizou a Lapa. *“É possível dizer, pelo menos inicialmente, que em determinado momento essa área ganha atenção de outros grupos sociais para novos usos, perpassados por novos valores e a reinvenção de imaginários sobre a região.”* (BRANDÃO, 2011, p. 1)

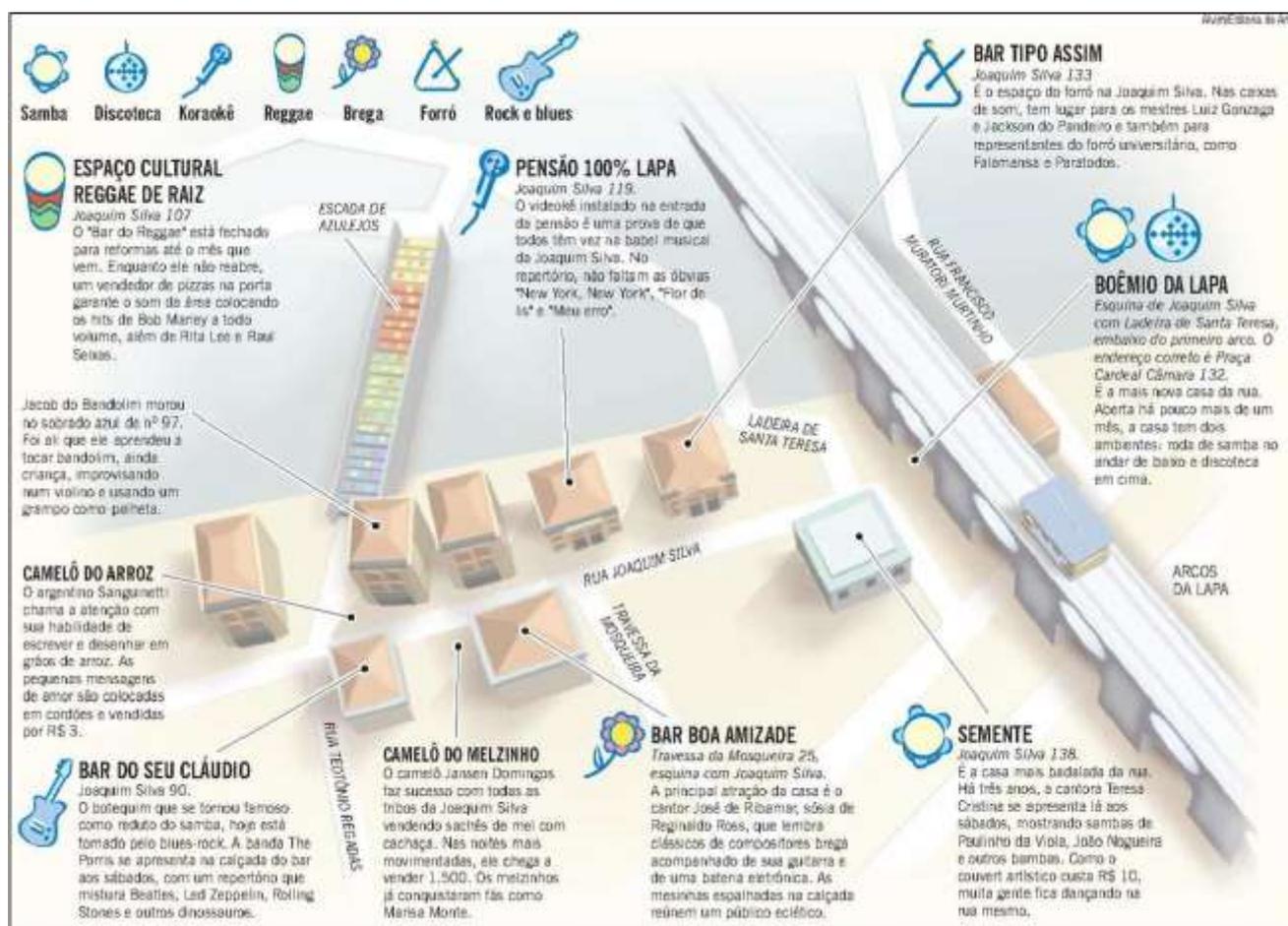
Desde então este espaço pode ser reconhecido como um importante espaço de sociabilidade noturna dos jovens cariocas. Nos fins de semana à noite milhares de pessoas se dirigem a Lapa com o intuito de se divertir: escutar música, dançar e conhecer indivíduos ou grupos de diferentes partes da cidade; em suma, buscam uma sociabilidade diversa, claramente expressa na ocupação de suas ruas, calçadas, praças, bares, boates, cabarés etc.⁴¹ Eis a Lapa do início do século XXI, um verdadeiro ponto de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro, com uma nova cara e um novo público.⁴²

⁴⁰ "Espírito da Lapa Sobrevive Num Cenário Distante da 'Montmartre Tropical'" Jornal O Globo, 24 de dezembro de 1995; "A Alma de um Rio Longe da Zona Sul" Jornal O Globo, 14 de junho de 1996.

⁴¹ "Tribos da Lapa Prometem Animar o Verão do Rio" Jornal O Globo, 15 de setembro de 1996; "Os Sete Fôlegos de um Bairro Pra Lá de Boêmio" Jornal O Globo, 14 de junho de 1996.

⁴² "Uma Cara Nova Para o Velho Reduto Boêmio" Jornal O Globo, 01 de outubro de 2000; "Volta da Boemia da Nova Vida à Velha Lapa" Jornal O Globo, 25 de março de 2001;

Figura 8: Principais estabelecimentos comerciais da Rua Joaquim Silva⁴³



A enorme quantidade de pessoas presentes nas ruas e calçadas da Lapa as sextas e sábados à noite fez com que a prefeitura municipal, a partir de 2010, fechasse algumas de suas ruas das 22:00 da noite até 05:00 da manhã para a circulação de carros, liberando essas vias para o trânsito de pedestres.⁴⁴

⁴³ Fonte: "Joaquim Silva: A Rua que Nunca Dorme" Jornal O Globo, 11 de abril de 2002

⁴⁴ "Sem Carros, Mas Com Boemia" Jornal O Globo, 19 de junho de 2010.

Figura 9: Ruas fechadas para o trânsito de carros⁴⁵



O que se viu a partir de então foi um gradual acréscimo no número de frequentadores, que transformou a Lapa em um ponto de encontro obrigatório da juventude carioca.⁴⁶ Nas fotografias abaixo, capturadas em trabalho de campo realizado em 30/09/2011, podemos ver como as suas principais ruas (Rua Mem de Sá, Rua Riachuelo e a Rua Joaquim Silva) ficavam lotadas de pessoas nos fins de semana à noite.

⁴⁵ Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/07/lapa-fechara-para-carros-e-bares-poderao-ocupar-calcadas.html>

⁴⁶ "...E o Reduto da Boemia Cada Vez Aumenta Mais" Jornal O Globo, 28 de setembro de 2003.

Figura 10: Ruas da Lapa durante as sextas à noite⁴⁷



O número de frequentadores das ruas e calçadas da Lapa cresceu tanto nos últimos anos que os conflitos de uso começaram a eclodir de forma mais intensa.⁴⁸ A Lapa é um bairro predominantemente residencial. Milhares de pessoas querem dormir em suas residências enquanto outros milhares querem se divertir em suas ruas.⁴⁹ Neste conflito de interesses venceram os moradores; e a partir de 22 de março de 2013 as ruas voltaram a ser abertas para os carros, com o argumento de que se melhoraria o fluxo de agentes públicos responsáveis pelo ordenamento urbano da área e de moradores que não mais conseguiam chegar até suas residências de automóvel.⁵⁰

Com a abertura das ruas para a circulação de carros, os fluxos se reorientaram. Foi possível perceber inclusive uma clara diminuição no número de frequentadores. Porém, mesmo com as recentes mudanças, a Lapa continua atraindo pessoas de todos os gostos, de diferentes partes da cidade e, nos últimos anos, de diferentes estados do Brasil e países do mundo. A Lapa

⁴⁷ Fonte: Autoria própria.

⁴⁸ "Os Novos Agitadores Culturais da Lapa" Jornal O Globo, 9 de março de 2008.

⁴⁹ "O Caldeirão Musical da Lapa Ferve" Jornal O Globo, 01 de março de 2011; "Um Brinde ao Bairro que Nunca Dorme" Jornal O Globo, 6 de novembro de 2012.

⁵⁰ "Interdição do tráfego na Lapa é bem vista pelos moradores, mas frequentadores reclamam que acesso ao bairro ficou mais difícil". Fonte: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/fechamento-das-ruas-da-lapa-divide-opiniao-de-frequentadores-e-populacao-do-bairro-20101023.html>

tornou-se, novamente, um expoente da sociabilidade carioca. O Jongo, o Reggae, o Rock and Roll, o Forró, o Rap, o Funk, o Samba, o Pagode, o Jazz, o Blues, o Choro etc. convivem “harmonicamente” em um mesmo espaço. Há uma Lapa para cada tipo de gosto (VERÍSSIMO, 2009, p. 2). A Lapa representa hoje, segundo Adair Rocha⁵¹, uma síntese do Rio de Janeiro (*apud* VERÍSSIMO, 2009, p. 10).

O lugar do encontro, da convergência, da comunicação e, talvez o mais importante deles, o lugar do reconhecimento e do fortalecimento de vínculos identitários concernentes, sobretudo, à cultura carioca. Este espaço, prenhe de história e de memória, concentra significados. Vivenciá-lo significa, para muitos, ser carioca. Eis aí, no nosso ponto de vista, um dos principais motivos de seu atual sucesso. Caminhar em uma sexta à noite pela Lapa é por si só uma forma de entretenimento e lazer. As diversas, classes, tribos, etnias e subculturas que se encontram e se segmentam neste espaço comum que é Lapa são o seu maior atrativo. (VERÍSSIMO, 2009, pp. 11-12)

⁵¹ Chefe da Representação Regional do Rio de Janeiro e do Espírito Santo no Ministério da Cultura e professor de Comunicação Social da PUC-RIO.

O combate à obsolescência do centro da cidade

Para Mauricio Abreu o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. A busca pela identidade dos lugares, sobretudo nos dias de hoje, é uma busca de raízes. No Brasil, são poucas as cidades que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado. Entretanto, Abreu destaca, há algo novo acontecendo em boa parte das cidades brasileiras: independentemente da quantidade e qualidade das materialidades históricas que tenha conseguido se salvar da destruição, inúmeras cidades brasileiras parecem se engajar em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado. (ABREU, 2011)

“A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades desta virada de milênio. No que diz respeito a ‘países novos’, como o Brasil, essa tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais até agora predominantes. Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, período que resultou num ataque constante e sistemático às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a ‘memória urbana’.” (ABREU, 2011, p. 19)

Ainda segundo este autor, a ideia de “país do futuro” presente na mentalidade dos brasileiros após a República, explica o sucesso, ao longo do século XX, das reformas urbanísticas radicais que muito transformaram as cidades brasileiras nesse período. Tais reformas, muito bem vistas pelas elites modernizadoras do país, viabilizariam esse futuro promissor. As formas urbanas passadas eram vistas como sinônimos do atraso, do conservadorismo e do subdesenvolvimento.

“A situação hoje é diferente. O passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais. (...) as dimensões explicativas e interpretativas dessa busca da ‘memória urbana’ que caracteriza os dias atuais (...) é multifacetada e (...) nem sempre é movida por razões identitárias” (FOWLER, 1992; apud ABREU, 2011, p. 23)

O processo de renovação dos bairros para (re)qualificar ou direcionar os usos espaciais para áreas específicas e escolhidas da cidade é uma tendência mundial das metrópoles na contemporaneidade. Segundo David Harvey (1996), esse seria um novo modo de gestão da cidade, um *empresariamento urbano*, cujas principais características são: a busca de financiamentos com parcerias público-privadas, a execução de investimentos pontuais e especulativos, a visibilidade diante dos meios de comunicação, e o estímulo à criação de

espaços de entretenimento voltados para o setor turístico. Essa forma de planejar a cidade é conhecida como planejamento urbano estratégico. (HARVEY, 1996)

Yázigi (2005, p.84) nos lembra que, conforme sugere a etimologia, a revitalização urbana atribui uma nova vida ao edifício ou ao espaço urbano, sem que haja profundas alterações estruturais, ou seja, dota-as de infraestrutura com o intuito de adaptar o local a nova realidade urbana que se projeta, sem a intenção de descaracterizá-lo, recuperando sua função social. Ocorre em lugares historicamente consolidados, tendo por característica a valorização da dimensão humana, do patrimônio histórico e ambiental, da simbologia e por consequência, do turismo, resultando frequentemente em um projeto cultural, contudo, esta opção nem sempre é a que é efetivada pelas políticas urbanas. (apud MARTINS E OLIVEIRA, 2009, p. 4)

De acordo com Goulart (2005, p. 2) a ideia de reabilitação urbana propõe um processo que implica no *“restauro de edifícios e a revitalização do tecido econômico e social, no sentido de tornar a área atrativa e dinâmica, com boas condições de habitabilidade”*. Para esse mesmo autor a ideia de requalificação urbana propõe intervenções que objetivam atribuir a uma determinada área uma nova função (ou novas funções), diferente(s) daquela(s) pré-existente(s). *“Fica evidente que uma ação de gestão territorial pode, ao mesmo tempo, ter um caráter de renovação e de requalificação”*. (apud Ibid, p. 4)

Na cidade do Rio de Janeiro é possível datar historicamente o marco desta mudança de pensamento dos agentes responsáveis pelo planejamento urbano do centro da cidade do Rio de Janeiro: o ano de 1979, quando uma equipe de planejadores da prefeitura que inventariava o patrimônio edilício que resistia a renovação urbana propôs o projeto Corredor Cultural (RIOARTE, 1985); (MAGALHÃES, 2002); (SILVEIRA, 2004); (SAMPAIO, 2007); (IRIAS, 2007); (ALCANTARA, 2008 e 2010); (FONSECA, 2009), dentre muitos outros. Segundo Denise Alcantara (2008, pp. 87-88), sua implementação levou em conta quatro aspectos fundamentais na revitalização urbana: a história, a memória, a preservação e o engajamento comunitário.

De acordo com Araújo (2009, p. 66), diversas categorias como: (re)novação, (re)abilitação, (re)nascimento, (re)geração, (re)vitalização, (re)qualificação, (re)valorização, (re)descoberta, são vistas como sinônimos. Para ela o termo mais adequado para descrever o que vem ocorrendo hoje no bairro da Lapa é requalificação, pois esse termo atribui apenas outra qualidade ao lugar, gerando uma nova apropriação. O mais importante, no nosso ponto de vista, é reconhecer que, após a década de 1980 e, mais especificamente, após o projeto

Corredor Cultural, modificou-se a mentalidade dos agentes responsáveis pelo ato de pensar, produzir e gerir a cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, o seu centro histórico. Isto é, a substituição das antigas estruturas urbanas por novas mais modernas deixou de ser o foco das intervenções urbanas no centro da cidade, principalmente quando essas estruturas representam a memória e a história dela.

Contudo, para diversos autores, incluindo aí Guterman (2010), essa nova forma de se conceber o espaço urbano das cidades contemporâneas, têm trazido consequências indesejáveis:

“Os projetos de revitalização utilizam uma política de identidade como fator promocional para seus centros. Além de criar um cenário glorioso com referências poderosas, esses locais também passam por uma valorização (principalmente fundiária), palco de parcerias publico-privadas que tendem a atrair uma classe mais abastada, e com isso “expulsando” (direta ou indiretamente) a população de baixa renda que então ocupava as áreas centrais. No caso da Lapa carioca essa transformação está visível seja no uso comercial (com bares mais caros e temáticos) ou na moradia com a construção de grandes condomínios fechados e a desocupação de edifícios ocupados pela classe mais pobre. Esse processo é conhecido como gentrificação. (p. 5)

Segundo Bidou-Zachariassen (2007, p. 22) o termo *gentrification*, foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass (1963) para explicar o repovoamento de bairros desvalorizados de Londres nos anos 1960 por famílias de renda média invocando uma mudança no perfil dos residentes. No Brasil, o termo gentrificação está mais associado à recuperação, através de iniciativas público-privadas, de centros degradados das cidades, isto é, *“a transformação funcional por meio de infraestrutura que acaba por provocar o encarecimento com a chegada de usuários com maior poder aquisitivo.”* (apud ARAÚJO, 2009, p. 65) Para ela, estes lugares foram transformados em áreas de lazer, com grandes complexos culturais voltados não somente para o cidadão local, mas também e, principalmente, para o turista.

Conforme argumenta Criekinggen (2007, p. 97) a literatura sobre essa temática aponta para a existência de dois tipos principais de gentrificação: uma predominantemente residencial, produção de moradias para pessoas de renda média e/ou alta, e a gentrificação de consumo, na qual a ocupação de imóveis e sobrados vazios nas áreas centrais servem ao mercado de turismo e lazer através da construção de ambientes sofisticados que atraem classes mais abastadas.

“Ambas estimulam a produção glamourizada do espaço por meio da valorização do patrimônio histórico cultural, da produção de moradias e de

investimentos na diversidade cultural, contando com o apoio e a divulgação pela mídia, que auxilia na criação de um discurso hegemônico em torno do lugar para atrair consumidores cada vez mais selecionados.” (apud ARAÚJO, 2009, p. 66)

Segundo Silveira (2004, p. 104) e Irias (2007, p. 20), dentre outros, os projetos de intervenção urbana até então executados - anteriormente ao projeto Corredor Cultural, 1979 - eram pautados principalmente por razões estéticas, sanitárias, viárias e habitacionais. Ou seja, respeitavam as premissas clássicas da renovação urbana. Até o final dos anos 70 esses projetos transformaram radicalmente a área central da cidade do Rio de Janeiro por meio de aterros, via desmonte de morros, obras de drenagem e novos traçados viários. Esses projetos, segundo esses autores, sempre estiveram ligados às reformas urbanas implementadas ao longo do século XX, sendo, portanto, guiados pelo ideal modernista e pela tese urbanística de higienização. A partir do final da década de 1970 modificou-se a mentalidade dos agentes responsáveis pelo planejamento urbano da cidade. Houve então a substituição da visão de renovação do tecido urbano consolidado da área central para o desenvolvimento urbano aliado à preservação das antigas estruturas urbanas.

A requalificação urbana da Lapa carioca

Conforme mencionamos na introdução do presente texto, nas últimas décadas, alguns projetos urbanos têm atuado de forma intensa no sentido de dar maior organização às atividades econômicas, aos usos sociais e ao espaço urbano do centro da cidade. No caso da Lapa, conforme podemos observar na imensa maioria dos trabalhos que tentam entender as suas recentes transformações, confere-se ao Estado um importante papel na construção desta nova centralidade que caracteriza o bairro boêmio. Por isso, optamos por discutir separadamente nesse tópico o real papel exercido pelo Estado nesse processo recente.

A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro vem tentando resolver o problema da subutilização e deterioração de seu centro pelo menos desde finais da década de 1960. Porém, a bibliografia a respeito é unânime ao afirmar que o ano de 1979 tornou-se um marco decisivo deste processo de "retomada do centro", com a criação do projeto Corredor Cultural. Nele, as principais diretrizes adotadas priorizam a revitalização física que se concentra na recuperação de edificações protegidas e na requalificação de logradouros. Além disso, são incentivados eventos culturais nas ruas, largos, praças e em algumas edificações históricas (igrejas e centros culturais). Aliadas às iniciativas da prefeitura foram realizadas algumas restaurações pontuais de edificações de notável importância arquitetônica que foram financiadas pelos governos federal e estadual. Há ainda a recuperação com recursos próprios dos usuários e inquilinos das "edificações mais modestas", em sua maioria, sobrados protegidos pelo projeto, completando o esquema de conservação adotado no centro histórico do Rio de Janeiro. (SAMPAIO, 2007, p. 122)

O termo requalificação ou revitalização urbana parece assinalar, nesse sentido, o interesse de determinados agentes em preservar, ou melhor, em reviver alguns elementos que fizeram parte de um passado compartilhado, o que se pode chamar de história (ABREU, 2011). O bairro da Lapa é reconhecido historicamente por ser um espaço de sociabilidade boemia e a recuperação de tais elementos do passado parece ser um dos motes centrais da política urbana para a área a partir dos anos 1990 (FELIX, SÁNCHEZ & GÓIS, 2013). Nos parágrafos que se seguem, descrevemos alguns dos principais projetos de intervenção urbanística que foram responsáveis pela requalificação urbana da Lapa Carioca.

1 - Corredor Cultural (esfera municipal, 1979)

O principal objetivo do projeto foi orientar a preservação, renovação e revitalização do centro da cidade protegendo o seu conjunto arquitetônico antigo. Desde então, qualquer modificação urbanística ou arquitetônica em sua área de abrangência passou a necessitar de aprovação tanto em nível executivo, quanto legislativo, protegendo assim o traçado existente e assegurando que novas ruas e avenidas projetadas sobre o tecido histórico não fossem implementadas (RIOARTE, 1985). "O projeto de preservação, renovação e revitalização do Corredor Cultural propõe, por meio de sua legislação e normas, proteger o conjunto arquitetônico antigo e orientar a inserção de novas construções." ⁵²

"Mais do que nunca o Corredor Cultural cuida da paisagem modificada, não de um pedacinho só, mas sim da rua, do caminhar pela cidade."(M.H. McLaren, 06/08/2007, *apud* ALCANTARA, 2008, p. 87). Desde sua origem, este projeto estimulou e investiu nos segmentos de cultura, de turismo e de lazer promovendo ou apoiando atividades artísticas, musicais, de dança e de teatro – utilizando as ruas e praças como palco e cenário ao ar livre. Estas ações proporcionaram a reciclagem de edifícios e sobrados históricos para atividades culturais, para a instituição de novos centros culturais e renovação dos museus já existentes.

“Além das obras de recuperação e das leis de regulamentação e proteção; considerando que apenas a recuperação arquitetônica não é suficiente para a revitalização do ambiente urbano, o Corredor Cultural promoveu uma série de projetos urbanísticos, ampliando a dimensão pública do centro histórico para usos coletivos mais intensos e diversificados. As intervenções de recuperação urbanística podem ser destacadas como complementares aos objetivos do Corredor Cultural.” (ALCANTARA, 2010, p. 90)

Em 1984 criou-se o Escritório Técnico do Corredor Cultural que, dentre outras coisas, tinha por objetivo prestar assistência à comunidade, regulamentar e propor alterações à legislação e acompanhar a execução das obras. Além de fiscalizar e direcionar as intervenções nos imóveis preservados, o Escritório Técnico funcionava como um ‘educador patrimonial’ no contato estabelecido com usuários locais, numa tentativa de levar aqueles que procuram o escritório a compreender o valor e a importância de suas edificações, transformando-os em vetores de preservação no aglomerado urbano histórico. (ALCANTARA, 2010, p. 42)

No ano de 2000, a Prefeitura extinguiu o Escritório Técnico e o Grupo Executivo do Corredor Cultural incorporando-os ao Departamento Geral de Patrimônio Cultural, que se integrou em 2006 a nova estrutura da Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e

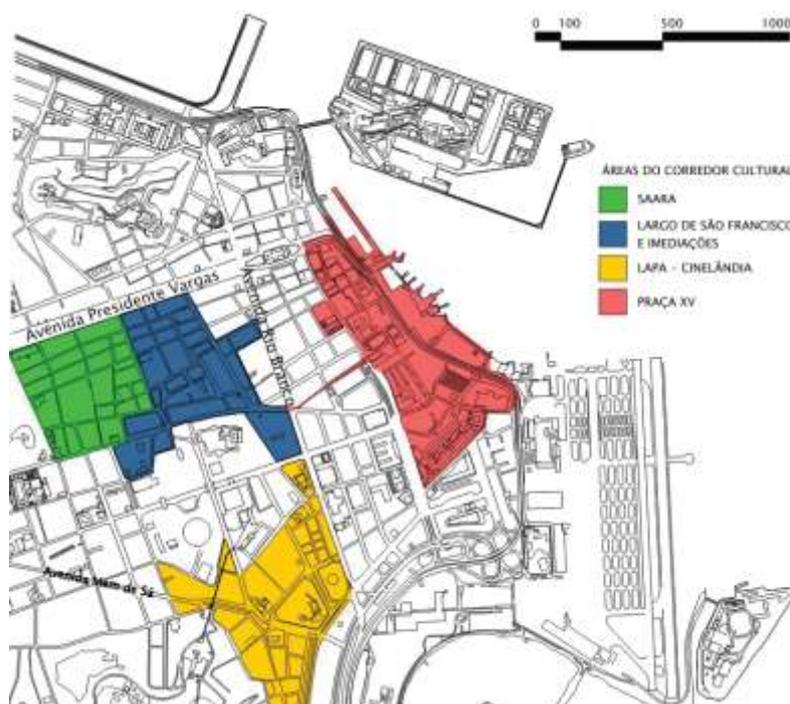
⁵² Fonte: Corredor Cultural - Dec. 4141 – 1983, Lei 506-84, Lei 1139-87.

Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico Cultural da Cidade do Rio de Janeiro/ SEDREPAHC. (SAMPAIO, 2007, p. 123)

"Atualmente, passados vinte e cinco anos de sua implementação, o Projeto Corredor Cultural está subordinado a Subsecretaria de Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design." (...) "Por sua vez subordinada à Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro" (ALCANTARA, 2010, p.35)

O projeto teve por meta a contemplação de quatro setores: área 1 (Lapa e Cinelândia); área 2 (Praça XV); área 3 (Largo de São Francisco); área 4 (Saara). Do total inicial de mais de 3.000 edifícios incluídos na área do projeto, cerca de 900 foram totalmente recuperados, não incluídos aqueles que sofreram intervenções parciais, como pintura e troca de letreiros – que totalizam perto de 75% dos imóveis –, além de mais de 25 novos centros culturais, teatros e museus instalados.

Figura 11: área contemplada pelo projeto Corredor Cultural⁵³



Segundo Pinheiro (2004) é possível dividir a trajetória do projeto Corredor Cultural em quatro etapas:

“(i) a implantação, que compreendeu os estudos iniciais, delimitação da área e criação do quadro legal e institucional; (ii) a consolidação, que foi a fase da aproximação maior com a área e da concretização dos esforços configurados

⁵³ Fonte: (FONSECA, 2009, p. 39)

na primeira fase; (iii) a estruturação, que consistiu na inclusão dos espaços públicos e outras melhorias; e por fim, (iv) a integração, que analisa a inclusão de outros atores e de novos processos gerados a partir da experiência do Corredor.” (apud FONSECA, 2009, p. 38)

O projeto Corredor Cultural proporcionou uma completa remodelagem ao bairro, cuja consequência primordial foi uma mudança drástica no aspecto geográfico e visual da Lapa nos dias de hoje. Ele pode ser considerado um importante fator no processo de retomada do bairro, uma vez que com a reforma urbanística, a Lapa não apenas perdeu parte de sua característica decadente e asquerosa aos olhos da sociedade, como ganhou espaço para a livre circulação de um número muito maior de pessoas.

“O bairro não perdera a fama de marginal após a reforma, nem atraía uma quantidade expressiva de visitantes em um curto prazo de tempo, todavia, ruas, praças e calçadas surgiram ou foram alargadas melhorando a circulação dos transeuntes do bairro. O projeto Corredor Cultural marcou a Lapa como mais uma intervenção do governo que modificou a paisagem do bairro possibilitando ao bairro, anos mais tarde, absorver o número expressivo de visitantes que recebe todos os finais de semana, após seu processo de retomada cultural” (VERÍSSIMO, 2009, pp. 9-10)

Figura 12: Quadro síntese do projeto Corredor Cultural⁵⁴

OBJETIVO	AÇÕES	LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO
O principal objetivo do projeto é orientar a preservação, renovação e revitalização do centro da cidade protegendo o conjunto arquitetônico antigo	Em 1984 foi sancionada a lei nº 506; a partir deste momento qualquer modificação urbanística ou arquitetônica na área de abrangência do projeto passou a necessitar de aprovação.	Abrangendo uma área de aproximadamente 1,3 km ² , foi concebido para contemplar quatro áreas - Área 1: Lapa e Cinelândia; Área 2: Praça XV; Área 3: Largo de São Francisco; Área 4: Saara	As intervenções de recuperação urbanística podem ser destacadas como complementares aos objetivos do Corredor Cultural. Mesmo assim, associa-se ao projeto a reurbanização e a requalificação de uma série de praças, ruas e calçadas, nas áreas contempladas pela lei nº 506

⁵⁴ Fonte: Elaboração própria.

2- Quadra da Cultura (esfera estadual, 1992)

Segundo Silveira (2004) na segunda gestão do governo Leonel Brizola, período de 1991 a 1994, houve empenho efetivo na implementação de ações e intervenções culturais. Nesse contexto o Governo do Estado instituiu um grupo de trabalho para discutir a implantação de um novo projeto que teria por objetivo ceder imóveis de posse do estado às instituições interessadas em instalar suas atividades culturais na Lapa.

“Organizados desde 1992 numa associação denominada União do Largo da Lapa (UniLapa), oito grupos e/ou entidades culturais foram selecionados, e deu-se início a um processo judicial para a retirada dos ocupantes dos imóveis do Estado. Assinalando a ‘vocação cultural’ da Lapa, e reconhecendo os investimentos de recuperação urbanística que estavam sendo implementados pela Prefeitura, o poder público estadual assumiu o papel de promotor da cultura. O vice-governador Nilo Batista, que assumiu o governo entre abril e dezembro de 1994, era considerado o ‘homem da cultura’, e, por meio da atuação do Departamento do Patrimônio Imobiliário do Estado, desenvolveu uma proposta que culminou no projeto Quadra da Cultura, através do qual imóveis próprios estaduais ‘ocupados irregularmente’ foram destinados a ‘atividades culturais, vinculadas a projetos elaborados e executados diretamente pelo Estado ou pelas entidades previamente selecionadas para esse fim’”. (SILVEIRA, 2004, p. 126)

O projeto teve como objetivo destinar os sobrados e casarios na Lapa e na Avenida Mem de S  de propriedade do Estado e anteriormente ocupados por pequenos negócios, para instituições que se destinavam às práticas e atividades culturais (MAGALHÃES, 2006, p. 1, *apud* COSTA, 2010, p. 11). Nesse momento, um periódico de grande circulação explicitava a proposta do governo estadual:

“A Lapa do Circo Voador e da Fundição Progresso está se preparando para abrigar mais um projeto cultural. É a Quadra da Cultura – formada por imóveis que pertencem ao Estado –, na avenida Mem de S , em frente aos Arcos. O Projeto tem o apoio de diretores de teatro, como Augusto Boal e Amir Haddad, e de Márcio Galvão, diretor da Fundição Progresso” (SILVEIRA, 2004, p. 126)

Este projeto delimitou as áreas consideradas como de vocação cultural e discriminou os setores que deveriam ser recuperados, revitalizados e urbanizados, modificando enormemente a região. As áreas delimitadas foram a Avenida Mem de S , a Travessa da Mosqueira e as ruas Joaquim Silva e Evaristo da Veiga. As áreas demarcadas pelo projeto Quadra da Cultura são, na sua maioria, espaços públicos com patrim nios históricos tombados. A partir de 1992, essas áreas passaram a ser consideradas como região de vocação cultural da Lapa na cidade do Rio de Janeiro. (COSTA, 2010)

“O projeto de Brizola, em lugar de construir, apenas requalificaria a área como espaço de produção de cultura, simplesmente atendendo ao “grito da rua” que em outros lugares do mundo já haviam devolvido aos habitantes o direito à cidade reabilitando a história e a memória étnica ‘como parte vital da identidade pessoal’” (COSTA, 2010, p. 7)

Figura 13: Imóveis de propriedade do Estado cedidos a instituições privadas⁵⁵

Endereço do imóvel	Nome das entidades
1. Av. Mem de Sá, 31	Augusto P. Boal - Produções Cinematográficas Ltda.
2. Av. Mem de Sá, 33	Sobrado – Hombu Produções Artísticas Ltda. Sobreloja – Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa
3. Av. Mem de Sá, 35	A Comunidade Produções Artísticas Ltda.
4. Av. Mem de Sá, 37	Federação de Blocos Afros e Afoxés do Estado do Rio de Janeiro.
5. Av. Mem de Sá, 39	Instituto Palmares de Direitos Humanos – IPDH
6. Av. Mem de Sá, 41	Associação de Cooperação Técnica Brasil-Japão
7. Rua Joaquim Silva, 114	Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

De acordo com Roberto Anderson de Miranda Magalhães, coordenador do projeto Distrito Cultural da Lapa:

“o projeto Quadra da Cultura contribuiu para sinalizar a área como um local em vias de recuperação estabelecendo circuito que incluía espetáculos, bailes e festas no Circo Voador, na Fundação Progresso, nas casas da Quadra da Cultura e no Asa Branca, assim como, novas áreas de atividades boemias compostas pelos restaurantes e bares localizados na Rua Joaquim Silva”. (2006, p. 1, apud COSTA, 2010, p. 16)

⁵⁵ Fonte: (COSTA, 2010, pp. 12-14).

Figura 14: Quadro síntese do projeto Quadra da Cultura⁵⁶

OBJETIVO	AÇÕES	LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO
O projeto tem o objetivo de utilizar imóveis de propriedade do Estado, segundo a vocação desses locais; destinando os imóveis ali identificados ao desenvolvimento de atividades culturais diversificadas e complementares a outras já instaladas na Lapa.	Sete sobrados e casarios na Lapa e na Avenida Mem de Sá de propriedade do Estado e anteriormente ocupados por pequenos negócios, foram cedidos para instituições que se destinavam a práticas e atividades culturais	Avenida Mem de Sá e Rua do Joaquim Silva	Não foi prevista nenhuma intervenção direta no espaço público, a não ser a reforma da faixa e do interior dos edifícios contemplados

3- Distrito Cultural da Lapa (esfera estadual, 2000)

Segundo Carmem Beatriz Silveira (2004, pp. 127-128) o ano de 1999 marca o início de uma nova fase no processo de “revitalização” da área da Lapa. Com relação ao projeto anteriormente descrito, Quadra da Cultura, o projeto Distrito Cultural da Lapa, instituído via decreto (nº 26.459) em 7 de junho de 2000, possuía, segundo essa autora, um escopo bastante ampliado. Iniciado em junho de 1999, com previsão de término para setembro de 2002, ele tinha por objetivo a “*completa requalificação do bairro da Lapa*”. Cujas diversas ações integradas deveriam acarretar a criação de um programa de desenvolvimento econômico e social, por meio do turismo cultural:

“que seria possibilitado em razão da diversidade cultural da área e de seus vínculos com a história da cidade do Rio de Janeiro. Assim, as várias atividades oferecidas pela Lapa nas suas casas de cultura, bares, restaurantes tradicionais, antiquários e hotelaria funcionariam como roteiro de opções ao visitante potencial.”, p. 129)

Ainda segundo essa autora, através de parcerias público-privadas, aplicar-se-ia um montante de 13,671 milhões de reais, dos quais 740.000 ficariam a cargo do Governo do Estado e os

⁵⁶ Fonte: autoria própria.

12,9 milhões restantes adviriam da iniciativa privada; buscou-se a recuperação do patrimônio público imobiliário, a criação e revitalização de espaços destinados à realização de atividades socioculturais e a implantação de programas de ações sociais.

“A recuperação do patrimônio público da Lapa abrangeria o setor administrativo da Fundação Museu da Imagem e do Som (MIS), a criação de novos espaços (Centro Múltiplo de Artes; Centro de Dança Contemporânea do Estado do Rio de Janeiro; Centro de Documentação da Lapa; Centro de Restauro do Patrimônio Público; e Casa de Cultura Hombu) e a revitalização de espaços culturais existentes (Centro de Memória documentação Afro-Brasileira; Fábrica de Teatro Popular Augusto Boal; Grupo de Teatro Tá na Rua; e Instituto Palmares). Finalmente, a implantação de programas e ações sociais atingiria também a creche já em funcionamento no Circo Voador há 16 anos, com atendimento gratuito de 80 crianças carentes da área, a requalificação da mão de obra excluída, disponível na Lapa e em seu entorno, e a recuperação de cortiços”. (SILVEIRA, 2004, p. 129)

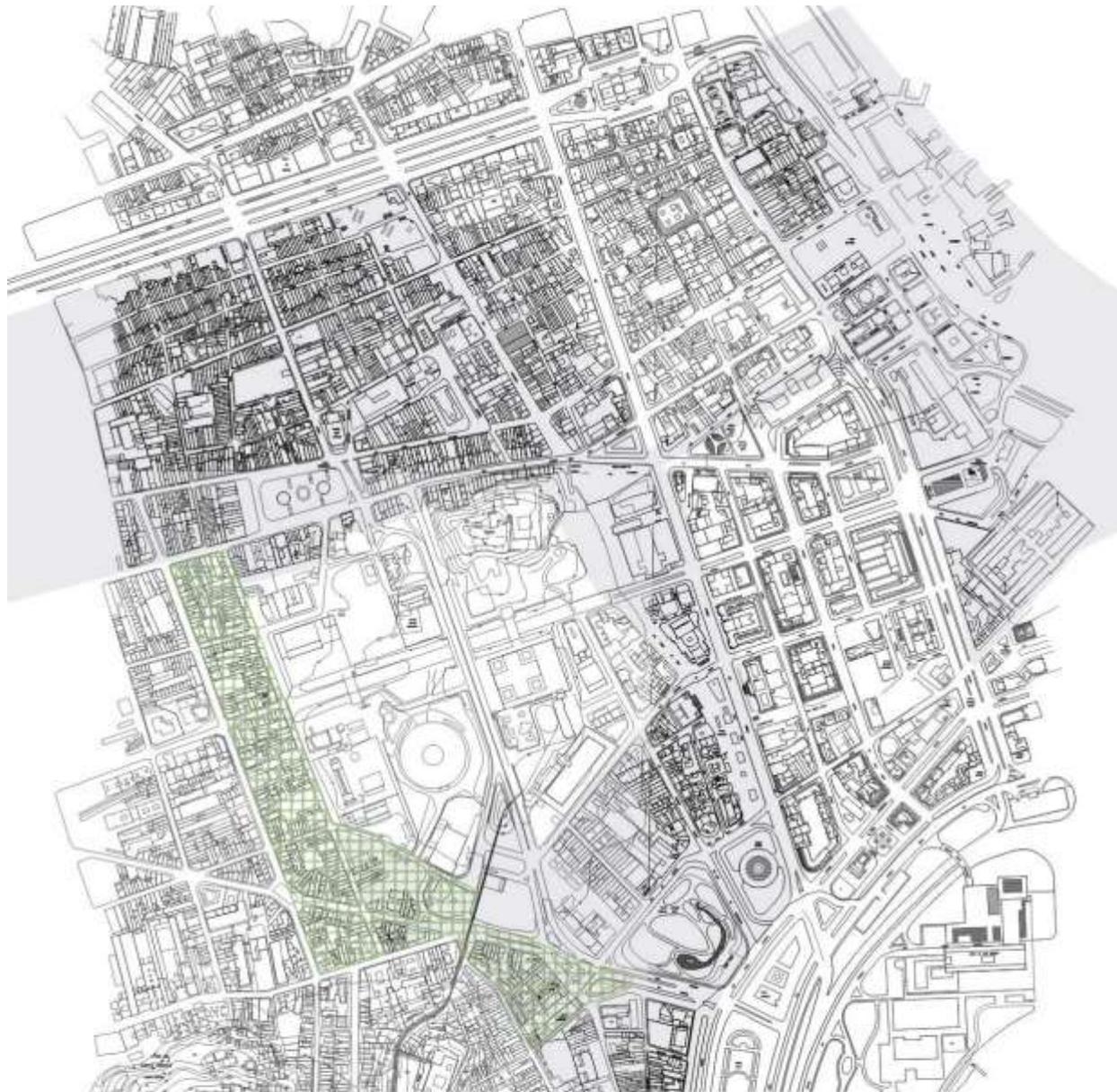
Segundo Magalhães (2006, p. 2) este projeto buscava ampliar a ideia do seu antecessor, o Quadra da Cultura. Sua área de abrangência estende-se do Largo da Lapa até o final da Rua do Lavradio, englobando as seguintes ruas: Avenida Mem de Sá, Rua do Riachuelo, Avenida Gomes Freire, Largo da Lapa, Rua do Lavradio, Rua dos Arcos, Rua Joaquim Silva, Travessa da Mosqueira, Rua do Resende, Rua da Relação e Rua Visconde de Maranguape.

“O projeto Distrito Cultural da Lapa se propõe a uma ampla tarefa de requalificação do bairro através de um programa de desenvolvimento sócio-econômico, que recupere o patrimônio imobiliário público, treine mão de obra com oferta de cursos artísticos e profissionalizantes, implante serviços essenciais para a comunidade local, destine espaços para atividades artísticas e culturais, e invista no turismo. Isto pressupõe uma composição entre o poder público, a iniciativa privada, a comunidade acadêmica, e a sociedade civil, estabelecendo uma sinergia que beneficie a todos e mude para melhor o quadro atual da Lapa. (MAGALHÃES, 2006, p. 3)

Para Silveira (2004) o que realmente ocorreu é que:

“As tentativas de implantação do Distrito Cultural da Lapa não ocorreram conforme a concepção inicial do projeto (...) essa memória teria contribuído, no entanto, para revelar uma dinâmica capaz de estimular ações da iniciativa privada, de grupos sociais locais, que, por sua vez, reivindicaram do poder público a realização de obras de reurbanização. (p.134).” (apud BRANDÃO, 2011, p. 12)

Figura 15: Área de abrangência do projeto Distrito Cultural da Lapa⁵⁷



■ Área do Projeto Corredor Cultural

■ Área do Distrito Cultural da Lapa

Fonte: levantamento aerofotogramétrico da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP

⁵⁷ Fonte: (SILVEIRA, 2004, p. 135).

Figura 16: Obras de revitalização realizadas na Lapa⁵⁸



Figura 17: Quadro síntese do projeto Distrito Cultural da Lapa⁵⁹

OBJETIVO	AÇÕES	LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO
O projeto propõe um programa de desenvolvimento sócio-econômico, que recupere o patrimônio mobiliário público, destine espaços para atividades artísticas e culturais, e invista no turismo. Através de parcerias público-privadas e em comunicação com a sociedade civil. Contribuindo com a requalificação do bairro.	Na primeira fase do projeto foram reformados: a sede de um museu (MIS); alguns sobrados cedidos a blocos Afro e o Lampadário da Lapa (importante símbolo deste bairro). A segunda fase do projeto inclui reformas em imóveis e a construção de edificações ligadas ao setor gastronômico e de cultura	A abrangência do Projeto é delimitada pela área compreendida entre o Largo da Lapa até o final da Rua Lavradio incluindo a Travessa do Mosqueira, Avenida Mem de Sá, Rua do Riachuelo, Avenida Gomes Freire, Rua dos Arcos, Rua Joaquim Silva, Rua do Resende e Rua da Relação, no Município do Rio de Janeiro.	Estamos aqui considerando como intervenção no espaço público a reforma das faixadas das edificações contempladas pelo projeto, pois, estas alteram a paisagem urbana e a maneira como as pessoas imaginam e vivenciam esses espaços.

⁵⁸ Fonte: (MAGALHÃES, 2006, pp. 4, 6 e 12).

⁵⁹ Fonte: Autoria própria.

4- Novo Rio Antigo (esfera municipal, 2005)

Segundo Frederico Duarte Irias (2007, p. 32), o projeto Novo Rio Antigo, que deu início ao Pólo Novo Rio Antigo, sancionado por lei municipal em 20 de outubro de 2005, na administração do prefeito César Maia, contou com a participação de diversos agentes da iniciativa privada e também da prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, representada pelo seu Plano Estratégico Municipal.

Para este mesmo autor, a ideia inicial deste projeto surgiu de diversos estudos e congressos realizados a partir de 2003, onde se discutiu o potencial turístico, gastronômico e cultural da área central do Rio de Janeiro. Dentre as principais ruas contempladas por esse projeto estão: Rua do Ouvidor; Rua Gonçalves Dias; Rua Mestre Valentin; Rua Joaquim Silva; Rua Riachuelo; Rua dos Inválidos; Rua da Constituição; Rua Nilo Peçanha; Avenida Rio Branco; Rua Augusto Severo, Praça Tiradentes, Rua Mahatma Gandhi e Largo de São Francisco.

“A iniciativa do projeto contou com a elaboração de uma metodologia baseada no projeto Unir e Vencer, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE-RJ e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC-RJ. Contou e, ainda conta, com importantes parcerias, tais como: Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro - Fecomércio-Rj; Sindicato de Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares do Município – SINDRIO; Associação de Comerciantes do Centro do Rio Antigo - ACCRA e também com a Prefeitura do Rio de Janeiro (a partir do Plano Estratégico do Município do Rio de Janeiro e da Subprefeitura do Centro Histórico).”
(Ibidem, p. 32)

Através do Decreto 26200, de 27 de janeiro de 2006, a Prefeitura do Rio de Janeiro criou, oficialmente, o Pólo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo. Para Joseane Paiva Macedo Brandão (2011, p. 12) o Pólo propõe uma requalificação urbana a partir de ações de melhoria da infraestrutura urbana tais como: mobiliário urbano; iluminação pública; sinalização de prédios históricos e sinalização turística; criação de produtos e lugares turísticos; controle urbano (tráfego, segurança, ordem urbana); restauração de edifícios e fachadas; criação de um calendário de feiras temáticas e um projeto relacionado à memória oral.

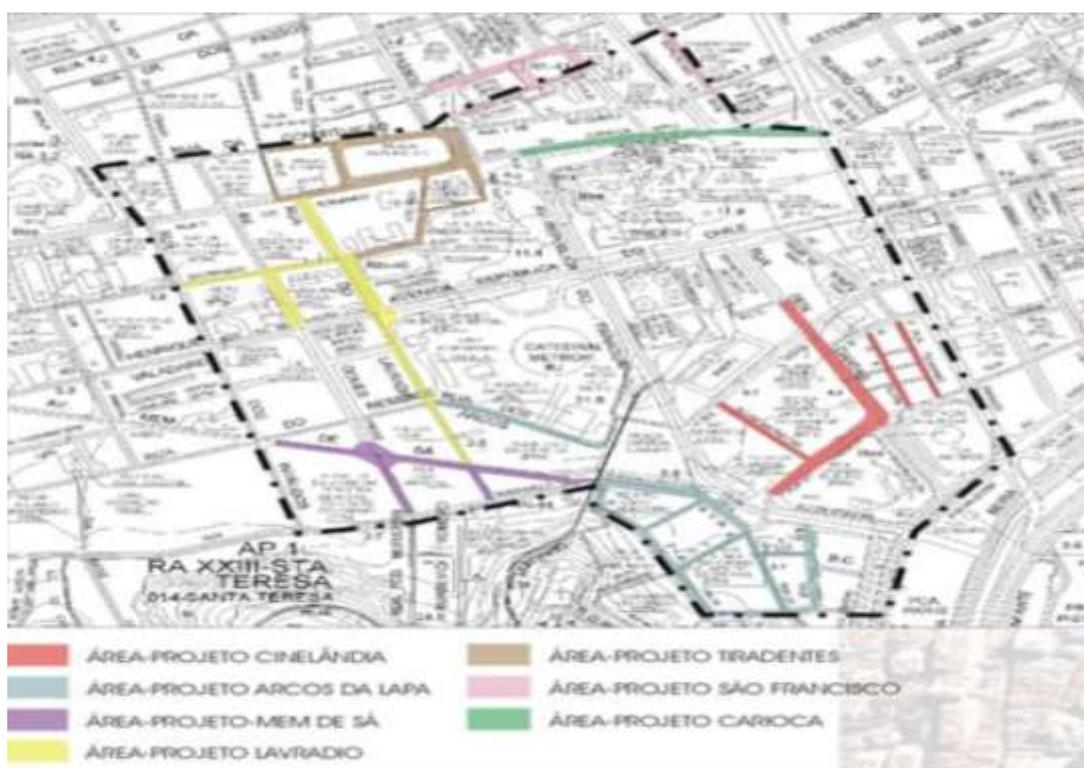
“Criado em 2005, o Polo Novo Rio Antigo logo se transformou num importante instrumento de revitalização do Centro Histórico da cidade do Rio de Janeiro, ao reunir empresários e profissionais das áreas de cultura, lazer, gastronomia, turismo, comércio e serviço em torno de uma única bandeira: fortalecer o associativismo e promover o desenvolvimento das regiões da Cinelândia, Lapa, Rua do Lavradio, Praça Tiradentes e Largo de São

*Francisco que viviam abaladas pelos sucessivos abandonos do poder público e evasão da iniciativa privada.*⁶⁰

Figura 18: Festas promovidas pelo projeto Novo Rio Antigo na Rua do Lavradio⁶¹



Figura 19: Área contemplada pelo projeto Novo Rio Antigo⁶²



⁶⁰ Descrição da entidade responsável pela gestão do projeto, disponível para consulta: <http://www.novorioantigo.com.br/quemsomos>

⁶¹ Fonte: (IRIAS, 2007, p. 36).

⁶² Fonte: (Pólo Novo Rio Antigo, 35) disponível em: <http://www.novorioantigo.com.br/quemsomos>

Figura 20: Quadro síntese do projeto Novo Rio Antigo⁶³

OBJETIVO	AÇÕES	LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO
O projeto tem o objetivo de contribuir para a requalificação e valorização da área compreendida no Pólo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo, zona central da cidade. Ressaltando sua inquestionável importância econômica, histórica, patrimonial, cultural e turística.	A partir do decreto nº 26200, de 2006. A prefeitura, em parceria com diversas organizações sociais e empresários da região, pretende incentivar o aproveitamento e o investimento no potencial econômico da área central da cidade. Para tal ela realizou uma série de obras de revitalização.	Cinelândia; Arcos da Lapa; Av. Mem de Sá; Lavradio; Tiradentes; São Francisco e Carioca	O projeto propõe uma requalificação urbana: melhorias na sinalização de imóveis históricos e nas vias; na iluminação (viária, de pedestres, imóveis históricos e etc.); no mobiliário urbano (jardins, bancos, lixeiras e bancas de jornal); pavimentação de calçadas e vias; segurança e também ordem urbana.

5- Lapa Legal (esfera municipal, 2009)

“O projeto Lapa Legal tem o objetivo de promover o ordenamento urbano e as potencialidades do bairro da Lapa, em uma área que vai da Cinelândia ao Campo de Santana. O projeto vai valorizar a vocação multicultural da Lapa e suas riquezas artística, arquitetônica e histórica, com o aproveitamento do potencial cultural e turístico dessa área, a regularização urbana da Lapa e de seu entorno, a preservação do patrimônio arquitetônico do Rio Antigo e o incentivo à captação de recursos e investimentos privados para a geração de empregos na região, resultando no desenvolvimento de atividades culturais, turísticas e econômicas da Lapa. A Prefeitura do Rio criou um grupo de trabalho para elaborar o projeto, conforme decreto publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro do dia 5 de janeiro. O grupo é coordenado pela Secretaria Municipal de Cultura e conta ainda com representantes da Secretaria Especial de Ordem Pública e das secretarias municipais de Turismo, de Urbanismo e de Obras e Conservação, além da Coordenadoria Especial do Centro.”⁶⁴

O projeto foi dividido em duas fases e suas principais ações foram:

⁶³ Fonte: Autoria própria.

⁶⁴ Descrição da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Disponível para consulta em: http://noticiascultura.rio.rj.gov.br/principal.cfm?sqncl_categoria=23&nivel_categoria=1

Figura 21: Etapas de implantação do projeto Lapa Legal⁶⁵



Segundo Jandira Feghali, então secretária de cultura da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, o projeto consiste em ações que integrem melhor a região a partir da qualificação para moradores, comerciantes e frequentadores. Conforme observamos, as intervenções são bem diversas e consistem em criar novos estacionamentos e rever os já existentes, iluminar ruas, melhorar a utilização da calçada introduzindo um melhor ordenamento das barracas de ambulantes, garantir a segurança e exigir das casas noturnas um tratamento acústico para não incomodar os moradores. Além disso, o projeto delimitou e formalizou, em definitivo, o bairro da Lapa, pois, até então, esta era considerada apenas um trecho da área central da cidade. Seu limite geográfico se estende desde a Cinelândia até o Campo de Santana. Para Eduardo Paes, atual prefeito da cidade:

“Essa delimitação do bairro da Lapa não existe formalmente. É uma descoberta inclusive para mim. Vamos delimitar pela história, pela cultura, pelas pessoas em um trabalho de campo, porque isso tem como consequência o IPTU e uma série de medidas administrativas que a gente precisa dar a partir

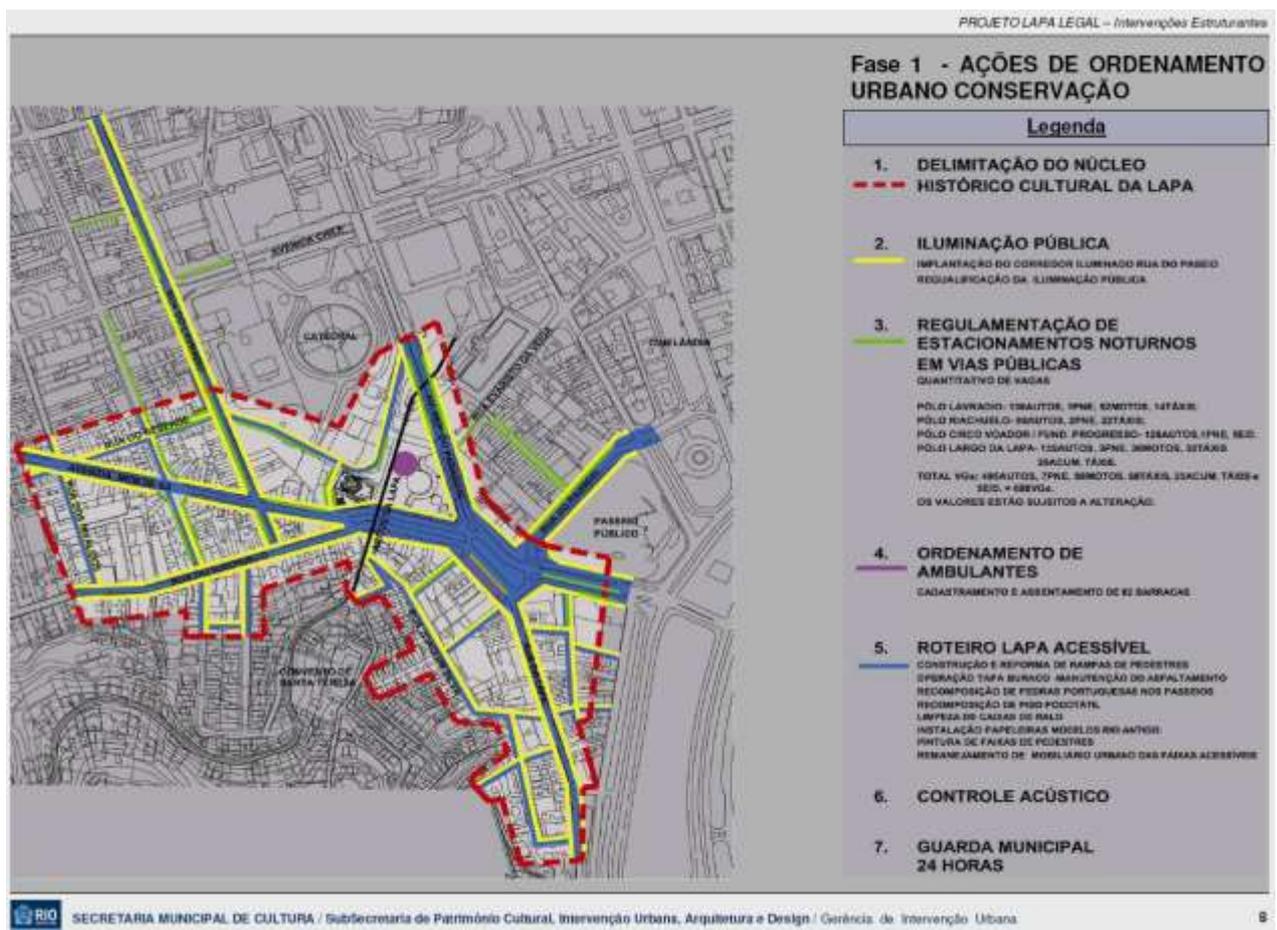
⁶⁵ Fonte: Projeto Lapa Legal, Prefeitura municipal do Rio de Janeiro.

do reconhecimento do bairro, com sua delimitação correta. (O Globo, 06/01/09)” (apud ARAÚJO, 2009, p. 77)

Figura 22: Projeto de requalificação urbana do Lapa Legal⁶⁶



Figura 23: Área e ações da fase 1 do projeto Lapa Legal⁶⁷



⁶⁶ Fonte: <http://www.portaldoarquiteto.com/destaques/urbanismo/4452-prefeitura-do-rio-anuncia-projeto-de-requalificacao-da-lapa>

⁶⁷ Fonte: Projeto Lapa Legal - Prefeitura municipal do Rio de Janeiro, (p. 8).

Figura 24: Área e ações da fase 2 do projeto Lapa Legal⁶⁸

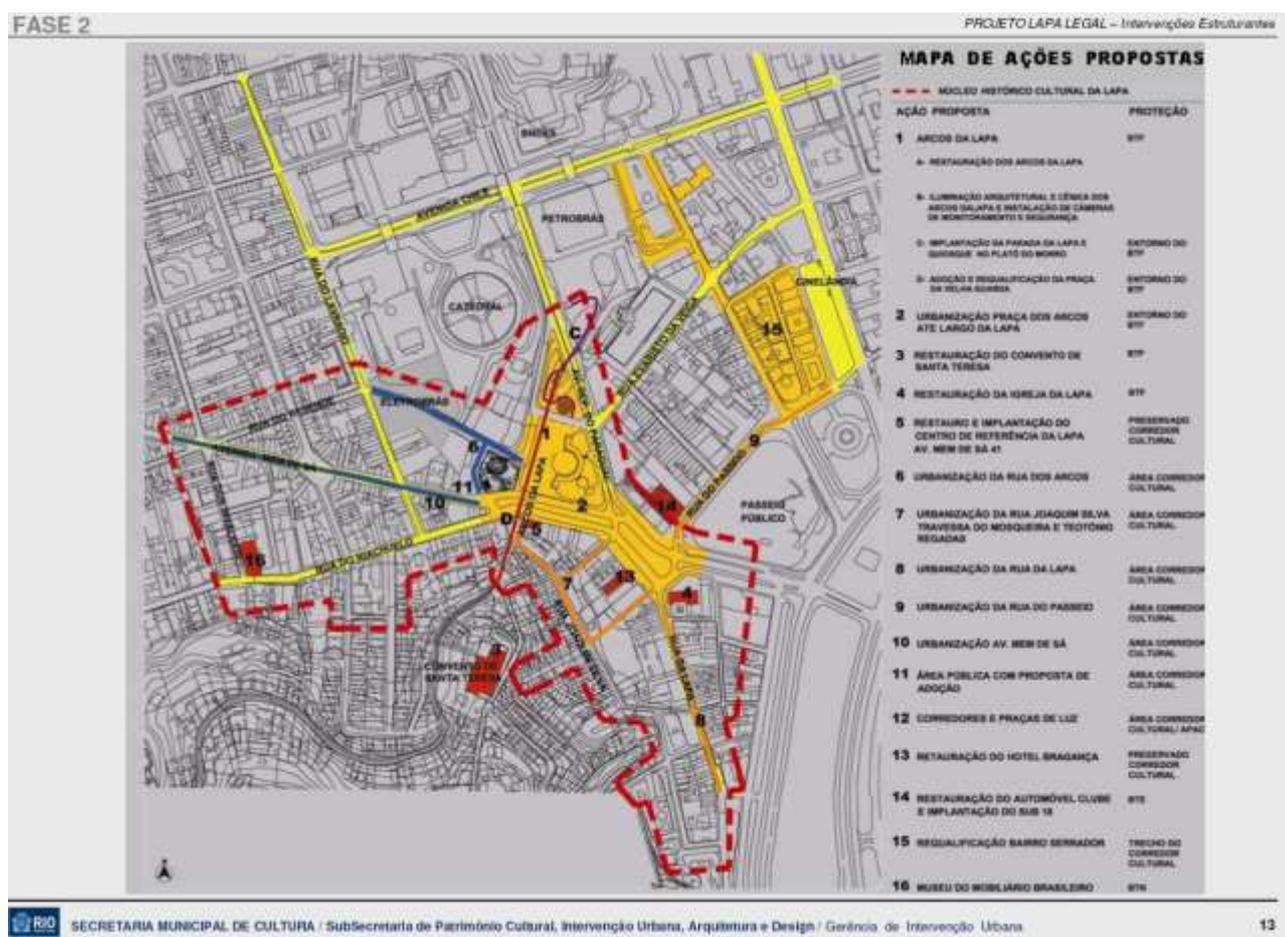


Figura 25: quadro síntese do projeto Lapa Legal⁶⁹

OBJETIVO	AÇÕES	LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO
Promover o ordenamento urbano e as potencialidades do bairro da Lapa, valorizando o seu potencial cultural e turístico; a preservação do patrimônio arquitetônico e o incentivo à captação de recursos e investimentos privados, resultando no desenvolvimento de atividades culturais, turísticas e econômicas da Lapa.	Requalificar e reordenar os espaços públicos do núcleo histórico da Lapa. Promover o ordenamento dos vendedores ambulantes e das vagas de estacionamento; regulamentação dos horários de shows em espaços abertos. Recuperação de praças, calçadas, ruas e faixadas em áreas ao redor dos Arcos da Lapa.	Rua do Passeio, Mem de Sá, República do Paraguai, Evaristo da Veiga, Teixeira de Freitas, Regadas, Visconde de Maranguape, das Marrecas, Moraes e Vale; Largo da Lapa e Travessa Mosqueira.	Remodelação, extensão, requalificação e criação de praças, calçadas e ruas; patrulhamento 24h da guarda municipal; padronização do mobiliário urbano; reformulação da iluminação pública; fechamento das 3 principais ruas da Lapa para os carros e a liberação para os pedestres e etc.

⁶⁸ Fonte: Projeto Lapa Legal - Prefeitura municipal do Rio de Janeiro, (p. 13)

⁶⁹ Fonte: Autoria própria

Capítulo IV -
DESCREVENDO A SOCIABILIDADE DA LAPA CARIOCA

O padrão espacial de organização das aglomerações

Nossa área de estudos, um bairro residencial recentemente requalificado e oficializado pela prefeitura municipal, está localizado na zona periférica do centro da cidade do Rio de Janeiro, conforme podemos observar nos mapas de localização abaixo.

Figura 26: Localização geográfica do bairro da lapa⁷⁰

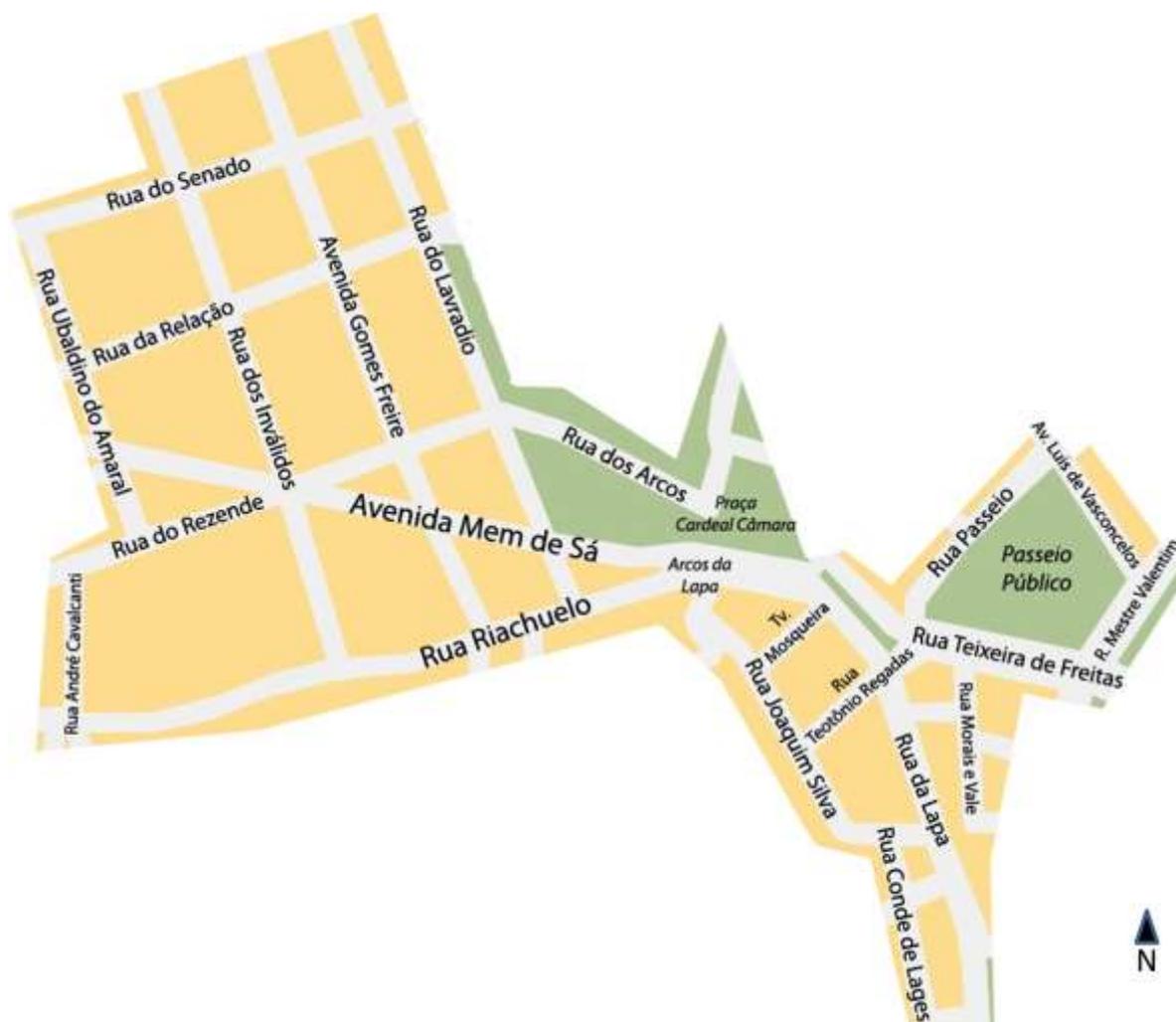


⁷⁰ Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_\(bairro_do_Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_(bairro_do_Rio_de_Janeiro))

Figura 27: Limite geográfico do bairro da Lapa⁷¹



Figura 28: ruas do bairro da Lapa⁷²



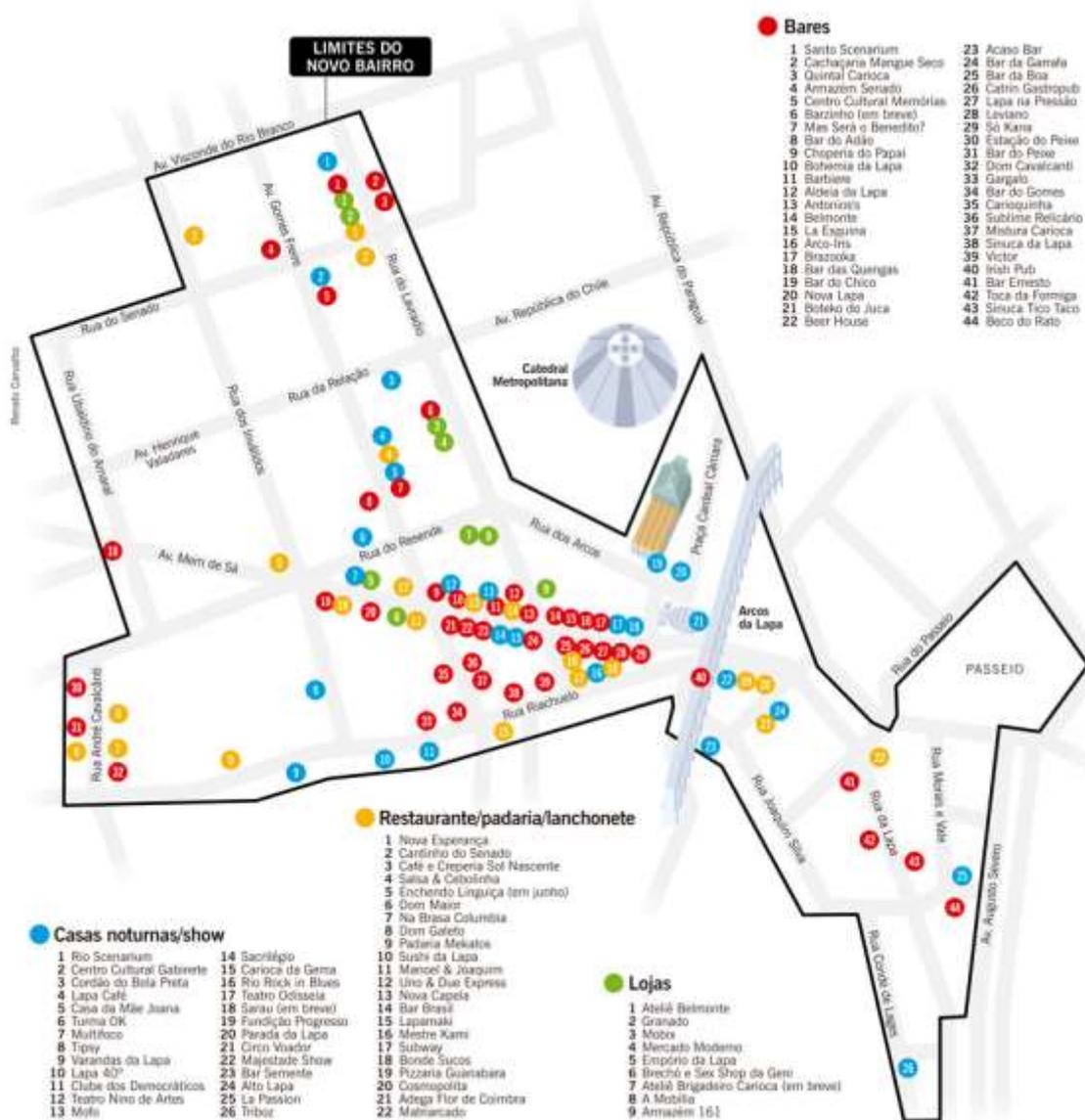
⁷¹ Fonte: Instituto Pereira Passos.

⁷² Fonte: <http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/geografia-carioca/lapa-o-mais-novo-bairro-do-rio>

O bairro da Lapa possui um padrão arquitetônico peculiar, caracterizado por uma grande heterogeneidade de estilos que se entrelaçam e dão origem a uma paisagem urbana que remete a um nostálgico Rio antigo. Edificações do início, meio e fim do século passado podem ser vistas em uma mesma rua. Os famosos Arcos da Lapa, em realidade um aqueduto construído ainda no século XVIII, completa o quadro de uma paisagem urbana singular.

Este conjunto de edificações mescla funções diversas, com especial destaque para duas delas: a função residencial, representada por uma série de edifícios residenciais, e aquela relacionada ao entretenimento noturno (uma enorme variedade de equipamentos urbanos associados diretamente ao lazer noturno), conforme destacado na figura abaixo.

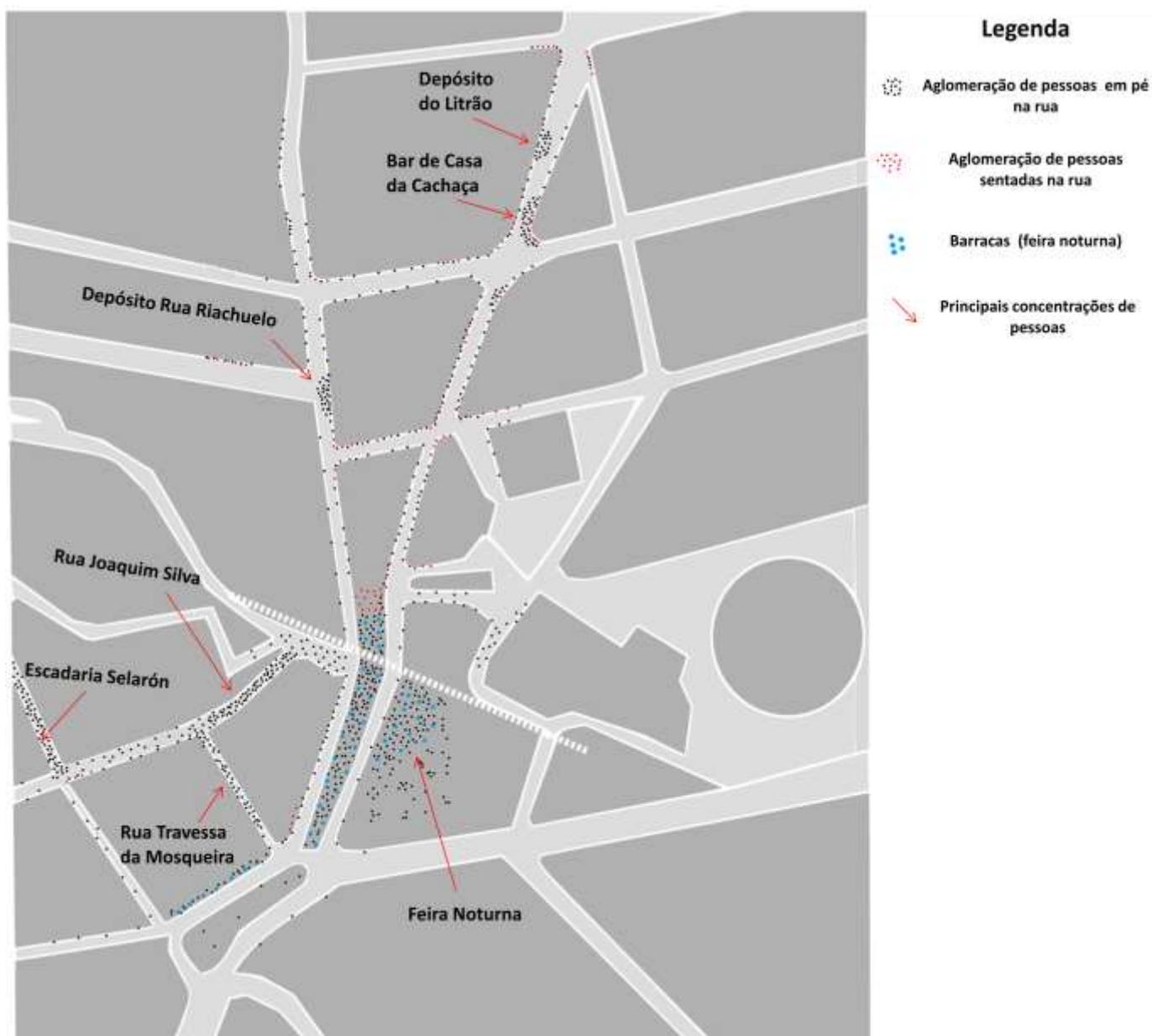
Figura 29: Equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno⁷³



⁷³ Fonte: <http://oglobo.globo.com/infograficos/mapa-boemia-lapa/>

Ao andarmos pelas ruas do núcleo histórico do bairro da Lapa as sextas e sábados à noite, o que vemos é uma miríade de pessoas se deslocando e se aglomerando em alguns pontos específicos, um verdadeiro formigueiro humano, que em uma observação pouco engajada parece uma ocupação aleatória. Contudo, essa apropriação que parece aleatória possui uma ordem, ou melhor, uma ordem espacial. E é exatamente esta ordem que pretendemos descrever e tornar inteligível.

Figura 30: Croqui aglomerações de pessoas nas ruas da Lapa⁷⁴



⁷⁴ Elaboração: Andre Felix e Amanda Fernandes.

As aglomerações de pessoas nas ruas da Lapa ocorrem sempre em alguns pontos específicos. Cada ponto de concentração representado no croqui acima reúne certas características que, de alguma maneira, atraem essas pessoas a esses lugares. Assim sendo, podemos afirmar que o padrão de organização destas aglomerações de pessoas é espacialmente diferenciado, convencionado e condicionado. Chamarei esse conjunto de características que atrai essas pessoas a esses lugares específicos de *elementos polarizadores*. Pode ser um bar, um depósito de bebidas, a beleza cênica, barracas de bebida e comida, as casas de show, a música, a dança, as pessoas, determinadas práticas, o preço das bebidas, enfim, um conjunto específico de características que possuem uma dimensão espacial, pois são diretamente associadas a um lugar ou a um ponto no espaço, isto é, são portadoras de uma localização geográfica precisa e detentoras, portanto, de atributos "únicos".

Cada grande concentração, que pode variar de poucas dezenas até milhares de pessoas, possui um padrão de organização que é mais ou menos próximo. Cada uma delas é composta por pequenos grupos de amigos e conhecidos (2 a 15 componentes) que juntos formam aglomerações de tamanhos variados. Esses pequenos grupos de indivíduos arranjados em pequenas rodas, círculos conversacionais, estabelecem entre si um forte grau de interação social (conversas, gesticulações, risadas, contatos físicos etc.), que chamarei de *interação intragrupal focada*. Entre esses pequenos grupos de amigos e conhecidos que compõe as grandes aglomerações, há um grau menor de interação social (atos comunicativos não verbais, olhadelas, sorrisos, sinais, gestos etc.), que chamarei de *interação intergrupala desfocada*.⁷⁵

⁷⁵ Os três termos adotados para descrever as aglomerações de pessoas nas ruas da Lapa foram inspirados em conceitos extraídos da obra de Georg Simmel e Erving Goffman. Aqui, contudo, estamos dando destaque à dimensão espacial deste fenômeno que é a sociabilidade.

Figura 31: O padrão espacial de organização das aglomerações⁷⁶



⁷⁶ Fonte: Autoria própria.

Quem Interage?

Conforme podemos observar nos gráficos abaixo, não há uma diferença significativa entre o número de homens e mulheres que frequentam as noites da Lapa. Tal público é predominantemente jovem (78% têm menos de 30 anos). Cerca de 30% deles afirmam que já concluíram o ensino superior, e boa parte daqueles que concluíram o ensino médio estão cursando a universidade. A maioria dessas pessoas possui um trabalho formal (43%) e outros 26% são estudantes. Além disso, 38% dos entrevistados afirmam que vão à Lapa mais de três vezes por mês e cerca de 60% deles o fazem principalmente as sextas e sábados à noite.

Figura 32: Gráficos do perfil sociodemográfico dos frequentadores da Lapa

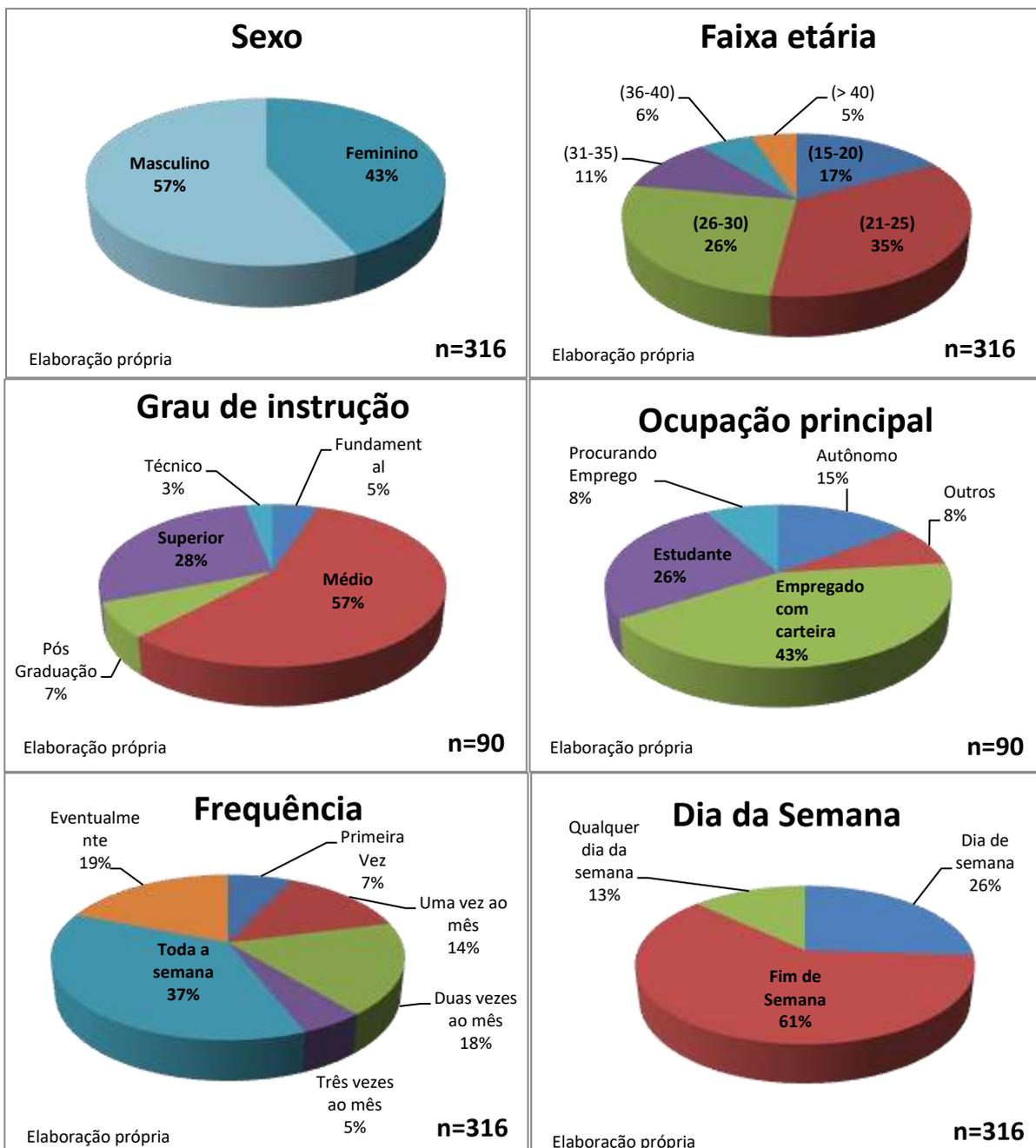
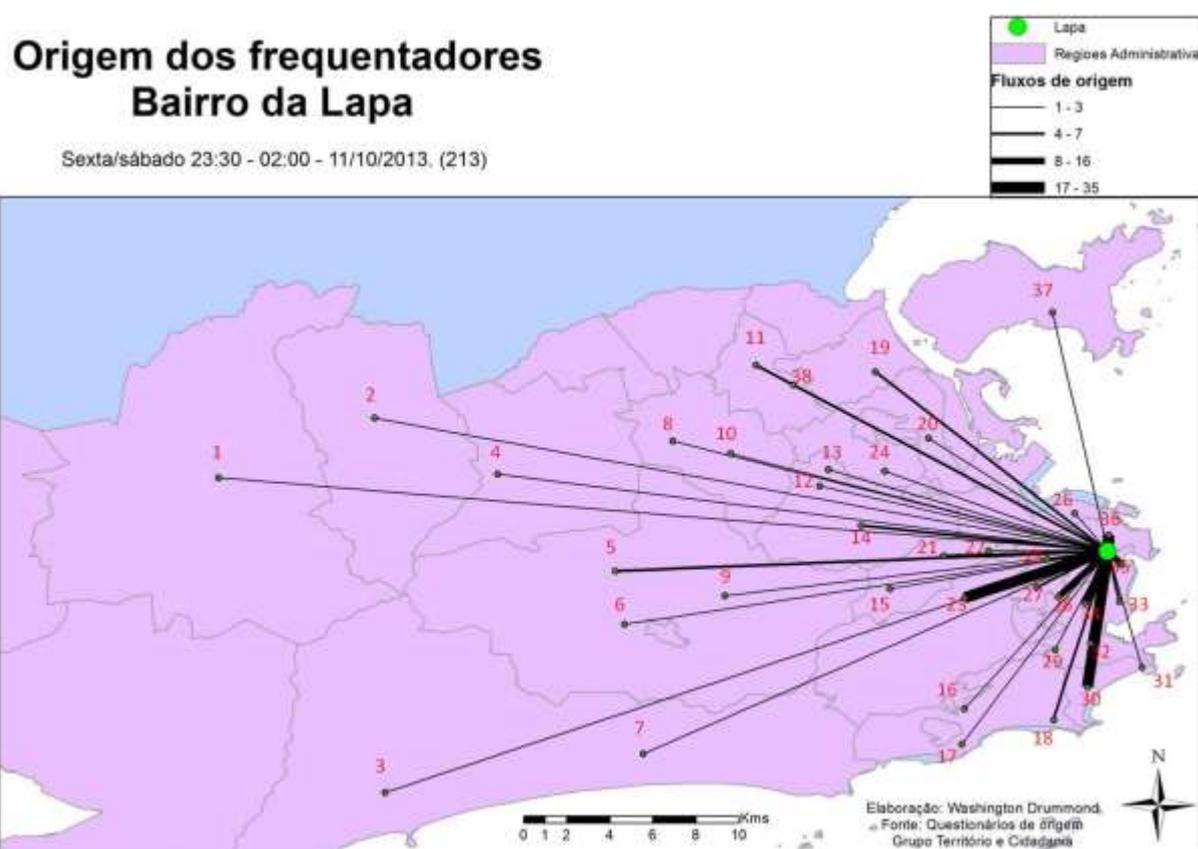


Figura 33: Mapa de origem dos frequentadores da Lapa (cidade do RJ)



1 – Campo Grande; 2 – Bangu; 3 – Recreio dos Bandeirantes; 4 – Realengo; 5 – Taquara; 6 – Jacarepaguá; 7 – Barra da Tijuca; 8 – Bento Ribeiro; 9 – Freguesia; 10 – Madureira; 11 – Irajá; 12 – Abolição; 13 – Pilares; 14 – Méier; 15 – Vila Isabel; 16 – Gávea; 17 – Vidigal; 18 – Ipanema; 19 – Penha; 20 – Bom Sucesso; 21 – Vila Isabel; 22 – Maracanã; 23 – Tijuca; 24 – Inhaúma; 25 – Estácio; 26 – Gamboa ; 27 – Rio Comprido; 28 – Santa Tereza; 29 – Humaitá; 30 – Copacabana; 31 – Leme; 32 – Botafogo; 33 – Flamengo; 34 – Laranjeiras; 35 – Glória; 36 – Centro; 37 - Jardim Guanabara; 38 – Vila da Penha

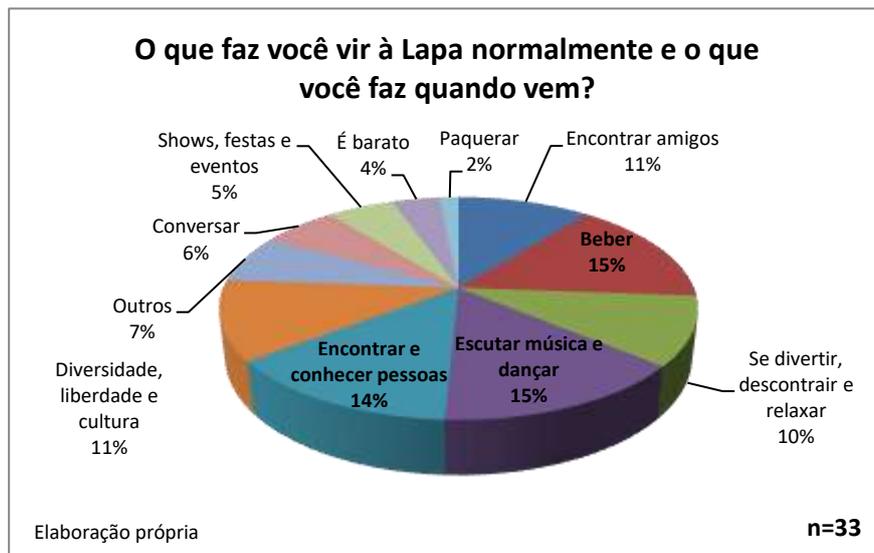
O mapa acima demonstra claramente que o público frequentador da Lapa é enormemente diverso. Pessoas oriundas de praticamente todos os bairros da cidade se reúnem nesta pequena porção da zona periférica do centro praticamente todas as sextas e sábados à noite. Os frequentadores oriundos de bairros como Tijuca, Copacabana, Santa Tereza, Centro e Laranjeiras são, conforme observado, maioria. Porém, mesmo bairros mais distantes como os da zona oeste, por exemplo, encontram representantes. Nosso intuito ao elaborar esse mapa foi demonstrar que a área de influência do bairro da Lapa extrapola em muito os seus limites geográficos, tornando claro que esta é uma localidade central no que se refere ao entretenimento noturno na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme veremos mais a frente, os bairros de origem dos frequentadores da Lapa variam consideravelmente de uma área para outra. Por exemplo, quando comparamos os bairros de origem dos frequentadores do Bar da Cachaça e do Depósito do Litrão, com os bairros de origem dos frequentadores da Rua Joaquim Silva, podemos perceber nitidamente que no primeiro caso há o predomínio de pessoas oriundas da zona sul da cidade, enquanto que no segundo caso há o predomínio de pessoas oriundas de bairros da zona norte e oeste.

O mesmo pode ser dito em relação aos outros setores. Isto é, a apropriação das ruas da Lapa, que em uma observação pouco engajada parece ser aleatória, em realidade, possui uma ordem, ou melhor, uma ordem espacial. Os diferentes setores polarizam áreas diversas da cidade. Por outras palavras, cada ponto da Lapa possui uma área de influência respectiva que é diferente das demais. Com isso podemos demonstrar que toda essa diversidade que caracteriza o seu público frequentador acaba produzindo algumas divisões. Essas divisões, porém, não significam, necessariamente, que a interação entre os diversos grupos sociais é conflituosa. Conforme veremos mais a frente, as identidades ou afinidades sociais dos diversos grupos, em grande medida, definem as escolhas de localização.

Como Interage?

Figura 34: Gráfico 1 (entrevistas abertas)



Esses milhares de indivíduos que enchem as ruas da Lapa nos fins de semana à noite certamente o fazem com algum motivo ou propósito. Conforme veremos mais a frente, em muitos casos, essas pessoas vêm de áreas muito distantes da cidade para se divertir na Lapa. O que faz então elas saírem de seus respectivos lares para irem ao bairro da Lapa? O que o entretenimento noturno oferecido na Lapa tem de especial para atrair tantas pessoas de lugares tão diversos?

O gráfico acima exposto pode nos fornecer algumas pistas. Segundo esses entrevistados a bebida, a música e o encontro social parecem ingredientes fundamentais, mas não são os únicos. Em realidade, o que faz da Lapa um lugar privilegiado, isto é, um lugar central para o entretenimento noturno, é uma soma de fatores que pode ser resumido em uma única palavra - sociabilidade - ou seja, a vontade de interagir socialmente com outras pessoas; conforme podemos observar no depoimento de alguns dos entrevistados:

"Diversão: curtir um pagodinho, conhecer pessoas novas etc." (...) "Eu fico onde tem um pagode, onde vende cerveja etc.";

"O Jazz da Lapa hahahahahahha (os dois)" (...) "é um meio né cara, você encontra os amigos todas as sextas feiras, é meio que um ritual já, tá ligado, essa parada, Lapa sexta feira, escadaria, Rua da Lapa, Rua do reggae, antigamente o samba da ladeira ali na Rua Riachuelo, e pô a cultura né cara, o berço do Rio é aqui né cara: a malandragem a boemia é tudo aqui né. (ele)" (...) "é bom vir pra cá, a cachaça é barata é perto de casa (ele), cara eu venho prá cá porque é um lugar, tipo, não tem estereótipos, não tem porra nenhuma, é muita liberdade, cada um na sua, todo mundo se respeita" (ela);

"Para encontrar com os amigos aqui, bater papo, beber uma cerveja, pra descontrair" (...) "quando eu venho eu bebo uma cerveja, saio para dançar, ou o forró ou o circo voador, várias atrações...";

"Para interagir com os amigos, sempre encontra, acaba encontrando várias pessoas de vários lugares aqui, não precisa nem marcar, acaba encontrando mesmo." (...) "Em geral eu entro em alguma boatesinha, Teatro Odisseia, mas algumas vezes eu venho só pra beber uma aqui fora mesmo.";

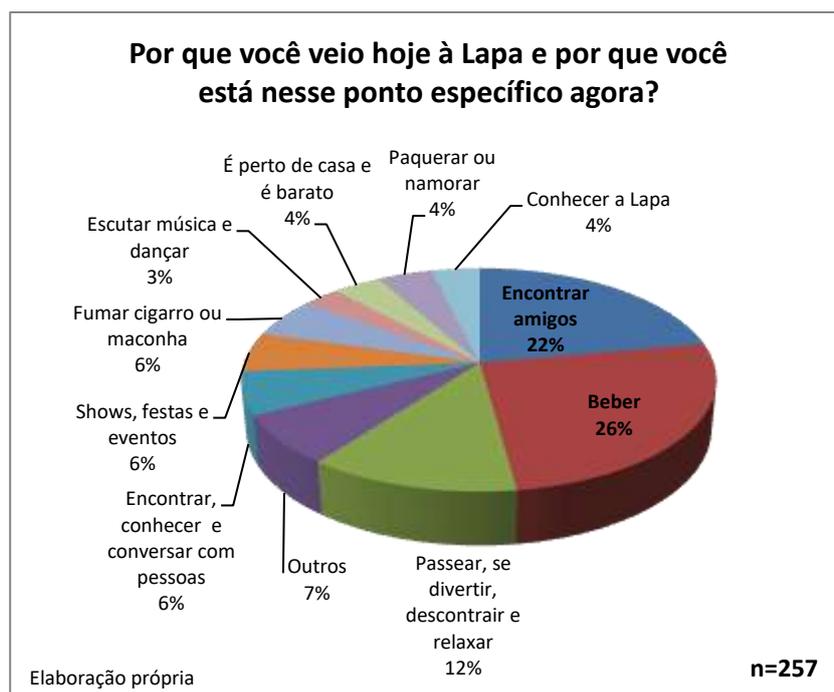
"Os amigos que vem sempre, a situação financeira é importante também, porque aqui é barato, você encontra gente de todos os lugares." (...) "A gente costuma tomar umas cervejas, assiste um amigo tocando, a gente fuma uma maconhasinha";

"A quantidade de gente que tem aqui, bebida barata.";

"A reunião de amigos e o ambiente da Lapa, que é um ambiente diferenciado, só aqui você tem esse tipo de coisa";

"A Lapa o que a gente encontra é a interação social, o que é fora do comum na cidade do Rio de Janeiro, uma coisa que a gente não encontra em outros lugares, é uma galera assim de todos os estilos todas as idades, tipo assim, a galera com dinheiro, sem dinheiro, aqui não tem essa, é todo mundo junto, isso que atrai." "Eu paro num barsinho, mas normalmente eu fico andando por aí mesmo, conhecendo as pessoas e tal."

Figura 35: Gráfico 2 (entrevistas abertas)



Quando esses milhares de indivíduos chegam até a Lapa nos fins de semana à noite eles precisam escolher uma opção entre as inúmeras que são oferecidas. Essas atrações possuem uma localização geográfica: um bar, um depósito de bebidas, uma esquina, uma praça, um evento musical, uma casa de shows, enfim, um destino. Ao escolher um determinado ponto da Lapa para se localizar essas pessoas novamente possuem algum interesse, uma finalidade que influencia a sua tomada de decisão. Nesse caso, porém, os interesses são mais pragmáticos,

como por exemplo, a localização de um estabelecimento comercial em que o preço da bebida é mais acessível, um tradicional ponto de encontro de determinados grupos, a música etc.:

"Eu vim pra viver, eu vivo da música, e aqui é o lugar onde as coisas acontecem, tá tudo aqui..." "Eu tô aqui porque aqui estão pessoas que batem com o que eu sou, que pensam como eu, sem pré-conceitos";

"Aqui é um ponto de referência para encontrar os amigos, às vezes eu tô sem celular e tal aí é mais fácil encontrar a galera";

"Porque tem um evento específico aqui na frente, que é o forró ao vivo.";

"Tô aqui pra tomar uma cervinha no depósito.";

"Nós estamos aqui porque encontramos um amigo aí paramos aqui pra conversar e tal";

"Porque a cerveja aqui é barata e daqui a gente vai pra outro lugar.";

"Nesse ponto específico porque primeiramente a cerveja é barata, tem muitas pessoas circulando, muita gente pra conhecer, trocar ideia, pra conversar.";

"Acho que é um lugar maneiro, acho que é isso, é um lugar onde a galera consegue beber, encontrar os amigos, reunir uma galera legal uma galera diferente, tem todas as opções, diversidade.";

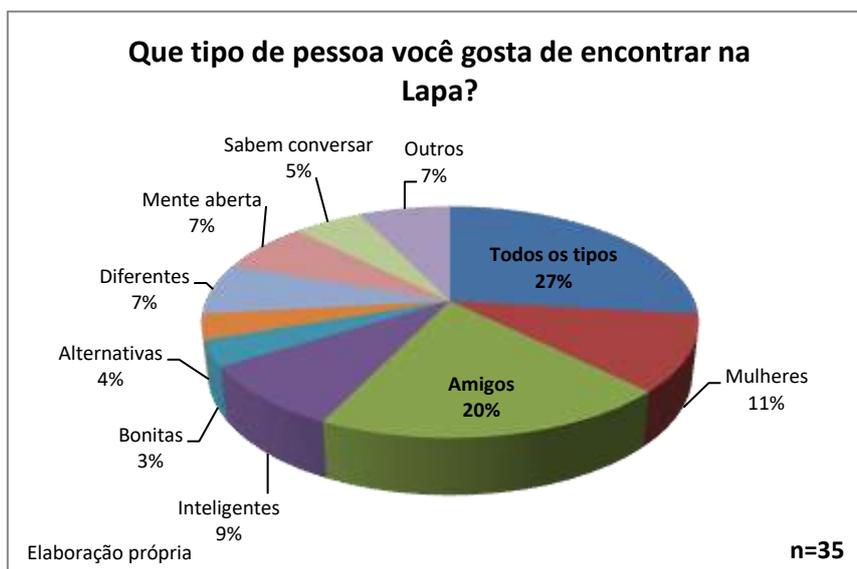
"Porque às vezes você vem pra cá sem marcar com alguém, e encontra com alguns amigos.";

"Porque nós nos encontramos e paramos aqui pra beber.";

"Porque a gente marcou aqui na verdade, estamos aguardando uns amigos aqui e estamos nesse ponto aguardando eles.";

"Porque é o meu preferido, é o que eu mais venho, eu venho pra cá pra ir pra algum lugar."

Figura 36: Gráfico 3 (entrevistas abertas)



O cosmopolitismo é certamente uma marca registrada da sociabilidade da Lapa, e o gráfico acima demonstra isso. Quando falamos em espaço público, uma das primeiras coisas que nos vem à mente é o seu livre acesso. Por quê? Porque o livre acesso significa a possibilidade de

reunião das diferenças, nesse caso, de indivíduos de várias classes, tribos urbanas e lugares da cidade.

A privilegiada acessibilidade de que dispõe o bairro (próximo ao centro da cidade) ajudou a Lapa a se transformar em um dos principais pontos de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro, isto é, um lugar central para a sociabilidade noturna. Muitas pessoas marcam encontros com amigos e conhecidos em determinados pontos, mas esses amigos e conhecidos não fazem isso sozinhos; outros tantos fazem exatamente o mesmo. Como resultado, temos a formação de inúmeras aglomerações nas ruas, calçadas, esquinas e praças da Lapa.

E é disso que a sociabilidade da Lapa se alimenta: da reunião diversa de pessoas dos mais variados pontos da cidade, isto é, da possibilidade de estabelecer contatos com outros segmentos sociais, conforme podemos observar na fala de alguns dos entrevistados:

"De todos os tipos a gente encontra aqui, não existe um estilo definido, todos os tipos de pessoas.";

"Eu gosto de encontrar pessoas animadas, alegres, que curtem um sambinha também..." (...) "mas eu não tenho problema com nenhum tipo de pessoa"

"Aqui é eclético, várias galeras diferentes, várias tribos, da melhor a pior, é o rico a b c d, todos os tipo.";

"Há os amigos né cara, os amigos são o principal (ele), e os gringos doidões que também se amarram em vir aqui (ela)";

"Pessoas inteligentes, que saibam falar de tudo, que não estejam presas a um assunto específico, que tenham cultura.";

"Normalmente eu venho pra pegar mulher mesmo, tem milhões de mulheres pra escolher, mas de preferência uma mulher que dê pra trocar ideia e tal que seja inteligente";

"Não, em geral tem muita gente aleatória aqui, mistura muita gente, a graça é justamente essa aqui, tem gente de todo canto e de todos os tipos: de faculdade, do colégio, conhecido do amigo da amiga, é muita gente.";

"Geralmente, pessoas amigas.";

"Um pessoal legal alternativo, hipster, esse pessoal que escuta música jamaicana que eu gosto hahahahaha.";

"Normalmente eu gosto de encontrar as pessoas que são mais descoladas e talvez que tenham ideias diferentes da minha e eu busco exatamente isso, encontro de massas.";

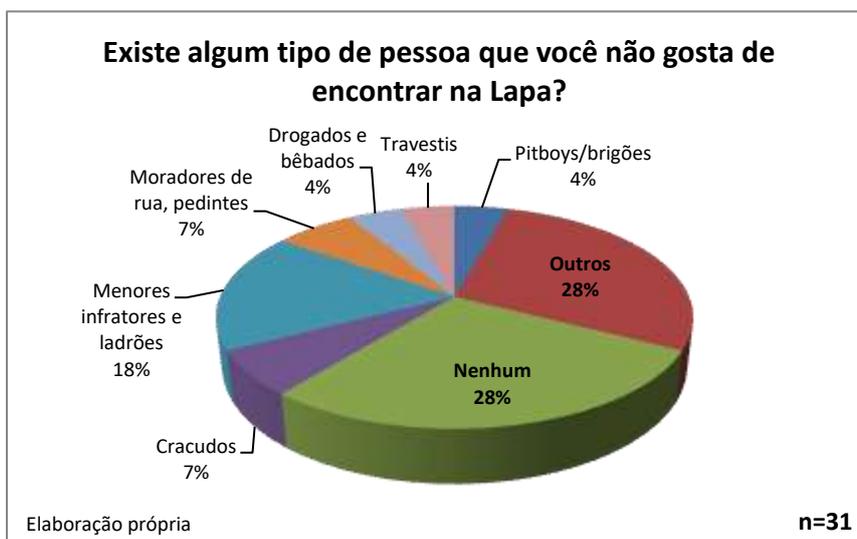
"Primeiro são os amigos que sempre estão aqui, você sempre encontra alguém, não é o pessoal de boate, é um público um pouco mais solto, que está aberto.";

"O bagulho da Lapa é estar aberto a interagir com tudo que tem, porque porra você não tem nem escolha na verdade, se já tá aqui já está aberto a alguma pessoa chegar.";

"Aqui não tem apenas um nicho só de pessoas, não tem um segmento, às vezes tem um assunto que você quer conversar com alguém diferente do que você vê normalmente, que não tem no seu nicho.";

"O interessante e o desinteressante da Lapa é que ela mistura o que você quer e o que você não quer ver em uma noite."

Figura 37: Gráfico 4 (entrevistas abertas)



Esse cosmopolitismo que é característico das noites da Lapa pode explicar também a "tolerância" dos seus frequentadores. A maioria das pessoas entrevistadas afirmou não ter problemas em encontrar com nenhum tipo de pessoa. Por que isso acontece? A resposta é simples, porque quando essas pessoas vão à Lapa, geralmente, elas já têm consciência que vão encontrar uma miríade de pessoas de todas as partes da cidade, conhecidas ou não, que estão dispostas ou não a interagir.

Porém, tamanha diversidade, às vezes, propicia conflitos. Ladrões, menores infratores, moradores de rua, pedintes, os chamados cracudos (viciados em crack) etc. são pessoas que, ao que parece, não são bem-vindas pelos frequentadores. É curioso notar que alguns desses entrevistados afirmam que pessoas racistas, antissociais e preconceituosas também não são bem-vindas, conforme podemos observar no discurso de alguns deles:

"Os cracudos, menor de rua, o pessoal rouba e tudo, esse tipo de pessoa eu prefiro evitar. Pessoas que já vem com má intenção de roubar, de bater";

"Cara a Lapa é um lugar muito democrático né, eu não me incomodo muito com as diferenças sociais, e acho até legal, seja aqui ou na praia ou em qualquer lugar.";

"Não, quando eu venho pra Lapa eu já sei que posso encontrar de tudo, são muitas as possibilidades, eu venho sempre de cabeça aberta para encontrar qualquer um.";

"Moradores de rua, me incomoda muito.";

"travesti e mendigo também, sem contar os cracudos e os ladrões".;

"É muito difícil você definir a Lapa porque aqui tem uma diversidade cultural muito grande.";

"Pessoas antissociais, que não estão dispostas à interação.";

"Não pô, o legal da Lapa é isso, pode vir geral mesmo, pessoas escrotas e maneiras que tá valendo, a Lapa é legal por causa disso.";

"Então, exatamente, a mesma coisa da música serve pras pessoas, as pessoas têm que estar dispostas ao encontro com a diversidade";

"Aqui você consegue concentrar todos os tipos de pessoas, esse é o diferencial da Lapa, (fora da Lapa) todos os lugares que você vai, por exemplo, é um evento de hip hop ou de funk, ou de qualquer outra coisa, e aqui não, você consegue juntar tudo."

Figura 38: Gráfico 5 (entrevistas abertas)



O fato de a rua ser parte fundamental do rito da interação social na Lapa, em alguma medida, explica o seu sucesso. Apesar da enorme diversidade de equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno que são oferecidos (bares, boates, casas de show etc.), todos os entrevistados afirmam que permanecem algum tempo na rua. E mais, a maior parte dessas pessoas afirma que permanece a maior parte do tempo na rua, e muitas delas vão à Lapa somente para ficar em suas ruas.

"Sim, fico mais tempo na rua do que nos lugares fechados. Na verdade, eu raramente entro em algum lugar, fico mais na rua mesmo.";

"Cara, normalmente eu fico mais na rua mesmo, até por que é onde eu tiro dinheiro, mas a galera fica mais do lado de fora mesmo, a maioria tá aqui fora.";

"A noite inteira (ela), normalmente a gente vem pra ficar a noite inteira, principalmente por causa do depósito né cara, bebida mais barata e tal (ele), é o melhor lugar para se curtir ainda mais sem grana tá ligado (ela)";

"Fico meia hora uma hora, e depois entro numa parada." (...) "quando eu era mais jovem eu tinha mais saco pra frequentar a rua, hoje em dia eu só venho mesmo pra entrar em algum evento bom.";

"às vezes eu fico na rua a noite toda, normalmente me deslocando. Mas outras vezes eu fico uma hora aqui fora e depois eu entro em algum lugar, na maioria das vezes é assim.";

"Eu tenho preferência por ficar em lugares determinados, nos espaços fechados; mas eu sempre dou uma volta antes na rua e depois eu entro em algum lugar.";

"Eu gosto de dar uma andada, ver o que tá rolando, e escolher um lugar pra sentar, pra comer alguma coisa, beber, bater um papo legal, jogar conversa fora.";

"Normalmente a gente para por aqui mesmo e depois vai pra algum lugar, depende do dia, depende da galera, depende da data também, se tiver todo mundo regado de grana né, hahahahaha".

Figura 39: Gráfico 6 (entrevistas abertas)



Como demonstrado nos dois últimos gráficos, a rua é o principal palco para o desfile dos muitos estilos que transitam pelo bairro. E mesmo aqueles que afirmam frequentarem mais os bares e depósitos, em muitos casos, também ficam na rua; pois muitos desses estabelecimentos não dispõem de espaço interno para receber seus clientes. Dessa maneira, na maior parte dos casos, essas pessoas ficam concentradas em grandes aglomerações nas ruas, calçadas e praças da Lapa.

"Os arcos, aqui na Joaquim Silva. Eu fico sempre andando, dou uma olhada na Mem de Sá pra ver o movimento e tal, mas normalmente eu fico andando." (...)

"Eu gosto de frequentar esses lugares porque é animado, eu gosto da Lapa.";

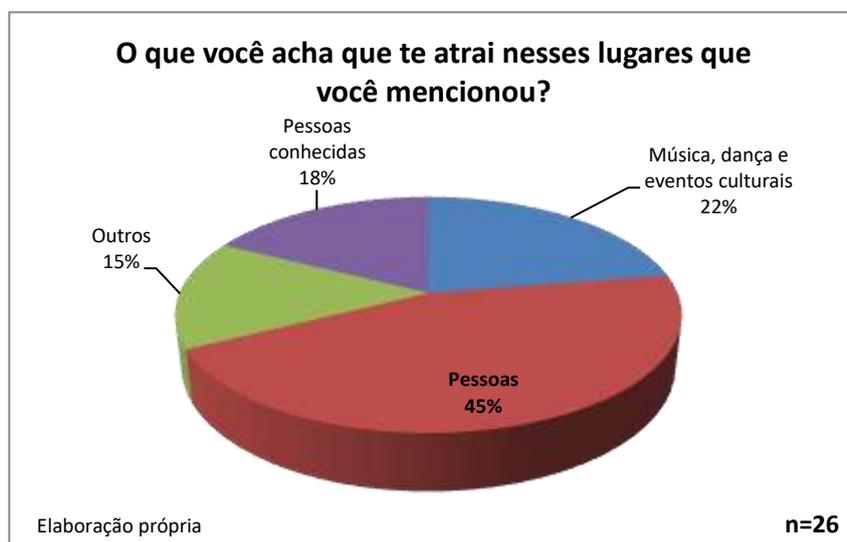
"Alto Lapa, Semente, Fundação, Blumenal, Carioca da Gema." (...) "Na rua é muito itinerante, vai muito da vibração que está o momento: se tá legal a gente fica aqui, se não está a gente vai pra outro lugar, porque é isso que permite a Lapa, essa transitoriedade." ;

"Os depósitos, as casas de show com eventos interessantes, os espaços que aglomeram pessoas que aqui na Lapa a gente sempre vê.";

"Nas ruas, onde ficam os ambulantes e os depósitos e nos espaços privados, nos bares onde nós ficamos sentados na cadeira no meio da rua e as casas de show.";

"O Circo Voador, a rua, depende muito do dia."

Figura 40: Gráfico 7 (entrevistas abertas)



Conforme temos destacado desde o início desta dissertação, a interação social que ocorre nas ruas da Lapa é um dos seus principais atrativos; e o gráfico acima corrobora com esta linha de pensamento. A imensa maioria das pessoas afirma que o que as faz escolherem um determinado lugar em detrimento de outro é, em grande medida, o seu público frequentador. Os diversos grupos de amigos e conhecidos que se reúnem nas ruas da Lapa buscam interação social, e a diversidade de pessoas envolvidas, ao que parece, constitui um importante catalisador deste processo.

"A música, a galera que dá pra trocar uma ideia, as mulheres";

"Pô tem muita gente, muita música, galera dançando se divertindo, acho que é isso";

"Para encontrar um pouco de diversão diferenciada né";

"O que atrai é o som, música alta, a aglomeração de gente";

"Acho que o tipo de música e de pessoas, na escadaria, por exemplo, tem muita gente, é fácil encontrar amigos.";

"Porque nós encontramos pessoas conhecidas, os lugares são agradáveis, porque esses são lugares com os quais eu me identifico.";

"Acho que o lugar não importa muito, o que realmente importa são as companhias, os amigos.";

"Eu acho que a Lapa pra mim é exatamente esse choque social, você tem esse encontro né, do bom e do ruim, do igual e do diferente. Eu acho que normalmente quem vem pra Lapa busca esse choque de realidade, porque eu acho que a Lapa permite isso, é um lugar público, e um lugar que permite você

se bater de frente com pessoas que você normalmente na vida você não tem coragem de aceitar."

"Por exemplo, no baixo Méier têm um perfil mais específico de estilo, aqui é mais variado, vários tipos de pessoas de várias tribos.";

"Eu acho que porque o pessoal não tá muito preocupado com status, vem mais pra interagir mesmo.";

"Eu acho que a Lapa tem uma quantidade de gente diferente que em nenhum outro lugar tem, tem gente de qualquer tipo, qualquer idade, qualquer gênero, qualquer música, você encontra na Lapa."

Figura 41: Gráfico 8 (entrevistas abertas)

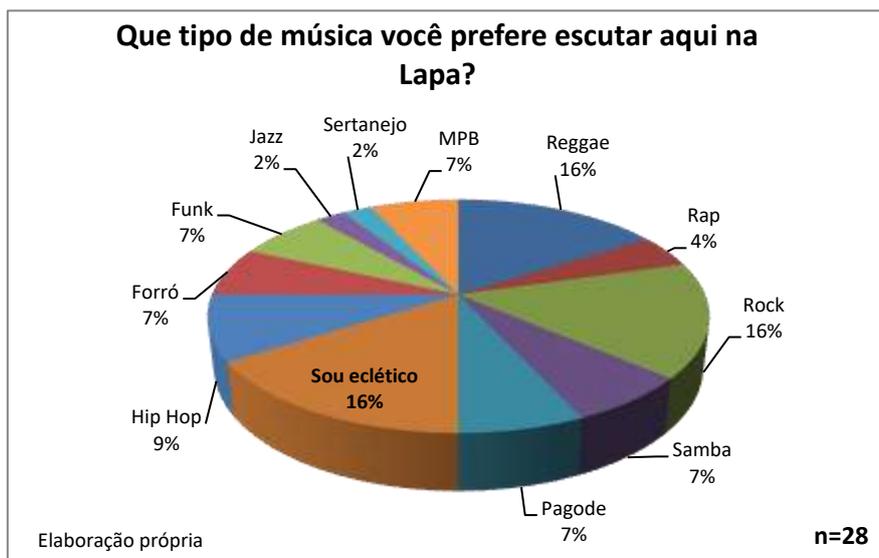
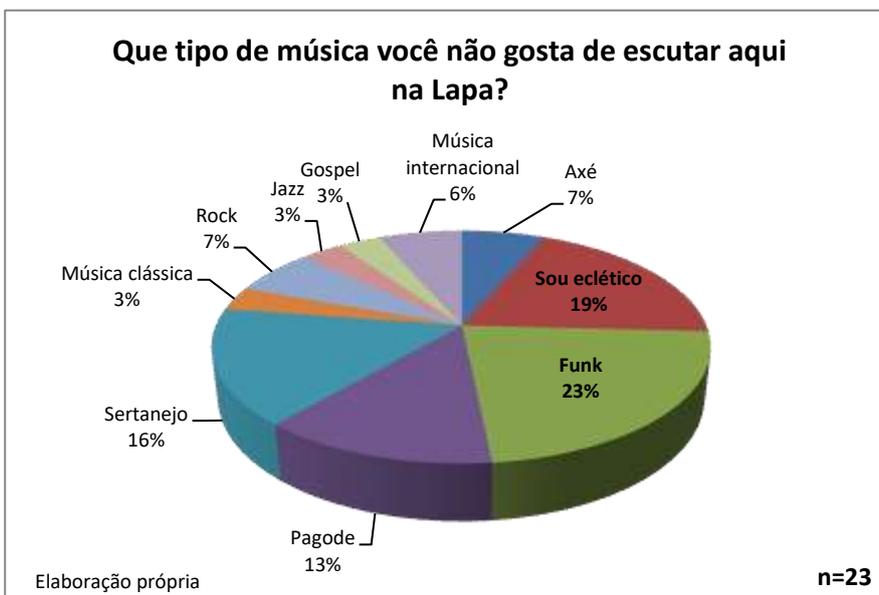


Figura 42: Gráfico 9 (entrevistas abertas)



Diversidade de público significa, na maior parte dos casos, diversidade de gostos; isso fica claro nos gráficos acima. Em ambos os casos, a maior parte das pessoas afirma não ter preferência por nenhum ritmo musical específico que é tocado na Lapa. Aliás, a coexistência

de vários deles em uma única rua é algo bastante comum. A música que extrapola o espaço de algumas boates, bares, casas de show e depósitos de bebida é escutada na rua por muitas pessoas. Essas pessoas que são atraídas por esses ritmos musicais específicos compartilham o mesmo espaço físico com outras pessoas que ali se concentram, e que, portanto, estão dispostas a escutá-lo.

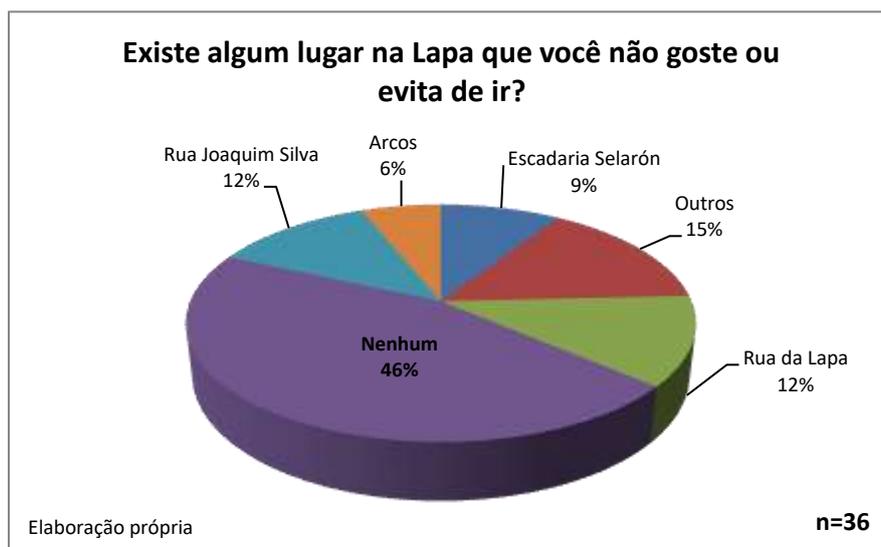
"Na Lapa é meio complicado porque na Lapa você encontra de tudo, então você acaba abrindo mão daquilo que você gosta de escutar pra tá aberto a novos sons.";

"Po cara na Lapa a gente não escuta música assim não, pelo menos eu não escolho muito o lugar pela música, as vezes tá tocando pop, as vezes rock, cada sexta é uma.";

"Eu acho que o diferencial da Lapa é esse, a diversidade, então toca um samba, toca um rock, hip hop, toca reggae, esse é o pessoal da Lapa, escuta tudo.";

"Acho que a pessoa que vem pra Lapa já está propício, já está esperando o que vem.".

Figura 43: Gráfico 10 (entrevistas abertas)



Há um constante trânsito de pessoas entre as diversas aglomerações que se formam. A escolha por se concentrar em uma ou outra área se baseia, entre outras coisas, no seu público frequentador, na música, no preço dos serviços e produtos oferecidos, enfim, no ambiente como um todo. O fato de a transitoriedade ser uma característica fundamental das noites da Lapa faz com que a grande maioria das pessoas não tenha nenhum tipo de problemas em frequentar outros espaços.

"Eu não gosto da escadaria, (...) Porque é muito fuleira, a escada já foi assim, já deu o que tinha que dar. Hoje em dia tem muita gente, de todos os tipos, e às vezes

eu fico com muita preguiça de ter que conviver, com pessoas que não tem nada a ver comigo.";

"Tem sim, eu não gosto muito daquele reagge que rola alí do lado porque rola muita maconha, muito cheiro de fumaça, rola muita droga e é por isso que eu também não gosto da escadaria, porque também rola muito.";

"Aí é relativo... por exemplo, descendo os Arcos pra aquele lado lá eu já não gosto muito, Mem de Sá pra lá eu já não gosto muito, o pessoal lá é muito esnobe, esse lado aqui dos Arcos é mais eclético, mais comunicativo, o público de lá é mais fechadão, são pessoas que tem um nível de dinheiro acham que são melhores que os outros.";

"Eu não tenho problema com nenhum lugar aqui na Lapa";

"Acho que não, se bem que eu não gosto de passar nas ruas dos travecos.";

"Não, cara, tá na chuva é para se molhar";

"Eu acho que talvez me incomodaria estar em um lugar em que as pessoas não estão abertas a ver a realidade do que a Lapa é.";

"Tem alguns ambientes que me incomodam, ali perto dos Arcos, é muita gente.";

"Acho que onde ficam as prostitutas e os travecos."

Figura 44: Gráfico 11 (entrevistas abertas)



Este último gráfico demonstra claramente que a enorme diversidade que caracteriza o seu público frequentador também produz divisões. As diversas aglomerações de pessoas que se formam nas ruas da Lapa todos os fins de semana não são aleatórias. Um conjunto de fatores leva as pessoas a se concentrarem em determinados pontos, em detrimento de outros. Essa escolha, como vimos anteriormente, tem muito a ver com o público frequentador:

"Eu só evito de ir porque não tem nada a ver com o meu estilo.";

"pois ela é muito mal frequentada, pessoas muito diferentes de mim, de outras classes sociais";

"Porque toca muito funk e porque eu já fui roubada alí";

"Porque é caro e ruim, é mal frequentado, são pessoas com as quais nós não nos identificamos.";

"Tem lugares que você não tem essa liberdade, alguns lugares você paga caro pra conhecer aquele tipo específico de pessoas, aqui é mais livre pra conhecer pessoas.";

"Porque é um ponto muito perigoso da Lapa."

Figura 46: Fotografia depósito do lixo



Figura 47: Fotografia depósito do lixo



Figura 48: Fotografia do Bar e Casa da Cachaça



Figura 49: Fotografia do Bar e Casa da Cachaça



O depósito do Litrão, como ficou popularmente conhecido, é uma concentração de pessoas que ocorre na Avenida Mem de Sá, em frente a dois depósitos de bebidas. Trata-se de uma aglomeração que, dependendo do dia, do horário e das circunstâncias, pode ter alguns poucos indivíduos ou pode contar com mais de 100 componentes, porém em média, podemos falar em algo entorno de 30 a 40 pessoas.⁷⁸ Eles ocupam a maior parte da calçada da rua, em sua grande maioria eles estão em pé, conversando e gesticulando, reunidos em pequenos grupos de amigos e conhecidos. Quase todos consomem algum tipo de bebida, principalmente cerveja, enquanto outros fumam cigarros ou maconha.

Há uma nítida relação entre essa concentração de pessoas que ocorre no espaço público da rua e os dois depósitos de bebida que são estabelecimentos comerciais privados. Quando essas pessoas eram perguntadas sobre a razão de estarem nesse ponto específico da Lapa, elas diziam que era em função do preço mais acessível das bebidas e, mais especificamente, o preço da cerveja de garrafa de um litro, também conhecido como litrão:

"Porque eu gosto do depósito, esse depósito eu amo, litrão de antártica a 5 reais hahahahaha";

"Porque o dono do depósito é nosso amigo de longa data, e a cerveja barata é um aspecto interessante".

O elemento polarizador desta concentração de pessoas, nesse caso, é o depósito de bebidas oferece preços mais acessíveis. Similarmente ao que acontece com outros exemplos a serem descritos, boa parte das ações e comportamentos que ocorrem na rua, possuem uma relação direta com os serviços que são oferecidos por um estabelecimento comercial privado.

Em geral, esses depósitos de bebidas são mais frequentados no início da noite, pois muitas pessoas marcam encontros neles antes de escolherem outros destinos na Lapa. A bebida oferecida a preços mais acessíveis do que as que são oferecidas por vendedores ambulantes e outros estabelecimentos comerciais, costuma funcionar como atrativo para essas pessoas. Porém, com o passar do tempo, o fato de certos grupos de amigos e conhecidos optarem por se reunir neste ponto específico da Lapa, fez com que ele se tornasse um lugar privilegiado para o encontro social, assim sendo, encontros inesperados entre amigos e conhecidos acabam se tornando comuns.

O Bar e a Casa da Cachaça é uma concentração de pessoas que também ocorre na Avenida Mem de Sá, em realidade, ela fica a pouco mais de 50 metros da concentração de pessoas anteriormente descrita, porém, do outro lado da rua. Ela é polarizada por dois tradicionais

⁷⁸ Esses números têm como base a análise do material de campo (fotos e vídeos) e das diversas observações realizadas; contudo, são apenas estimativas.

bares especializados no comércio de cachaça. Apesar destes dois estabelecimentos também venderem outros tipos de bebida e de dividirem espaço com outros dois bares, esta localidade ficou conhecida como Bar ou Casa da Cachaça. O número de frequentadores desta área varia bastante de uma noite para outra, além de nos diferentes períodos da noite. Geralmente, no início da noite o público é formado por alguns poucos grupos de amigos e conhecidos que vão se multiplicando à medida que o tempo passa, podendo passar de 300 pessoas no auge da madrugada.

Nos últimos anos, este lugar se transformou em um autêntico ponto de encontro de jovens estudantes universitários, que fazem deste trecho da rua um verdadeiro desfile de tipos sociais. Há turistas estrangeiros e brasileiros de diversas partes e frequentadores das mais variadas tribos urbanas; vendedores ambulantes dividem espaço com alguns travestis e prostitutas, moradores de rua e jovens universitários compartilham o banco da mesma praça, músicos aproveitam a aglomeração para expor sua arte, rodas de amigos se divertem ao som de violões e de muita cantoria; tudo isso, é claro, regado a muita cerveja e cachaça de gengibre.

A imensa maioria das pessoas consome algum tipo de bebida, e muitos deles fumam cigarros ou maconha. Há um carro da polícia bem próximo a essa área (cerca de 20 metros), mas eles não intervêm. Conforme dissemos anteriormente, esse é reconhecidamente um importante ponto de encontro do final da noite, isto é, depois que as pessoas já foram a outros lugares da Lapa, assistiram shows, entraram em boates ou bares, foram aos depósitos etc., elas se dirigem ao Bar da Cachaça para passar o final da noite e encontrar amigos, pessoas conhecidas ou mesmo desconhecidas.

O fato de este lugar ter sido privilegiado para a reunião de determinados grupos fez com que a própria aglomeração em si se transformasse, ao longo do tempo, em um dos seus principais atrativos, e as respostas dadas por essas pessoas quando perguntadas sobre a razão de estarem nesse ponto específico da Lapa demonstram isso:

"Porque às vezes você vem pra cá sem marcar com alguém e encontra com alguns amigos.";

"A liberdade das pessoas, não tem muita segregação de grupos, as pessoas te veem como outra pessoa sabe, elas querem te conhecer, apesar de o Rio de Janeiro ser um lugar muito livre pra isso, pelo menos onde eu moro não tem muito isso, a Lapa te dá essa liberdade de interagir com as pessoas, acho que é o mais interessante da Lapa.";

"Eu vim encontrar uma amiga que a gente morava junto";

"Porque nós nos encontramos e paramos aqui pra beber.";

"Porque esse aqui é o bar do encontro dos amigos."

Ao lado dos bares há uma praça (Praça João Pessoa) com bancos e uma grande faixa de calçada que, dependendo da noite e do horário, também fica lotada. Essas pessoas ficam em sua grande maioria em pé na rua dividindo espaço com os carros que circulam lentamente em função da grande movimentação de pessoas. Entre os diversos grupos de amigos há conversas, gesticulações, sorrisos, beijos, abraços e discussões dos mais variados temas. Os diferentes grupos de amigos e conhecidos também aproveitam esta reunião diversa de indivíduos para conhecer novas pessoas, para paquerar ou apenas jogar conversa fora. Assim sendo, podemos afirmar que o maior atrativo dessa área da Lapa é, assim como ocorre em boa parte dos casos, a reunião de pessoas diversas.

Ambas as aglomerações ocupam praticamente toda a faixa de calçada e parte da Rua Mem de Sá e estão localizadas em frente a espaços privados que não dispõem de espaço interno suficiente para atender o seu público frequentador. Em ambos os casos a rua aparece como sendo um palco privilegiado para a interação social de amigos e desconhecidos, funcionando como um verdadeiro espaço de sociabilidade.

O seu público frequentador é formado majoritariamente por pessoas oriundas das zonas sul, centro e norte da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para Copacabana, Tijuca, Santa Tereza, Laranjeiras, Glória, Centro, Flamengo, Botafogo etc.; conforme podemos observar no mapa abaixo.

Figura 50: Mapa de origem dos frequentadores da Lapa (Bar da Cachaça e depósito)



Depósito da Rua Riachuelo

Figura 51: Croqui depósito da Rua Riachuelo

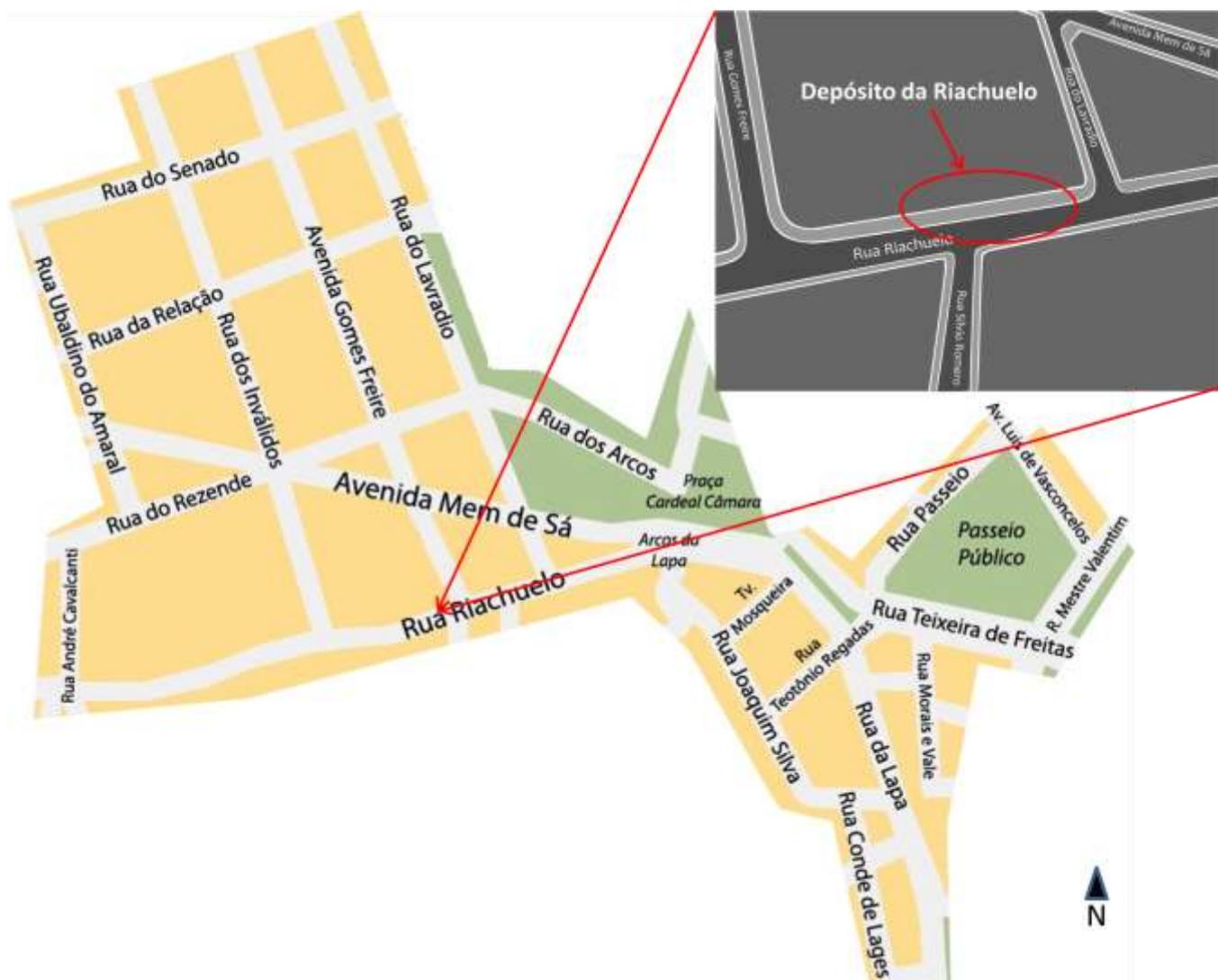


Figura 52: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo



Figura 53: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo



Figura 54: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo



Figura 55: Fotografia do Depósito da Rua Riachuelo



Da mesma maneira que ocorre com outros depósitos de bebida, o depósito da Rua Riachuelo conhecido popularmente como depósito da ladeira, também oferece bebidas a preços mais acessíveis que outros estabelecimentos comerciais e vendedores ambulantes e, por esse motivo, acaba atraindo muitas pessoas.

Não pude perceber nenhum código de vestimenta ou conduta que seja característico desta área. São pessoas que se vestem normalmente (bermuda, camisa, tênis calça, saias, vestidos, blusas etc.), trata-se de uma reunião predominantemente jovem, mas há pessoas de outras faixas etárias. A grande maioria deles, para não dizer todos, está segurando algum copo ou garrafa com bebida, muitos estão fumando cigarros; quase todos ficam em pé ocupando praticamente toda a faixa de calçada e parte da rua, mas alguns poucos se encontram sentados no meio fio ou apoiados em carros estacionados. Segundo alguns dos entrevistados, normalmente, esse depósito funciona como um ponto de encontro entre amigos que marcaram de se encontrar previamente, antes de irem para outros lugares da Lapa; porém, como muitas pessoas se concentram aqui, é possível encontrar pessoas conhecidas ao acaso, ou mesmo conhecer novas pessoas.

O elemento polarizador desta concentração certamente é o depósito de bebidas, mas, novamente, seria errado afirmar que esse é o único motivo para que essas pessoas se reúnam neste ponto. A aglomeração de determinados grupos de amigos e conhecidos é certamente um aspecto de enorme importância para se entender por que essa aglomeração se forma todas as sextas e sábados neste ponto da Lapa. A partir das minhas observações de campo e do depoimento de alguns entrevistados, sabemos que essa é uma concentração de pessoas que fica mais cheia entre 22 da noite e 01 da madrugada, antes dos eventos em espaços privados da Lapa começarem, que podem contar com mais de 100 componentes nos dias mais frequentados.

"Hoje eu estou fazendo uma coisa que eu nunca faço, estou divulgando uma festa (panfletando), aí passei por aqui, encontrei a Fernanda, e estamos aqui desde então, mas não marcamos de nos encontrar aqui.";

"Não tem motivo pra eu estar aqui agora, eu marquei com uns amigos e eles estavam aqui, mas a gente acaba encontrando outras pessoas, às vezes amigos, às vezes conhecidos, às vezes desconhecidos".;

"Aqui é um ponto de referência para encontrar os amigos, às vezes eu tô sem cel e tal aí é mais fácil encontrar a galera";

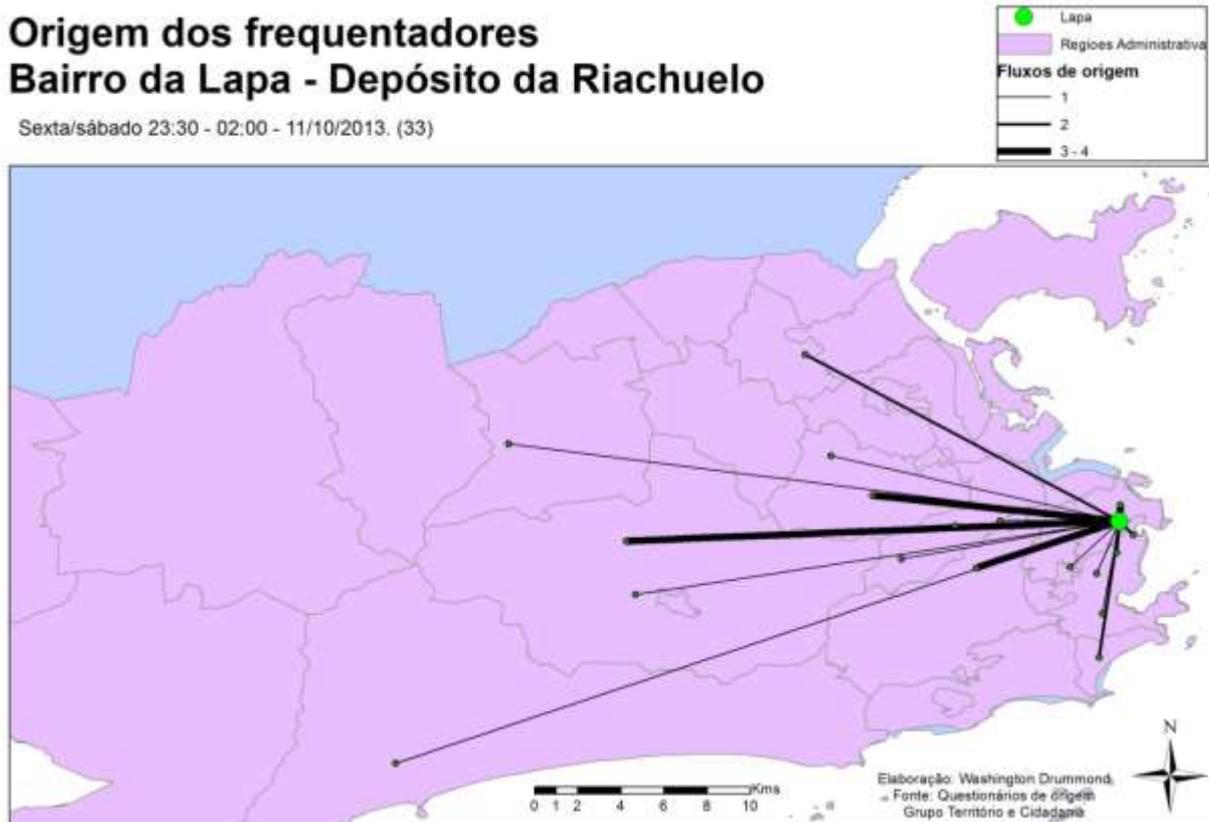
"Tô aqui pra tomar uma cervo no depósito.";

"Nesse ponto específico porque primeiramente a cerveja é barata, tem muitas pessoas circulando, muita gente pra conhecer, trocar ideia, pra conversar.";

"Acho que é um lugar maneiro, acho que é isso, é um lugar onde a galera consegue beber, encontrar os amigos, reunir uma galera legal uma galera diferente, tem todas as opções, diversidade."

Há uma característica comum a esses depósitos que cabe ser ressaltada. Trata-se de sua morfologia. Todos esses estabelecimentos comerciais privados são parecidos: eles não dispõem de espaço interno para receber seus clientes. Todas as pessoas consomem as bebidas compradas no estabelecimento, na calçada e na rua. Dessa maneira, as pessoas acabam se reunindo ao ar livre o que faz com que o rito social da interação seja mais diverso, heterogêneo e livre. Seu público frequentador é formado por pessoas que vêm de bairros como Méier, Taquara, Tijuca, Centro, Vila da Penha, Glória, Copacabana, Catete etc.; conforme demonstra o mapa abaixo.

Figura 56: Mapa de origem dos frequentadores do Depósito da Rua Riachuelo



Feira noturna dos arcos da Lapa

Figura 57: Croqui de localização feira noturna dos arcos da Lapa

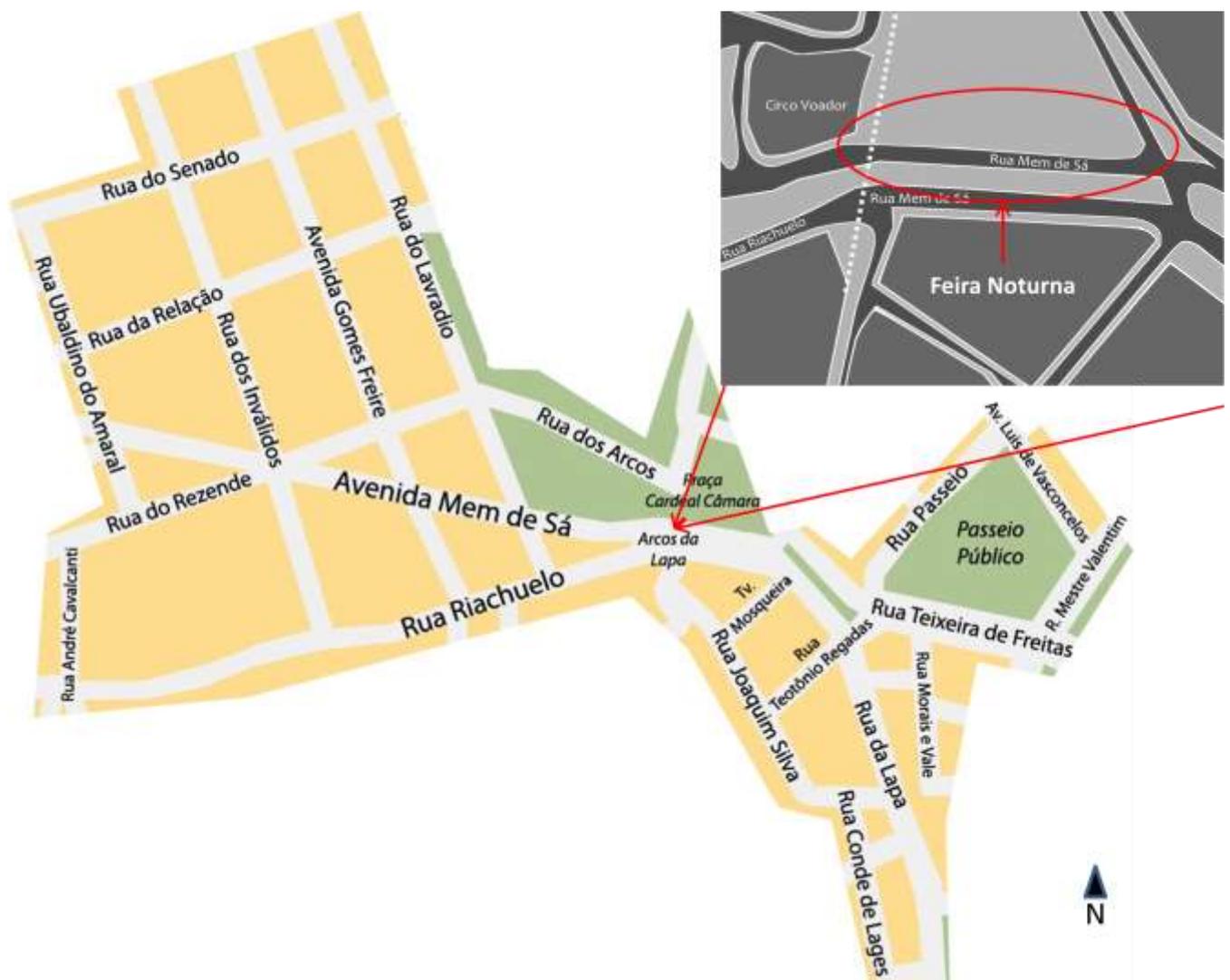


Figura 58: Fotografia da feira noturna dos arcos da Lapa



Figura 59: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa



Figura 60: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa



Figura 61: Fotografia da Feira noturna dos arcos da Lapa



A feira noturna da Lapa é a maior concentração de pessoas em termos de números absolutos (mais de 500 pessoas) e em termos de área do espaço público que ocorre na Lapa. Ela ocupa boa parte da praça ao lado dos arcos e do vão central da Avenida Mem de Sá. Esta grande concentração está sendo polarizada por um conjunto de mais de 30 barracas azuis dispostas nas calçadas e na Praça dos Arcos, que são montadas na rua nos fins de semana à noite e que vendem bebidas e comidas diversas, sendo todas elas padronizadas, legalizadas e fiscalizadas pela prefeitura.

Há uma enorme quantidade de pessoas paradas em pequenos grupos consumindo ao redor das barracas e também circulando entre elas. Há um grupo de indivíduos tocando samba ao vivo logo abaixo dos Arcos que já é bastante tradicional e que concentra uma grande quantidade de estrangeiros que se misturam aos brasileiros ao redor da música e da dança. As pessoas ficam em pé, muitas delas se deslocando, mas não pude observar a existência de códigos de vestimenta e conduta específicos. Essa é uma das áreas que ostenta a maior diversidade de público da Lapa, havendo pessoas de várias idades, classes e tribos urbanas. Essas pessoas ficam conversando, bebendo, fumando, comendo, dançando, sorrindo, discutindo, cantando, enfim interagindo socialmente e se divertindo. Há também uma grande quantidade de policiais parados e circulando por essa área. Conforme afirmaram alguns entrevistados, trata-se de uma área em que as pessoas ficam durante um determinado intervalo de tempo e depois se deslocam para outros lugares. Novamente o encontro social e a bebida são os maiores atrativos:

"Nós estamos aqui porque encontramos um amigo aí paramos aqui pra conversar e tal";

"Porque a cerveja aqui é barata e daqui a gente vai pra outro lugar.";

"Desestressar, encontrar com os amigos".

O vão central da Avenida Mem de Sá, cercado por barracas de ambos os lados se torna um palco privilegiado para o desfile dos muitos estilos que transitam por essa área. Se de um lado dos Arcos ao longo da Avenida Mem de Sá encontramos bares, boates e casas de show de alto padrão, frequentados por segmentos sociais mais abastados; neste trecho da Lapa há bares, boates e casas de show que oferecem preços mais acessíveis, o que faz com que setores menos abastados também possam usufruir do entretenimento noturno. Nesta grande área podemos observar uma mistura social incrivelmente heterogênea, onde os muitos estilos coexistem em um mesmo espaço, sem que ajam divisões ou segmentações. O desfile das diferenças é, certamente, uma marca registrada desta área. E a origem do seu público frequentador demonstra claramente a sua heterogeneidade social, tendo em vista que essas pessoas vêm de

lugares como Botafogo, Copacabana, Flamengo, Del Castilho, Centro, Bonsucesso, Catete, Lapa etc.; conforme podemos observar no mapa abaixo.

Figura 62: Mapa de origem dos frequentadores da feira noturna da Lapa



Rua Joaquim Silva e Travessa da Mosqueira

Figura 63: Croqui de localização da Rua Joaquim Silva e Rua Travessa da Mosqueira⁷⁹



⁷⁹ Elaboração: Andre Felix e Amanda Fernandes.

Figura 64: Fotografia Rua Joaquim Silva



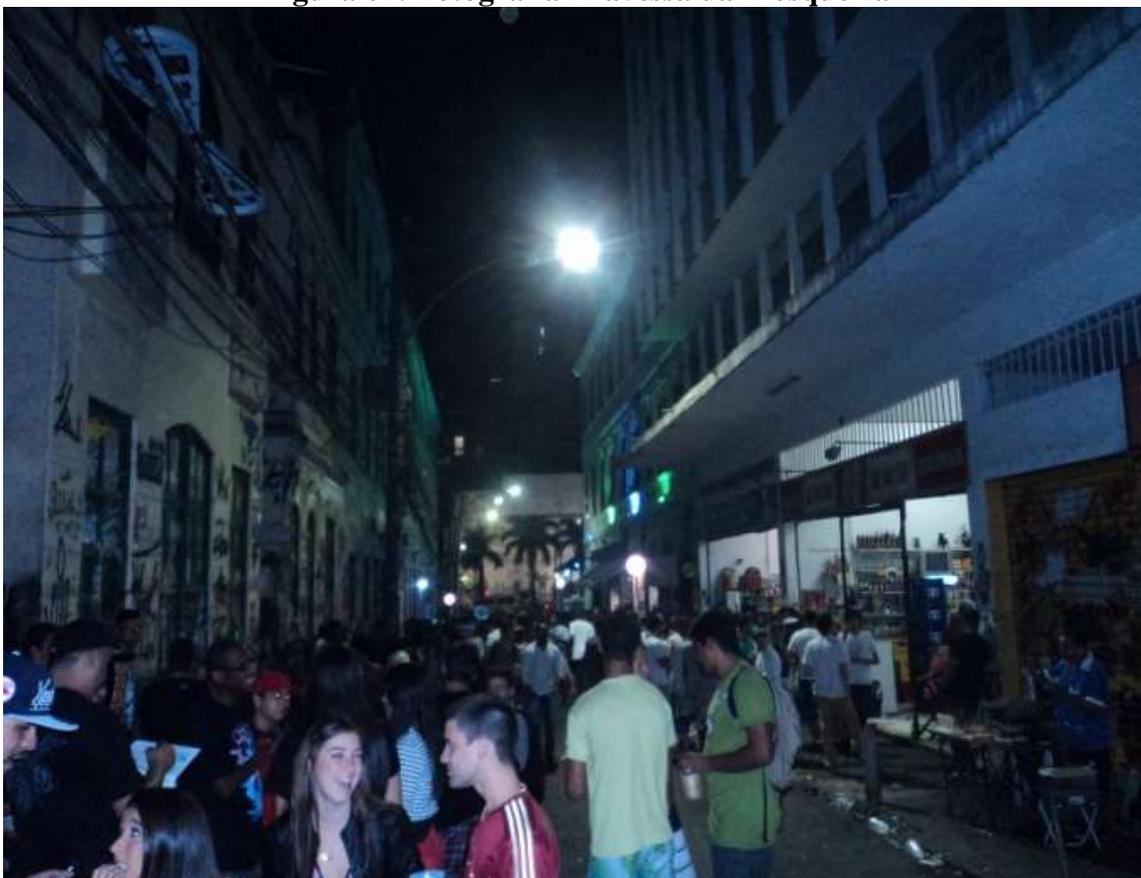
Figura 65: Fotografia Rua Joaquim Silva



Figura 66: Fotografia Travessa da Mosqueira



Figura 67: Fotografia Travessa da Mosqueira



Ao andarmos dos Arcos da Lapa em direção à Rua Joaquim Silva e a Rua Travessa da Mosqueira podemos observar um grande número de pessoas circulando e/ou concentradas em determinados pontos dessas ruas (certamente mais de 300 pessoas). Da mesma maneira que ocorre em outros lugares da Lapa, as aglomerações de pessoas na rua se formam em frente a determinados estabelecimentos comerciais como bares, depósitos e boates que não dispõem de espaço interno capaz de absorver a quantidade de pessoas que circula por elas. Ambas as ruas são pequenas e estreitas (menos de 1 quilometro de extensão e cerca de 15 metros de largura), o que faz com que o limite entre uma aglomeração e outra seja difícil de se precisar, tendo em vista que não há espaço significativo entre elas.

Diversos ritmos musicais como funk, hip hop, reggae e pagode são reproduzidos simultaneamente nos diferentes estabelecimentos, dando origem a uma "paisagem sonora" bastante singular e diversa. Os vários grupos de amigos e conhecidos que são atraídos por esses estabelecimentos e por esses ritmos musicais e acabam produzindo algumas divisões, isto é, sutis diferenças nos padrões de vestimenta e de comportamento que são espacialmente delimitados pela área de influência do ritmo musical que é reproduzido pelos estabelecimentos.

No início da Rua Joaquim Silva, por exemplo, há uma pequena boate. A música alta que extrapola o espaço da boate e se espalha por um trecho específico da rua, faz com que determinados grupos, que são atraídos por esse ritmo musical específico, optem por se concentrar exatamente em frente a este estabelecimento. Se o ritmo musical tocado nessa boate for como de costume o funk, todos os códigos de conduta e vestimenta que são característicos destas pessoas que tem preferência por esse ritmo musical estarão presentes nesta aglomeração que ocupa apenas um determinado trecho da rua.

Se continuarmos andando por essa rua, perceberemos que à medida que caminhamos, o volume do ritmo musical reproduzido pela boate vai diminuindo e é possível escutar outro ritmo musical que é tocado por outro estabelecimento mais a frente. Se esse outro ritmo for, por exemplo, o reggae, novamente um novo padrão de comportamento poderá se formar. Esta outra aglomeração, que é atraída por este outro ritmo musical, é formada por pessoas que, de alguma maneira, compartilham alguns ritos identitários. Ou seja, um conjunto de códigos de comportamento, vestimenta e conduta que são característicos dessas pessoas que são atraídas por esse ritmo musical (por exemplo, indivíduos que ostentam um corte de cabelo conhecido como dreadlock e que costumam fumar maconha). Esses códigos comportamentais

observados ocorrem com maior frequência neste trecho da rua que é polarizado por esses ritmos musicais, dando origem a uma espécie de área de influência da música.

Nessas duas ruas há, portanto, inúmeros micro-contextos de interação que são orientados pela localização de determinados estabelecimentos comerciais e dos ritmos musicais que são reproduzidos por eles. Podemos assim afirmar que a localização geográfica destes diversos ritmos musicais tende a produzir diferentes formas de conduta que são, nesse sentido, espacialmente condicionados, delimitados e convencionados, dando origem ao que se poderia chamar de *territorialidade da música*.⁸⁰

Estes padrões de comportamento que são espacialmente delimitados e condicionados podem ser observados em toda a extensão destas duas ruas. Da mesma forma que ocorre com outras áreas da Lapa, é possível perceber uma enorme quantidade e diversidade de tipos sociais e/ou tribos urbanas que circulam por aqui. Os adeptos do funk, do pagode, do reggae, do hip hop, da música eletrônica, do rock etc. interagem socialmente em um espaço físico reduzido sem que isso implique necessariamente em conflito. Essas pessoas bebem, fumam, conversam, flertam, paqueram, brincam, sorriem, discutem, comem, dançam, cantam, circulam, se aglomeram, enfim, interagem socialmente, transformando a rua em um autêntico espaço de sociabilidade.

Eis os motivos que, segundo os entrevistados, teriam levado essas pessoas a escolherem essa área da Lapa:

"Curtindo um sambinha aqui"

"Eu sempre fico aqui nessa esquina quando eu venho."

"Eu tô aqui porque aqui estão pessoas que batem com o que eu sou, que pensam como eu, sem preconceito"

"Vim só trabalhar mesmo (...) vendendo aqui"

"Eu vim hoje pra trazer meus amigos da Alemanha pra conhecerem e tô aqui esperando eles voltarem com umas caipirinhas"

"Acabei de chegar nesse momento, sempre do uma passada aqui pra ver como o reggae tá"

"Só pra descontrair mesmo, tô parado aqui, mas poderia estar em outro ponto da Lapa, escolhi aleatoriamente mesmo."

"Porque eu vim com amigos, mas geralmente eu não fico aqui."

Podemos assim concluir que os principais atrativos dessas duas ruas da Lapa, ou seja, os seus elementos polarizadores, são a música, a bebida e a reunião diversa de grupos de indivíduos.

⁸⁰ Ver no croqui da página 151.

No que se refere ao seu público frequentador podemos notar que há pessoas oriundas de bairros como a própria Lapa, Copacabana, Centro, Penha, Irajá, Vila Isabel, Méier, Botafogo etc.; conforme podemos notar no mapa abaixo:

Figura 68: Mapa de origem dos frequentadores da Rua Joaquim Silva



Escadaria Selarón

Figura 69: Croqui de localização da Escadaria Selarón

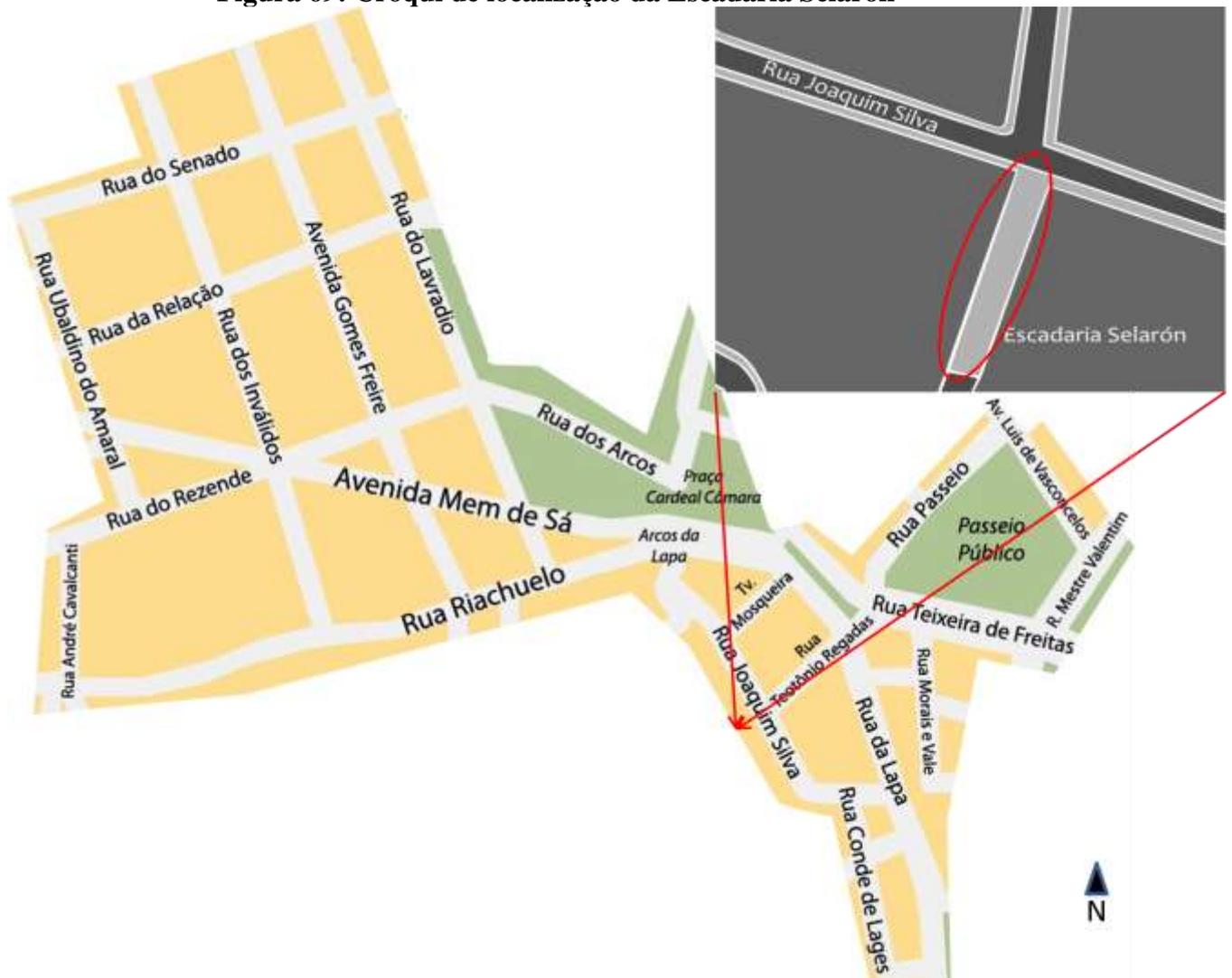


Figura 70: Fotografia Escadaria Selarón



Figura 71: Fotografia Escadaria Selarón



Figura 72: Fotografia Escadaria Selarón



Figura 73: Fotografia Escadaria Selarón



A escadaria Selarón, também conhecida como escadaria da Lapa, fica lotada nos fins de semana à noite. As mais de 200 pessoas que se concentram nesta área, em sua maioria, grupos de jovens que conversam, bebem, fumam, cantam e fazem uso de substâncias ilegais como maconha, por exemplo, transformam esse espaço em um ponto de encontro bastante disputado, conforme podemos observar no depoimento de alguns dos entrevistados:

"Porque aqui é legal (fumar maconha sem ser incomodado), aqui é um ponto de encontro, você sempre encontra alguém aqui, por mais que você venha sozinho, sempre vai ter alguém aqui, alguma parada, independente do lugar do Rio, você vai sempre encontrar alguém aqui"

"Porque tem lugar pra fumar (maconha) e pra encontrar os amigos"

"Nós viemos aqui pra fumar um né, aqui pode fumar maconha tranquilo, sem polícia."

"Pô, eu to esperando uns amigos aí."

Na base da escadaria, uma pequena área plana, podemos notar que há uma maior concentração de turistas estrangeiros que estão divididos em pequenos grupos, bem próximos de onde estão dois carros da polícia. Eles fotografam a belíssima escadaria a todo instante e, além disso, aproveitam a aglomeração para conhecer pessoas dos mais variados países do mundo. À medida que se sobe a escada é possível notar que o número de estrangeiros vai ficando menor, e os brasileiros se tornam maioria. Na base da escada, a maior parte das pessoas está em pé enquanto no resto dela a maioria das pessoas se encontra sentada. Alguns grupos de pessoas cantam e tocam violões, mas a grande maioria delas está conversando, bebendo e fumando.

Segundo afirmaram alguns entrevistados, como se sabe, além da beleza estética, a escadaria da Lapa tem outros atrativos, pelo menos nas sextas à noite, ela se torna uma área livre para o consumo de entorpecentes, o que acaba fazendo com que determinados grupos sociais ali se reúnam para consumir ou mesmo comprar substâncias ilícitas. Podemos assim dizer que o ritual da interação social nesta área é permeado pelo uso dessas substâncias, isto é, trata-se de um rito de identidade, principalmente em relação à maconha. Assim sendo podemos afirmar que esta grande aglomeração está sendo polarizada principalmente por duas coisas: o uso de substâncias entorpecentes ilícitas e a contemplação da bela paisagem que a escada oferece, tendo em vista que esse é um dos mais conhecidos pontos turísticos da Lapa. Contudo, novamente, a enorme diversidade de indivíduos e grupos que se concentram nessa área transformou-a em um autêntico espaço de sociabilidade, onde o cosmopolitismo e a indiferença parecem imperar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lapa
Está voltando a ser
A Lapa
A Lapa
Confirmando a tradição
A Lapa
É o ponto maior do mapa
Do Distrito Federal
Salve a Lapa!

O bairro das quatro letras
Até um rei conheceu
Onde tanto malandro viveu
Onde tanto valente morreu

Enquanto a cidade dorme
A Lapa fica acordada
Acalentando quem vive
De madrugada

Herivelto Martins e Benedito Lacerda (1949)

Após a década de 1990, conforme demonstramos ao longo desta dissertação, o bairro da Lapa se transformou em um dos mais disputados pontos de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro, isto é, um lugar central para a sociabilidade noturna. Ao se percorrer suas ruas, nos fins de semana à noite, é possível perceber que seus espaços públicos se transformam em verdadeiros espaços de sociabilidade. Pessoas provenientes dos mais variados pontos da cidade ali se reúnem para manifestar livremente sua diversidade sociocultural. Nesses espaços, os indivíduos e grupos interagem socialmente sem parecerem se importar com as diferenças: ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e adultos, pretos e brancos, favelados e playboys, suburbanos e moradores da zona sul, intelectuais e trabalhadores, músicos e artistas, prostitutas e travestis, funkeiros e roqueiros, pagodeiros e sambistas etc., se encontram dando origem a um verdadeiro espetáculo da vida pública. Tais diferenças sociais, ao invés de se converterem em conflito, se transformaram no principal atrativo da Lapa. Neste espaço de sociabilidade, o encontro com o inesperado, com o inusitado, não é uma exceção; ao contrário disso, é a ordem.

Nas últimas décadas, o bairro da Lapa voltou a fazer parte do imaginário da população carioca, ganhando o status de principal espaço de sociabilidade da boemia carioca. Anteriormente a década de 1990, a Lapa vinha ocupando uma posição "marginal" na identidade carioca. Após esse período, contudo, as novas formas de apropriação devolveram a este espaço sua anterior vitalidade e importância, graças a sua atual função na cidade: um

espaço de sociabilidade vibrante, um verdadeiro ponto de encontro noturno dos cariocas. Diversas expressões musicais como o jongo, o reggae, o rock, o forró, o rap, o funk, o samba, o pagode, o jazz, o blues, o choro etc. parecem conviver em um mesmo espaço. A localidade da Lapa se tornou, nesse sentido, um centro de convergência, de encontro, de visibilidade e de referência social para a urbe carioca. Certamente, não há como dissociar o seu sucesso atual de sua histórica associação com a vida noturna. Isso fica claro nas inúmeras referências ao passado e à história local que estão presentes em sua paisagem e que preenchem de significados suas práticas cotidianas. A vivência deste local parece evocar a própria memória da cidade e simbolizar o ato de pertencer ao contexto que a construiu. Assim sendo, podemos então afirmar que a centralidade em termos de sociabilidade de que dispõe a Lapa atualmente, não se refere exclusivamente ao seu público frequentador, ela é também uma centralidade simbólica, que devolve à Lapa uma posição de destaque na identidade carioca.

Por todos esses motivos, podemos dizer que a Lapa representa hoje a transição daquilo que estamos chamando de uma sociabilidade **na** cidade para uma sociabilidade **da** cidade. Seus espaços públicos (ruas, praças e calçadas) funcionam como verdadeiras passarelas, por onde desfilam os muitos estilos que caracterizam aquilo que poderíamos chamar de sociedade ou cultura carioca. Caminhar pelas ruas da Lapa nos fins de semana à noite parece ter se tornado um rito de identidade entre a população da cidade. Os muitos estilos que por ali transitam e se aglomeram, se reunindo ou se segmentando, nos permitiram demonstrar que o fenômeno da sociabilidade é detentor de uma clara espacialidade. A formação desses diferentes pontos de concentração e deslocamento de pessoas demonstra claramente que sua apropriação e os seus usos característicos não são aleatórios. Cada ponto de concentração e/ou dispersão de pessoas reúne certas características que, de alguma maneira, acaba atraindo ou repelindo essas pessoas, ou seja, o fenômeno da sociabilidade é também, essencialmente, um fenômeno espacialmente condicionado.

Nesta dissertação de mestrado, particularmente, nos propomos demonstrar, de um lado, como o bairro da Lapa se transformou em um lugar central para a sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro e, de outro lado, como este fenômeno, a sociabilidade, se organiza espacialmente neste bairro. Tendo em vista os resultados obtidos, acreditamos ter oferecido uma nova possibilidade de interpretação para as recentes mudanças ocorridas no bairro Lapa. Nosso olhar geográfico, nesse sentido, nos possibilitou demonstrar a incontornável dimensão espacial deste fenômeno que é a sociabilidade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. A. "Evolução urbana do Rio de Janeiro". Rio de Janeiro, Iplan. 1997.

_____. "Sobre a Memória das Cidades." In: Revista da Faculdade de Letras - Geografia I série, vol. XIV, Porto, pp. 77-97, 1998.

ALCANTARA, D. "Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: Os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego". Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

_____. "Revisita ao Corredor Cultural: Resgate do Processo de Revitalização do Centro Histórico do Rio de Janeiro". In: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

ALIHAN, M. "Estudios de comunidade y ecológicos". Reproduzido de "Social Ecology". Nova York: Columbia University Press, 1938, pp. 81-91. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

ANGROSINO, M. "Etnografia e Observação Participante". (Coleção Pesquisa Qualitativa/ Coordenada por Uwe Flick). Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, V. "Lapa Carioca, Uma (Re)Apropriação do Lugar." Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2009.

BAEZA, P. "Imagem da degradação urbana: Lapa, Rio de Janeiro". Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARTOLY, F. "A Lapa Boêmia e a Lapa Reificada como Lugar do Espetáculo: Uma Análise da Produção do Lugar." Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói, 2013.

BECKER, H. "Conferência: A Escola de Chicago". In: MANA 2(2): 177-188, Tradução: Vera Pereira, 1996.

BELL, W. "Utilidad de la Tipologia de Shevky Para el Diseño de Estudios de Campo de Subáreas Urbanas" Reproduzido de Journal of Social Psychology, XLVII, 1958, pp. 71-83, In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

BERDOULAY, V. "A Ecologia Urbana, o Lugar e a Cidadania." Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, n° 7, p. 79-92, jul./dez. 1999.

BERDOULAY, CASTRO & GOMÈS. "L'espace public entre mythe, imaginaire et culture." In: *Cahiers de Géographie du Québec*. v. 45, n. 126, p. 413-428, dez., 2001.

BURGESS, E. W. "El Crecimiento de la Ciudad: Introducción a um proyecto de investigación". Reproduzido de: "The City", dirigido por Robert E. Park, Ernest Burgess e R. D. McKenzie, Chicago: University of Chicago Press, 1925, pp. 47-62. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

BRANDÃO, J. "Cultura, Patrimônio e Lazer na Construção Social do Espaço Público no Rio de Janeiro: A 'Revitalização' da Lapa." XI congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Des)igualdade. Salvador, 7 a 10 de agosto. 2011.

BRUNHES, J. "Geografia Humana". Rio de Janeiro. Editora Fundo de Cultura, 1962.

CARVALHO, M. "Sociabilidade e Escassez". Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP. 2002.

CASCO, A. C. A. J. "O Arco das Lapas: Um Estudo de Antropologia Urbana." Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

CLAVAL, P. "Epistemologia da Geografia". Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

CORRÊA, R. "O Espaço Urbano". São Paulo: Ed. Ática, 1989.

_____. "Repensando a teoria das localidades centrais." In: Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. pp.15-40, 1997.

_____. "Espaço: um conceito chave da geografia". In: Castro, I. Gomes, P. & Corrêa, R. (org). Brasil, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

COSGROVE, D. " Geography and Vision: Seeing, imagining, and representing the world". New York NY, I.B.Tauris & Co Ltd, 2008.

COSTA, A. "A Lapa no Passado e Hoje: Boemia na Cidade do Rio de Janeiro." Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/IFCS. 2010.

COSTA, R. "Em Busca do Espaço Perdido: A Reconstrução das Identidades Espaciais do Bairro da Lapa na Cidade do Rio de Janeiro." Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGG-UFRJ, 1993.

COSTALLAT, Benjamim. "No Bairro da Cocaína", 1924. In: Isabel Lustosa (Org.). "Lapa do Desterro e do Desvario – uma antologia". Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

DAMATA, G. "Antologia da Lapa: Vida Boêmia no Rio de Ontem". Rio de Janeiro: Editora Codecri. Coleção Edições do Pasquim - Vol. 41, [1965] 1978.

DAMATTA, R. "O Ofício de Etnólogo, ou como Ter 'Anthropological Blues'" In: Museu Nacional como Comunicação n.º 1, edição mimeografada, Setembro, 1974.

DAVIE, M. R. "El Modelo Del Crecimiento Urbano". Reproduzido de Studies of Society, diretor Georg P. Murdock (New Haven: Yale University Press, 1938, pp. 133-161. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

DEFFONTAINES, P. "Posições da Geografia Humana - Por que Geografia Humana?". In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 81, pp. 93-112, 2005.

DUARTE, C. F. "Lapa: abrigo e refúgio da cultura popular carioca." In: XIII Encontro Nacional da ANPUR ENANPUR, 2009, Florianópolis. Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUR: Planejamento e Gestão do Território, 2009.

DRIVER, F. "On Geography as a Visual Discipline". In: Editorial Board of Antipode. Main Street, Malden, MA 02148, USA, 2003.

ELIAS, N. "A Sociedade Dos Indivíduos". Organizado por Michael Schroter; tradução , Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FEBVRE, L. "A Terra e a Evolução Humana: Introdução Geográfica à História." Lisboa. Edições Cosmos, 1991.

FELIX, A.; SÁNCHEZ, H. & GÓIS, M. "A Construção do Bairro da Lapa Como Lugar Central Para a Sociabilidade Noturna Carioca: Uma Análise dos Projetos de Espaços Públicos". In: Anais do XIII Simpósio de Geografia Urbana "Ciência e Ação Política: Por Uma Abordagem Crítica". Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 18 a 22 de novembro - Rio de Janeiro, 2013.

FIREY, W. "Sentimiento y Simbolismo Como Variables Ecológicas". Reproduzido de American Sociological Review, X, abril de 1945, pp. 140-148. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

_____. "Comentario de – Investigación de Comunidad: Desarrollo y Condición actual – de Hollingshead" Reproduzido de American Sociological Review, XIV, fevereiro de 1949, pp. 31-41 In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

FONSECA, T. P. "Participação em ações de preservação: o caso do Corredor Cultural do Rio de Janeiro." In: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo. 2009.

FOOTE-WHYTE, W. "Treinando a Observação Participante". In: "Desvendando Máscaras Sociais". Alba Zaluar Guimarães. 2ª Edição, p. 77-86, 1975.

FRÚGOLI, H. "Sociabilidade Urbana." Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

GANS, H. "Participant Observation in the Era of 'Ethnography'". In: Journal of Contemporary Ethnography, Vol. 28 No. 5, October, pp. 540-548, 1999.

GETTYS, W. E. "Ecología Humana y Teoria Social" Reproduzido de Social Forces, XVIII, maio de 1940, pp. 469-476. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

GOÉS, C. "Comunicação e Música: A (re)invenção da tradição do samba e do choro no circuito cultural da Lapa". Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

- GOMES, P. C. C. "Geografia e Modernidade". 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. "A Cultura Pública e o Espaço: Desafios Metodológicos" In: ROSENDHAL, Z. e CORRÊA, R. L. (org.) Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.
- _____. "Geografia *fin de siècle* o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões." In Castro, I. Gomes, P. & Corrêa, R. (org), Explorações Geográficas, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, pp.13-42, 1998.
- _____. "O Silêncio das Cidades: Os Espaços Públicos sob Ameaça, a Democracia em Suspensão." In: Cidades 4: p. 249-266. Presidente Prudente, 2004.
- _____. "Cenários da vida urbana: imagens, espaços e representações." In: Cidades 5: p. 9-16. Presidente Prudente, 2008.
- _____. "A Condição Urbana: Ensaio de Geopolítica da Cidade". – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. "A Longa Constituição do Olhar Geográfico". In: Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012.
- _____. "O Lugar do Olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade". Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013.
- GOFFMAN, E. "Comportamento em Lugares Públicos: Notas Sobre a Organização Social dos Ajuntamentos". Tradução de Fábio Rodriguez Ribeiro da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. "Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face". Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. - Petrópolis, RJ.: Vozes (Coleção Sociológica), 2011.
- GUIMARÃES, L. "A Sociabilidade e Seus Espaços: um estudo histórico a partir de seus intérpretes". UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, RJ. 2008.
- GUTERMAN, B. "Cidade-produto, bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros". Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.
- HATT, P. "El Concepto de área natural". Reproduzido de American Sociological Review, XI, agosto de 1946, pp. 423-427. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.
- HAWLEY, A. H. "Discusión de - Investigación de comunidades: desarrollo y situación actual -, de Hollingshead" Reproduzido de American Sociological Review, XIII, abril de 1948. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.
- HARTSHORNE, R. "Questões sobre a natureza da geografia". Rio de Janeiro, I. P. G. H., Comissão de Geografia, Textos básicos, 1969.
- HARVEY, D. "Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio". São Paulo, Espaço e Debates, n. 39, p. 48-64, 1996.

- HERSCHMANN, M. "Lapa, cidade da música". Rio de Janeiro. Editora Mauad, 2007.
- HOLLINGSHEAD, A. B. "Nuevo exame de la teoria ecológica". Reproduzido de *Sociology and Social Research*, XXXI, enero-febrero de 1947, páginas 194-204. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.
- IRIAS, F. "A Renovação Urbana da Lapa, Rio de Janeiro: Um Território de Conflito?" Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2007.
- JOSEPH, I. "Erving Goffman e a microssociologia". Tradução: Cibele Saliba Rizek - Rio de Janeiro: Editora FGV, 96p. 2000.
- _____. "A Escola de Chicago: Entrevista com Isaac Joseph". Por Lícia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. *BIB*, Rio de Janeiro, n.º 49, pp. 3-13, 1º semestre de 2000.
- JONASSEM, C. T. "Variables Culturales en la Ecología de un Grupo Étnico" Reproduzido de *American Sociological review*, XIV, fevereiro de 1949, pp. 32-41 In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.
- KUSHNIR, B. "A Lapa e os filhos da revolução boemia". Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.
- LUSTOSA, I. "A luz difusa do abajur lilás" In: Isabel Lustosa (Org.). "Lapa do desterro e do desvario – uma antologia". Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- LEONI, C. "Considerações Sobre a Sociabilidade do Homem Urbano: Uma (re)Leitura de Georg Simmel". *Teoria e Sociedade*. Nº 15.1 – p. 34-51, 2007.
- LUKÁCS, G. Narrar ou Descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo. In: *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 43-94, 1965.
- MAGALHÃES, R "Distrito Cultural da Lapa". Tornado público em 2006.
- MARTINS, L. "Noturno da Lapa". Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, [1964] 1997.
- MARTINS e OLIVEIRA. "O que está acontecendo com a Lapa? Transformações recentes de um espaço urbano na área central do Rio de Janeiro" – XII Encontro de Geógrafos Latino Americanos, 3 a 7 de Abril, Montevideu, Uruguai, 2009.
- MCKENZIE, R. "El Ámbito de la Ecología Humana". Reproduzido de *Publications of American Sociological Society*, XX, 1926, páginas 141-154, American Sociological Association. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.
- MELLO, J. "Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro". *Espaço e Cultura*, ano 1, outubro de 1995.
- MELLO, M. & VOGEL, A. "Gente das Areias: História, Meio Ambiente e Sociedade no Litoral Brasileiro Maricá-RJ 1975 a 1995". Niterói: Eduff, 2004.

_____. "Lições da Rua: O Que um Racionalista Pode Aprender no Catumbi", In Arquitetura Revista, FAU-UFRJ, V.1, no1, Rio de Janeiro: UFRJ, pp.67-79, 1983.

MOSCIARO, M. "Gentrificação na Lapa? Um estudo sobre mudanças na área central do Rio de Janeiro." Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MUMFORD, L. "A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas". São Paulo: Martins Fontes, 4ª edição, 1998.

MYERS, J. K. "Asimilación a Los Sistemas Ecológico y Social de una Comunidad" Reproduzido de American Sociological review, XV, junho de 1950, pp. 367-372 In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

NERI, S. "Pontes: Proximidades e Distanciamentos Entre as Propostas de Sociologia de Georg Simmel, Pierre Bourdieu e Norbert Elias". Teoria e Pesquisa VOL. XVI - nº 02 - Jul/dez, 2007.

OLIVEIRA, & SANTOS "Música e Imaginários na Produção da Cidade: A Vitalidade Complexa da Lapa Carioca. Scripta Nova. Revista Eletrônico de Geografia e Ciências Sociais. Universidad de Barcelona. Vol. XIV, núm. 331 (95), 1 de agosto de 2010.

PARK, R. "A Cidade: Sugestões Para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano". Reproduzido de American Journal of Sociology, XX, (março de 1916), pp. 577-612. In: VELHO, O (org.) "O fenômeno Urbano". Traduzido por Sérgio Marques dos Reis. 2ª Edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.

_____. "Ecología Humana". Reproduzido de "The American Journal of Sociology", XLII, julho de 1936, 1-15, University of Chicago Press. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

QUINN, J. A. "La Natureza de la Ecologia Humana: Reexamen y Redefinición". Reproduzido de Social Forces, XVII, dezembro de 1939, pp. 161-168. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

RATZEL, F. "Geografia do homem". In: Ratzel. MORAES, A. C. R. (Org.). São Paulo-SP: Ed. Ática (Col. Grandes Cientistas Sociais.), 1990.

REZENDE, C. "Os Limites da Sociabilidade: 'cariocas' e 'nordestinos' na Feira de São Cristóvão". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001.

RIBEIRO, L. P. & GOMES. P.C. C."A produção de imagens para a pesquisa em geografia." ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 33, P.27-42, JAN./JUN. DE 2013.

ROSE, G. "On the Need to Ask How, Exactly, Is Geography 'Visual'?" In: Editorial Board of Antipode. Main Street, Malden, MA 02148, USA, 2003.

SAMPAIO, J. "A Persistência da Subutilização dos Centros das Metrôpoles Brasileiras: O Estudo de Caso do Corredor Cultural do Rio de Janeiro". FORUM PATRIMÔNIO: amb. constr. e patr. s u s t . , Belo Horizonte ,v.1, n .1,set . /dez. 2007.

SANTOS, M. "A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção", Hucitec, São Paulo, 1996.

SANTOS, T. "Condomínio Residencial Cores da Lapa: um 'gueto de luxo' encravado no centro histórico carioca" Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2011.

SAUER, C. O. "A morfologia da paisagem". Traduzido por Gabrielle Corrêa Braga. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Org.), Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 12-74.

SHEVKY, S. & BELL, W. "Análisis de Área Social". Reproduzido de Social Area Analysis, de Shevky e Bell, com permissão dos editores, Stanford University Press. Foram selecionadas as páginas 3-5, 17-19, 54-48, 20-22, e 59. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974

SILVA, C. "O Cluster de Entretenimento da Lapa: Uma Análise do Processo de Inovação na Economia da Música da Região da Lapa — RJ" Programa de Pós-Graduação em Economia do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, H. "A Situação Etnográfica: Andar e Ver". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 171 - 188, jul./dez. 2009.

SILVEIRA, C. "O Entrelaçamento Urbano-Cultural : Centralidade e Memória na Cidade do Rio de Janeiro". Programa de Pós-graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SOUZA, M. "O Bairro Contemporâneo: Ensaio e Abordagem Política." In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun., 1989.

SIMMEL, G. "Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade." – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. "A Metrópole e a Vida Mental". In: "O Fenômeno Urbano". (org) Otávio Guilherme Velho. Zahar Editores, 1º Edição, 1973.

THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona – 15, 1974.

TOPALOV, C. "Para um Historicismo Reflexivo na História das Ciências. O Caso da Escola de Chicago na Sociologia." In: URBANA - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. Dossiê Cidade, imagem, história e interdisciplinaridade. Tradução de Maria Stella Bresciani, v. 2, n. 2, 2007.

VALVERDE, R. "A Transformação da Noção de Espaço Público: A Tendência à Heterotopia no Largo da Carioca." Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

VELHO, G. "Observando o Familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. "Entrevista Com Gilberto Velho". In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro. nº 28, p. 183-210, 2001.

VELHO, G. & CASTRO. V. "O Conceito de Cultura em Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica". Artefato: Jornal de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan. 1978.

VERÍSSIMO, A. M. "A Retomada do Bairro da Lapa, Rio de Janeiro: O Fenômeno de aumento de frequentadores e opções de lazer no Bairro Boêmio." Habilitação em Publicidade e Propaganda Rio de Janeiro – RJ, 2009.

VIDAL DE LA BLACHE, P. "Princípios de Geografia Humana". 2ª Ed. Edições Cosmos, Lisboa, 12 de maio, 1954.

_____. " Geografia Geral: Os Gêneros de Vida na Geografia Humana". In: GEOgraphia - Ano 7 - Nº 13- 2005.

WIRTH, L. "O Urbanismo Como Modo de Vida". Reproduzido de "Urbanism as Way of Life", The American Journal of Sociology, vol. XLIV, nº 1, julho de 1938. Copyright by the University of Chicago Press. In: VELHO, O (org.) "O fenômeno Urbano". Traduzido por Marina Corrêa Treuherz. 2ª Edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.

_____. "Ecología Humana". Reproduzido de American Journal of Sociology, L, maio de 1945, pp. 483-488, com permissão da University of Chicago Press. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

ZORBAUGH, H. W. "Las Áreas Naturales de la ciudad". Reproduzido de Publications of American Sociological Society, XX, 1926. In: THEODORSON, G. "Estudios de Ecología Humana" Editorial Labor, S. A. Calabria. Barcelona, 1974.

ANEXOS
(Instrumentos metodológicos)

Figura 74: Questionário

QUESTIONÁRIO DOS FREQUENTADORES			
Nº do questionário:		Entrevistador:	Andre Felix de Souza
Data:		Horário	Tempo
Ponto de observação			
CARACTERIZAÇÃO			
Sexo		Masculino	Feminino
Idade			
Grau de instrução		Fundamental	
		Médio	
		Superior	
		Técnico	
		Pós-graduação	
		Nunca frequentou a escola	
Ocupação principal		Empregado com carteira	
		Empregado sem carteira	
		Dono de empresa	
		Procurando emprego	
		Autônomo	
		Dono (a) de casa	
		Estudante	
		Aposentado	
		Desempregado	
Bairro/Município de origem <i>(onde o entrevistado estava antes de vir)</i>			
Bairro de residência <i>(onde o entrevistado reside)</i>			
Frequência		Primeira vez	+ 3 vezes ao mês
		1 vez ao mês	Eventualmente
		2 vezes ao mês	
Dia da Semana		Durante a semana	
		Fim de semana	
		Todos os dias	
Motivo da vinda			

Figura 75: Entrevista

ENTREVISTA ABERTA

- 1 – O que faz você vir à Lapa normalmente e o que você faz quando vem?
- 2 - Por que você veio hoje à Lapa e por que você está nesse ponto específico agora?
- 3 - Que tipo de pessoa você gosta de encontrar na Lapa e por quê?
- 4 - Quando você vem à Lapa você costuma permanecer quanto tempo na rua, se deslocando ou parado (a)?
- 5 - Que tipo de música você prefere escutar aqui na Lapa?
- 6 - Que lugares na Lapa você costuma frequentar? (espaços públicos e privados)
- 7 – O que você acha que te atrai nesses lugares que você mencionou?
- 8 - Que tipo de música você não gosta de escutar aqui na Lapa?
- 9 – Existe algum tipo de pessoa que você não gosta de encontrar na Lapa e por quê?
- 10 - Existe algum lugar na Lapa que você não goste ou evita de ir? (espaços públicos e privados)
- 11 - Por que você não gosta desses lugares?

Figura 76: Manual de observação

CONCENTRAÇÃO

Manual de observação
(assinale o número do croqui correspondente)

Observador:	<input type="text"/>	Data:	<input type="text"/>	Horário:	<input type="text"/>
Local:	<input type="text"/>	Condições do tempo	<input type="text"/>		
Ponto de observação	<input type="text"/>				
Descrição geral da concentração					
<input type="text"/>					

Número aproximado de indivíduos:					Fotos
(1) 10-20	(2) 21-50	(3) 51-100	(4) >100	(5) Multidão	<input type="text"/>

Perfil sociodemográfico dos indivíduos <i>(preencher com o nº aproximado)</i>					Fotos
	Crianças	Jovens	Adultos	Idosos	<input type="text"/>
Homem	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
Mulher	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	

Tempo médio de permanência no local <i>(perguntar aos integrantes)</i>		Período do dia em que permanece no local <i>(perguntar aos integrantes)</i>	
Menos de uma hora	<input type="text"/>	Início da noite – (22:00 – 00:00)	
Uma hora	<input type="text"/>	Metade da noite - (00:00 – 03:00)	
Duas horas	<input type="text"/>	Final da noite – (03:00 – 06:00)	
Três a cinco horas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
Mais de cinco horas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	

Comportamentos e atividades			
Interação entre os indivíduos	Posição na relação com a morfologia	Número de indivíduos	Fotos
<i>Indivíduos conversando, jogando, observando etc.</i>	<i>Parados de pé no calçadão formando uma roda, sentados ao longo do meio-fio, deitados no gramado etc.</i>		<i>*Modelo</i>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>